



PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA
SHEPARD

ROCCO
JOVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Agradecimentos

Quero agradecer a todas as pessoas que com seu interesse sem medidas, fez com que esse projeto de tradução andasse. E quero agradecer aos leitores com seu apoio incondicional.

Moderador

Patryck Pontes

tradução

Aline Krieger

Wender H

Agnes

Bruna K.

Patryck Pontes

Gabriela Thim

Rafaela Azevedo

Cícero Augusto

Gaaby C.

Fernanda Puttinick

Revisão

Iago

Erson Oliveira

Yara Almeida

Patryck Pontes

Há duas tragédias na vida. Uma é perder o desejo de seu coração.

A outra é ganhá-lo.

-GEORGE BERNARD SHAW

OLHE NOVAMENTE

Dizem que uma imagem vale mais que mil palavras. Uma câmera de vigilância pega uma bela morena pegando um punhado de jóias Tiffany. A foto de um paparazzi expõe um caso amoroso entre uma jovem estrela e um diretor casado. Mas o que a imagem não pode dizer é que a menina era uma caixa de loja pegando as pulseiras para seu chefe, ou que o diretor pediu o divórcio no mês passado.

E o que dizer sobre uma foto de família? Tomemos, por exemplo, uma foto de uma mãe, pai, irmã e irmão, rindo na varanda da frente de uma mansão de luxo vitoriana. Agora olhe mais de perto. O sorriso do pai parece meio forçado. A mãe olha para a casa do vizinho à esquerda, ou talvez para o próprio vizinho. O irmão aperta o parapeito da varanda como se quisesse quebrá-lo ao meio. E a irmã sorri misteriosamente, como se estivesse escondendo um segredo delicioso. Metade do quintal foi destruído por um trator gigante amarelo, e há alguém à espreita no fundo, nada mais que um borrão de cabelos loiros e pele pálida. É um cara... Ou uma menina? Poderia ser um truque de luz ou uma mancha de dedos.

Ou talvez todas essas coisas que você perdeu a primeira vista, significa muito mais do que você jamais poderia imaginar.

Quatro meninas bonitas de Rosewood acreditam ter uma imagem clara do que aconteceu na noite em que sua melhor amiga desapareceu. Alguém foi preso, e o caso foi fechado. Mas se elas olharem através de suas memórias mais uma vez, pensando nos arredores, nos sentimentos incômodos que não podiam evitar, nas pessoas bem debaixo de seus narizes, essa imagem pode mudar bem diante de seus olhos. Se respirarem fundo e olharem de novo, elas podem ser surpreendidas, até mesmo se apavorarem, com o que descobrir.

A verdade é mais estranha que a ficção, depois de tudo. Especialmente aqui em Rosewood.

A noite de junho foi nebulosa e sem lua. Grilos cantavam na espessa floresta negra, e todo o bairro cheirava a azaléias frescas, velas de citronela, e cloro de piscina. Os novos carros de luxo foram escondidos nas garagens para três carros. Tal como tudo em Rosewood, na Pensilvânia, um chique, subúrbio rústico a cerca de vinte milhas de Filadélfia, nenhuma folha de grama estava fora do lugar, e todos estavam exatamente onde eles deveriam estar.

Quase todos.

Alison DiLaurentis, Spencer Hastings, Aria Montgomery, Emily Fields e Hanna Marin acenderam todas as luzes do apartamento do celeiro, que ficava atrás da casa de Spencer, preparando-se para sua festa de pijama do final da sétima série. Spencer rapidamente despejou várias garrafas vazias de Corona na lata de lixo reciclável.

Elas pertenciam a sua irmã, Melissa, e ao namorado, Ian Thomas, a quem Spencer tinha banido do celeiro momentos antes. Emily e Aria lançaram seus sacos de dormir amarelo e marrom da LeSportsac em uma pilha no canto.

Hanna se deixou cair no sofá e começou a comer a sobra da pipoca . Ali fechou a porta do celeiro e virou a tranca. Ninguém ouviu o squish de passos na grama orvalhada ou viu a luz de nevoeiro da respiração sobre a janela.

Estalo.

— Então, meninas — Alison saltou e empoleirou-se no braço do sofá de couro. — Eu sei a coisa perfeita para fazer — A janela não estava aberta, mas o vidro era fino, e suas palavras farfalharam através da calma noite de junho. — Eu aprendi a hipnotizar as pessoas. Eu poderia fazer com todas vocês de uma vez.

Houve uma longa pausa. Spencer segurou a cintura de sua saia de hóquei em campo.

Aria e Hanna trocaram um olhar preocupado.

— Por Favooooooooooooooooor? - Ali disse, pressionando as palmas das mãos juntas como se estivesse em oração. Ela olhou para Emily. — Você vai deixar eu hipnotizar você, certo?

— Um... — A voz de Emily tremia. — Bem...

— Eu vou fazer isso — interrompeu Hanna.

Estalo.

Zumbido.

Todas concordaram relutantes. Como não podiam? Ali era a garota mais popular em Rosewood Day, a escola que freqüentavam. Caras queriam namorar com ela, as meninas queriam ser ela, os pais pensavam que ela era perfeita, e ela sempre teve tudo o que ela queria.

Foi um sonho que Ali havia escolhido Spencer, Aria, Emily, Hanna e fazer parte de sua turma no projeto de caridade de Rosewood Day do ano anterior, transformando cada uma delas de indescritíveis ninguéns em importantes e brilhantes alguéns. Ali as levou em viagens de fim de semana para Poconos, deu-lhes máscaras de lama, e o bilhete dourado para a melhor mesa no refeitório. Mas ela também as obrigou a fazer coisas que não queriam fazer, como A Coisa com Jenna, um segredo terrível que prometeram guardar até a morte. Às vezes, elas se sentiram como bonecas sem vida, com Ali coordenando todos os seus movimentos.

Ultimamente, Ali tinha ignorado suas chamadas, saía com suas amigas mais velhas de hóquei de campo, e ficou aparentemente apenas interessada nos segredos e defeitos das meninas. Ela brincou com Aria sobre o relacionamento secreto de seu pai com uma de suas alunas. Ela zombou de crescente obsessão de Hanna por Cheez-Its e sua cintura crescente. Ela zombou da paixão de Emily por ela, e ameaçou revelar que Spencer tinha beijado o namorado de sua irmã. Cada menina suspeitava que sua amizade com Ali estava escapando de sua mãos.

No fundo, elas se perguntavam se seriam amigas de Ali depois desta noite.

Estalo.

Ali correu ao redor, acendendo as velas com aroma de baunilha com um Zippo e fechando as cortinas - apenas por acaso. Ela disse às meninas para se sentarem de pernas cruzadas no tapete circular trançado. Elas o fizeram, olhando inquietas e desconfortáveis. Que poderia acontecer se Ali realmente conseguisse hipnotizá-las? Todas elas estavam escondendo segredos que só Ali sabia. Segredos que não queriam contar umas às outras, sem falar no resto do mundo.

Estalo.

Zumbido.

Ali começou lentamente a contar para trás a partir cem, sua voz macia e calma.

Ninguém se mexeu. Ali atravessou a sala na ponta dos pés, passando pela mesa do computador de carvalho, pelas estantes repletas de livros, e pela cozinha minúscula. Todas permaneceram como estátuas. Ninguém olhou pela janela. Nenhuma delas ouviu o mecanismo da velha câmera Polaroid enquanto tirava fotos borradas ou o ruído da câmera cuspidando as fotos no chão. Havia espaço suficiente através das persianas para obter uma imagem decente de todas elas.

Estalo.

Zumbido.

Quando Ali estava quase perto de um, Spencer pulou e correu direito à janela de trás.

— É muito escuro aqui — Spencer proclamou. Ela abriu as cortinas, deixando entrar a noite. — Eu quero mais claro. Talvez todo mundo queira.

Alison olhou para as outras. Seus olhos estavam fechados. Seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Feche as cortinas — Ela insistiu.

Spencer revirou os olhos.

— Deus, tome um calmante.

Ali olhou para fora da janela agora aberta. O medo cintilou em seu rosto. Ela viu? Ela sabia quem estava lá? Ela sabia o que estava vindo?

Mas, então, Ali se voltou para Spencer. Suas mãos se fecharam em punhos.

—Você acha que devo tomar um calmante?

Estalo. Outra foto caiu da câmera. A imagem lentamente materializada do nada.

Spencer e Ali se entreolharam por um longo tempo. As outras garotas permaneceram no tapete. Hanna e Emily balançando para frente e para trás, presas em um sonho, mas os olhos de Aria estavam semi-abertos. Seu olhar estava em Spencer e Ali, assistindo a briga se desenrolar, mas sentindo-se impotente para detê-las.

—Saia — Spencer pediu, apontando para a porta.

—Ótimo — Ali caminhou para a varanda, batendo a porta com força atrás dela.

Ali se deteve por um momento, respirando profundamente. As folhas das árvores sibilavam e sussurravam. A luz amarela em estilo lanterna sobre a porta da frente iluminava a metade esquerda do corpo de Ali. Havia carranca furiosa e decidida em seu rosto. Ela não olhou temerosamente ao redor da casa. Ela não sentiu a presença perigosa que se escondia tão perto.

Talvez porque Ali estava preocupada, mantendo um segredo perigoso de si própria. Ela tinha alguém para encontrar agora. E outra pessoa a evitar.

Depois de um momento, Ali começou a descer o caminho. Segundos depois, a porta do celeiro bateu novamente. Spencer a seguiu, alcançando-a do outro lado das árvores. Seus sussurros ficando cada vez mais furiosos. Você tenta roubar tudo de mim. Mas você não pode ter isso. Você leu sobre isso no meu diário, não é? Você acha que beijar Ian era tão especial, mas ele me disse que você nem sabia como.

Houve o som, liso e úmido de sapatos escorregando na grama. Um grito. Uma pancada perigosa. Um grito horrorizado. E depois

silêncio.

Aria saiu na varanda e olhou em volta.

— Ali? — Ela gritou, o lábio inferior tremendo.

Nenhuma resposta. As pontas dos dedos de Aria tremeram, talvez ela sentiu, no fundo, que não estava sozinha.

— Spencer? — Aria chamou novamente. Ela estendeu a mão e tocou o sino de vento, desesperada por um som. Eles bateram em conjunto melodicamente.

Aria voltou para o celeiro quando Hanna e Emily voltavam a si.

— Eu tive o mais estranho sonho — Emily murmurou, esfregando os olhos — Ali caía num abismo, e havia estas plantas gigantes.

— Esse era meu sonho também! — Hanna chorou.

Elas olharam uma para outra confusas.

Spencer estava de volta na varanda, confusa e desorientada.

— Onde está Ali? — As outras garotas perguntaram.

— Não sei — , disse Spencer em uma voz distante. Ela olhou em volta. —Eu pensei ...

eu não sei.

A esta altura, os Polaroids já tinham sido pegos do chão e arrumados de forma segura em um bolso. Mas, então, a câmera disparou novamente por acidente, a iluminação do flash no revestimento de madeira vermelha. Outra foto saiu.

Estalo. Zumbido.

As meninas olharam para a janela, congeladas e aterrorizadas como cervos. Era alguém lá? Ali? Ou talvez tenha sido Melissa ou Ian. Eles tinham acabado de sair dali, depois de tudo.

Elas mantiveram-se em silêncio. Dois segundos se passaram. Cinco. Dez. Havia apenas o silêncio. Era apenas o vento, elas decidiram. Ou talvez um galho de árvore raspando contra o vidro, tão doloroso como alguém raspar suas unhas contra uma lousa.

— Eu acho que quero ir para casa — disse Emily à suas amigas.

As meninas saíram do celeiro juntas, irritadas, envergonhadas, abaladas. Ali as tinha abandonado. A amizade acabou. Eles começaram a andar pelo quintal de Spencer, sem saber das coisas terríveis que viriam. O rosto na janela desapareceu, também, foi seguir Ali no caminho. Tudo tinha sido posto em movimento. O que estava prestes a acontecer já tinha começado.

Poucas horas depois, Ali estaria morta.

1

UM LAR DESTRUIDO

Spencer Hastings esfregou seus olhos sonolentos e colocou um waffle Kashi na torradeira. A cozinha de sua família cheirava a café fresco, pães, e limpador de limão. Os dois labradoodles, Rufus e Beatrice, circularam suas pernas, suas caudas balançando.

A pequena TV LCD no canto estava sintonizando uma notícia. Uma repórter com uma jaqueta azul Burberry estava de pé com o chefe da polícia de Rosewood e um homem de cabelos grisalhos em um terno preto. A legenda dizia *Os Assassinatos de Rosewood*.

— Meu cliente foi injustamente acusado —, disse o homem de terno. Ele era o juiz público nomeado para William "Billy" Ford, e foi a primeira vez que ele tinha falado com a imprensa desde a prisão de Billy.

— Ele é absolutamente inocente. Ele foi enganado.

— Certo —, Spencer cuspiu. Sua mão tremia enquanto colocava café em uma caneca azul de Rosewood Day. Não havia dúvida na mente de Spencer de que Billy tinha matado sua melhor amiga, Alison DiLaurentis, quase quatro anos atrás. E agora ele tinha assassinado Jenna Cavanaugh, uma garota cega do ano de Spencer, e provavelmente Ian Thomas, ex-namorado de Melissa — a paixão secreta de Ali e primeiro acusado de seu assassinato. Policiais encontraram uma camiseta suja de sangue que pertencia a Ian no

carro de Billy e eles estavam agora em busca de seu corpo, embora eles não tinham chegado a nenhuma pista.

Lá fora, um caminhão de lixo resmungou manobrando na rua sem saída onde Spencer vivia. Uma fração de segundo depois, o mesmo som rosou pelos alto-falantes da TV. Spencer caminhou até a sala de estar e separou as cortinas na janela da frente. Claro, uma van do noticiário tinha estacionado na calçada. Um cinegrafista girou de uma pessoa para a outra, e outro cara segurava um microfone gigante apoiado contra o vento tempestuoso. Spencer podia ver a boca da repórter se movendo através da janela e ouvir a voz dela pelo alto-falante da TV.

Do outro lado da rua, o quintal dos Cavanaughs foi envolto em fita amarela da polícia.

Um carro da polícia havia sido estacionado em sua garagem, desde o assassinato de Jenna. O

cão guia de Jenna, um pastor alemão corpulento, olhou para fora da janela de sacada da sala de estar. Ele permaneceu lá dia e noite nas últimas duas semanas, como se esperasse pacientemente o retorno de Jenna.

A polícia encontrou o corpo de Jenna sem vida numa vala atrás da casa dela. Segundo relatos, os pais de Jenna chegaram em casa no sábado à noite e encontraram a casa vazia. O Sr.

e Sra. Cavanaugh ouviram latidos frenéticos e persistentes na parte traseira de sua propriedade.

O cão guia foi amarrado a uma árvore... mas Jenna tinha ido embora. Quando soltaram o cão, ele correu direto para o buraco que os encanadores tinham cavado recentemente para reparar uma tubulação de água que estourou. Mas havia mais coisa dentro desse

buraco do que o tubo recém-instalado. Era como se o assassino de Jenna quisesse ser encontrado.

Uma denúncia anônima levou a polícia a Billy Ford. Os policiais também o acusaram de matar Alison DiLaurentis. Fazia sentido, Billy tinha feito parte da equipe de construção do gazebo para os DiLaurentis no mesmo fim de semana em que Ali desapareceu. Ali havia se queixado sobre olhares lascivos que um dos trabalhadores deu a ela. Na época, Spencer tinha pensado que Ali queria se gabar. Agora ela sabia o que realmente aconteceu. A torradeira estalou e Spencer voltou para a cozinha. A notícia tinha cortado de volta para o estúdio, onde uma âncora morena usando grandes brincos de argola estava sentada numa mesa longa.

— A polícia recuperou uma série de imagens incriminatórias no laptop de Ford que ajudaram a levar à sua prisão —, disse a âncora em voz grave. — Essas fotos mostram até que ponto o Sr. Ford estava perseguindo Srta. DiLaurentis, Srta. Cavanaugh, e outras quatro garotas conhecidas como Pretty Little Liars ".

A montagem de fotos antigas de Jenna e Ali apareceu. Em muitas delas estavam olhando como se tivessem sido tiradas furtivamente a partir de um esconderijo atrás de uma árvore ou dentro de um carro. Então veio imagens de Spencer, Aria, Emily e Hanna. Algumas das fotos eram de sétima série, quando Ali ainda estava viva, mas outras eram mais recentes, teve uma das quatro meninas em vestidos escuros e saltos no julgamento de Ian, esperando Ian aparecer. Havia uma outra foto delas se reunindo nos balanços de Rosewood Day, vestidas com casacos de lã, chapéus e luvas, provavelmente discutindo sobre o novo A.

Spencer fez uma careta.

— Há também mensagens no computador de Ford que correspondem às notas ameaçadoras enviadas para as ex-melhores amigas de Alison —, a repórter continuou. Uma imagem de Darren Wilden saindo de um confessionário e um monte de conhecidos e-mails e conversas por mensagens instantâneas passando. Cada nota estava assinada com uma nítida letra A. Spencer e suas amigas não haviam recebido uma única mensagem desde que Billy havia sido preso.

Spencer tomou um gole de café, mal percebendo o líquido quente deslizando pela sua garganta. Era tão bizarro que Billy Ford, um homem desconhecido, estava por trás de tudo o que tinha acontecido. Spencer não tinha idéia do porque ele fez essas coisas.

— Sr. Ford tem uma longa história de violência —, a repórter continuou. Spencer olhou sobre sua caneca de café. Um vídeo do YouTube mostrou uma imagem difusa de Billy e um cara com uma camiseta dos Phillies numa briga no estacionamento do Wawa.

Mesmo depois do cara cair no chão, Billy continuou a chutá-lo. Spencer levou a mão à boca, imaginando Billy fazendo a mesma coisa com Ali.

— E estas imagens, encontradas no carro do Sr. Ford, nunca foram vistos antes.

Uma foto Polaroid borrada apareceu. Spencer se inclinou para frente, com os olhos cada vez maiores. Foi tirada dentro do celeiro de sua família, que tinha sido arruinado no incêndio que Billy

provocara várias semanas atrás, presumivelmente para destruir as provas que o ligariam aos assassinatos de Ali e Ian. Na foto, quatro meninas estavam sentadas no tapete redondo no centro da sala, suas cabeças inclinadas. Uma quinta menina ficou acima delas, com os braços no ar.

A foto seguinte foi da mesma cena, exceto que a menina em pé tinha se movido alguns centímetros para a esquerda. Na foto seguinte, uma das meninas que estava sentada se levantou e foi até a janela.

Spencer reconheceu o cabelo sujo da menina loira e com sua saia de hóquei em campo.

Ela engasgou. Ela estava olhando para ela mais jovem. Essas fotos foram da noite que Ali desapareceu. Billy tinha estado parado fora do celeiro, observando.

E elas nunca souberam.

Alguém soltou uma tosse seca atrás dela. Spencer virou. A Sra. Hastings sentou-se à mesa da cozinha, olhando fixamente para uma caneca de chá Earl Grey. Ela estava usando um par de calças cinzas de ioga Lululemon, com um pequeno furo no joelho, meias brancas sujas, e uma grande polo Ralph Lauren. Seu cabelo estava pegajoso, e havia migalhas em sua bochecha esquerda. Normalmente, a mãe de Spencer não deixava sequer os cães da família vê-la a menos que ela estivesse absolutamente imaculada.

— Mãe? — Spencer disse timidamente, perguntando-se se sua mãe havia visto as fotografias também. A Sra. Hastings virou a

cabeça lentamente, como se ela estivesse se movendo debaixo d'água.

— Oi, Spence —, disse ela com voz apagada. Então ela se virou de volta para seu chá, olhando miseravelmente o saco no fundo do copo.

Spencer mordeu a ponta da unha de seu dedo mindinho com francesinha. No topo de tudo, sua mãe estava agindo como um zumbi... e foi tudo culpa dela. Se ela não tivesse deixado escapar o segredo horrível que Billy disselhe sobre sua família: que seu pai tinha tido um caso com a mãe de Ali, e Ali era meio irmã de Spencer. Billy havia convencido Spencer que a mãe dela sabia sobre o caso e matou Ali para punir seu marido. Spencer tinha confrontado a mãe, apenas para descobrir que sua mãe não sabia de nada nem fez nada. Depois disso, a Sra.

Hastings chutou o pai de Spencer para fora de casa, e depois desistiu da vida por completo.

— O familiar clique-clique-clique de saltos nos pisos na sala de mogno atravessou o ar.

A irmã de Spencer, Melissa, berrou na sala, rodeada por uma nuvem de Miss Dior. Ela usava vestido azul pálido Kate Spade, suéter cinza e saltos baixos, e seu cabelo louro-escuro estava preso com uma faixa cinza. Trazia uma prancheta prateada debaixo do braço e uma caneta Montblanc atrás da orelha direita.

— Ei, mamãe! — Melissa chamou brilhantemente, dando-lhe um beijo na testa. Então, ela viu Spencer, — Hey, Spence —, disse ela friamente.

Spencer caiu na cadeira mais próxima. O benevolente sentimento, estou-feliz-que-você-

esteja-viva que ela e sua irmã tinham compartilhado na noite que Jenna foi assassinada durou exatamente 24 horas. Agora, as coisas estavam de volta a situação inicial, com Melissa culpando Spencer pela ruína de sua família, esnobando Spencer em todas as chances que tivesse, e tendo todas as responsabilidades em casa como a predileta que ela sempre foi.

Melissa levantou a prancheta.

— Eu estou indo para Fresh Fields. Quer algo de especial? — Ela falou à Sra. Hastings com uma voz muito alta, como se ela tivesse 90 anos de idade e fosse surda.

— Oh, eu não sei, — A Sra. Hastings disse melancolicamente. Ela olhou para as palmas das mãos abertas como se elas contivessem uma grande sabedoria. — Realmente não importa, não é? Nós comemos a comida, e depois ela vai embora, e então nós estamos com fome de novo. — Diante disso, ela se levantou, suspirou alto, e se arrastou nas escadas para seu quarto.

O lábio de Melissa se contraiu. A prancheta bateu contra seu quadril. Ela olhou para Spencer, estreitando os olhos. Olha o que você fez, sua expressão gritou.

Spencer ficou olhando a longa fila de janelas que davam para o quintal. Folhas de gelo azul pálido brilhavam na passagem de volta. Pingentes de gelo pendiam das árvores chamuscadas. O antigo celeiro da família era um amontoado de madeira escura e cinzas,

ruínas do incêndio. O moinho de vento ainda estava em pedaços, e MENTIROSA rabiscado na base.

Lágrimas correram pelos olhos de Spencer. Sempre que olhava para seu quintal, ela tinha que resistir ao impulso de correr para o andar de cima, enroscar-se debaixo da cama, e fechar a porta. As coisas tinham sido incríveis entre Spencer e seus pais antes dela expor o caso de seu pai para todos de uma vez. Mas Spencer agora se sentia da mesma forma de quando provou pela primeira vez o sorvete de cappuccino caseiro da Creamery em Hollis, depois de apenas uma lambida, ela teve que comer o cone todo. Após um gostinho do que uma família decente e amorosa era, ela não poderia voltar à disfunção e abandono.

A televisão continuou a soar, uma foto de Ali preenchendo a tela. Melissa fez uma pausa para escutar por um momento quando o repórter passou pela linha do tempo do assassinato.

Spencer mordeu o lábio. Ela e Melissa não tinham discutido o fato de que Ali era a sua meia-irmã. Agora que Spencer sabia que ela e Ali estavam relacionadas, tudo mudava. Por um longo tempo, Spencer tinha odiado o tipo de Ali — ela tinha controlado cada movimento seu, armazenando cada segredo. Mas nada disso importava agora. Spencer apenas desejava que ela pudesse voltar no tempo para salvar Ali de Billy naquela noite horrível.

A estação cortou para o estúdio, onde especialistas sentados em torno de uma mesa alta estilo bistrô , discutiam o destino de Billy.

— Você não pode confiar em ninguém —, exclamou uma mulher de pele morena em um terno vermelho-cereja. — Nenhuma criança está a salvo —

— Agora, espere um segundo. — Um homem negro com um cavanhaque acenou com a mão para detê-los. — Talvez devêssemos dar uma chance ao Sr. Ford. Um homem é inocente até que provem o contrário, certo?

Melissa pegou sua bolsa preta de couro Gucci .

— Eu não sei por que eles estão desperdiçando tempo discutindo isso —, ela cuspiu acidamente. — Ele merece apodrecer no inferno.

Spencer deu à sua irmã um olhar inquieto. Esse foi outro acontecimento estranho no lar dos Hastings, Melissa tornou-se, inequivocamente, quase fanaticamente confiante de que Billy era o assassino.

Toda vez que as notícias apontavam uma incoerência no caso, Melissa ficava furiosa.

— Ele vai para a cadeia —, disse Spencer tranquilizadora. — Todo mundo sabe que ele fez isso.

— Bom —. Melissa se virou, arrancou as chaves da Mercedes de dentro da tigela de cerâmica ao lado do telefone, abotoou o paletó xadrez Marc Jacobs que ela tinha comprado na Saks na semana anterior, — aparentemente ela não foi suficientemente abalada por seu lar desfeito para não fazer compras, e bateu a porta.

Como os especialistas continuaram a briga, Spencer foi até a janela da frente e viu como sua irmã afastou-se da entrada de

automóveis. Havia um sorriso inquietante nos lábios de Melissa que deu um arrepio na espinha de Spencer.

Por alguma razão, Melissa parecia quase... *aliviada*.

2

OS SEGREDOS AGORA ENTERRADOS

Aria Montgomery e seu namorado, Noel Kahn, se amontoaram enquanto caminhavam pelo estacionamento de estudantes de Rosewood Day até à entrada do lobby. Uma corrente de ar quente cumprimentou-os enquanto entravam, mas quando Aria percebeu a tela perto do auditório, o seu sangue gelou. Sobre uma longa mesa estava uma grande foto de Jenna Cavanaugh.

A pele de porcelana de Jenna brilhava. Seus lábios naturalmente vermelhos revelavam um leve sorriso. Ela usava grandes óculos de sol Gucci que escondiam sua cegueira. *Nós vamos sentir sua falta, Jenna*, diziam as letras douradas acima da imagem. Próximo a ela estavam pequenas imagens, flores e outras recordações e presentes. Alguém tinha adicionado um maço de cigarros Marlboro Ultra Light para o memorial, mesmo que Jenna não fosse o tipo de garota que fuma.

Aria deixou escapar um pequeno gemido. Ela tinha ouvido falar que a escola iria construir um santuário em honra de Jenna, mas algo sobre ele parecia tão... brega.

— Merda, — Noel sussurrou. — Nós não devíamos ter vindo por esta porta.

Os olhos de Aria se encheram de lágrimas. Num minuto, Jenna estava viva — Aria a tinha visto em uma festa na casa de Noel, rindo com Maya St. Germain. Então, praticamente no minuto seguinte... bem, o que aconteceu depois foi muito horrível para se pensar. Aria sabia que devia se sentir aliviada, pelo menos o assassino de Jenna tinha sido capturado, o assassinato de Ali tinha sido resolvido, e as mensagens de ameaça de A tinha parado, mas o que tinha

acontecido não poderia ser desfeito, uma garota inocente ainda estava morta.

Aria não podia ajudar, mas se perguntou se ela e suas amigas poderiam ter feito mais para impedir a morte de Jenna.

Quando Billy — como A — tinha se comunicado com elas, ele enviou uma foto para Emily de Jenna e Ali quando eram mais jovens. Depois ele dirigiu Emily para a casa de Jenna, quando ela e Jason DiLaurentis estavam discutindo. Ele estava, obviamente, dando-lhes uma dica sobre sua próxima vítima. Jenna tinha também permanecido recentemente no gramado da frente de Aria, olhando como se precisasse contar algo a Aria. Mas quando Aria chamou por ela, Jenna empalideceu e rapidamente se afastou. Será que ela havia sentido que Billy iria machucá-la? Aria devia saber que algo estava errado?

Uma menina do segundo ano colocou uma única rosa vermelha sobre o memorial. Aria fechou os olhos. Ela não precisava de nenhuma lembrança de tudo o que Billy tinha feito. Só naquela manhã ela tinha visto uma reportagem sobre um conjunto de Polaroids que ele tinha tirado em sua festa do pijama no fim da sétima série. Era difícil acreditar que Billy tinha estado tão perto. Enquanto ela mastigava seus flocos de quinoa no café da manhã, ela tinha analisado a memória daquela noite mais uma vez, tentando se lembrar de mais alguma coisa. Será que ela ouviu qualquer barulho estranho na varanda ou uma respiração suspeita na janela? Havia sentido olhos furiosos encarando através do vidro? Mas ela não conseguia se lembrar de nada.

Aria encostou-se na parede no outro extremo do lobby. Um bando de garotos do time estavam em torno de um iPhone, rindo

sobre um aplicativo que fazia um barulho de vaso sanitário. Sean Ackard e Kirsten Cullen estavam comparando respostas da tarefa de trigonometria. Jennifer Thatcher e Jennings Silver estavam próximas ao santuário de Jenna. O

quadril de Jennifer bateu contra a mesa, derrubando uma pequena foto de Jenna em uma moldura de ouro brilhante.

Um nó apertou o peito do Aria. Ela atravessou a sala e endireitou o quadro. Jennifer e Jennings se foram, sentindo-se culpadas.

— Tenha algum respeito —, Aria virou-se para elas de qualquer maneira.

Noel tocou o braço de Aria.

— Vamos lá —, disse ele suavemente. —Vamos sair daqui.

Ele a puxou para fora do átrio e virou a esquina. Crianças estavam em seus armários, pendurando seus casacos e retirando livros. Em um canto distante, Tons Shark, do coral de Rosewood, estava ensaiando uma versão de "I Heard It Through The Grapevine" para um próximo concerto. O irmão de Aria, Mike, e Mason Byers estavam em um jogo de empurra perto das fontes de água.

Aria aproximou-se de seu armário e girou a fechadura.

— É como se ninguém sequer se lembrasse do que aconteceu —, ela murmurou.

— Talvez seja a sua forma de lidar —, Noel sugeriu. Ele descansou o braço sobre Aria.

— Vamos fazer algo para distrair sua mente disso.

Aria se contorceu para fora do casaco xadrez que havia comprado em um brechó em Philly e pendurou-o em um gancho em seu armário.

— O que você tem em mente?

— Qualquer coisa que você quiser.

Aria deu-lhe um abraço de gratidão. Noel tinha cheiro de chiclete de hortelã e alcaçuz que pendia do espelho retrovisor de seu Cadillac Escalade.

— Eu não me importaria de ir para Clio, esta noite, — Aria sugeriu. Clio era um café pitoresco que tinha aberto no centro de Rosewood. Os chocolates quentes eram servidos em canecas do tamanho de um chapéu de baseball.

— Feito —, respondeu Noel. Mas então ele estremeceu e fechou os olhos. — Espere.

Eu não posso esta noite. Eu tenho o meu grupo de apoio.

Aria assentiu. Noel havia perdido um irmão mais velho ao suicídio e, agora, participava de reuniões de apoio e tristeza. Depois que Aria e suas velhas amigas haviam visto o espírito de Ali na noite do incêndio no celeiro de Spencer, Aria contatou uma médium que lhe disse que Ali matou Ali, levando Aria brevemente a achar que Ali tinha cometido suicídio, também.

— Está ajudando? — perguntou ela.

— Eu acho que sim. Espere — Noel estalou os dedos para algo do outro lado do corredor. — Por que não vamos a isso?

Ele estava apontando para um cartaz rosa. Tinha silhuetas negras de crianças dançando por todas as partes, como os antigos anúncios do iPod. Mas em vez de segurar Nanos e Touches, eles estavam segurando pequenos corações brancos. ENCONTRE O AMOR NO

BAILE DOS NAMORADOS NESTE SÁBADO — dizia o cartaz em letras vermelhas brilhantes.

— O que você diz? — Havia um olhar docemente vulnerável no rosto de Noel. — Quer ir comigo?

— Oh! — Aria deixou escapar. Na verdade, ela queria ir para o baile do Dia dos Namorados desde que Teagan Scott, um calouro bonito, perguntou a Ali na sétima série. Aria e as outras tinham ajudado Ali se preparar como se ela fosse Cinderela saindo para o baile. Hanna estava encarregada de enrolar os cabelos de Ali, Emily ajudou Ali em seu vestido de saia bailarina, e Aria teve a honra de colocar o pingente de diamante que a Sra. DiLaurentis tinha emprestado para Ali para passar a noite em volta de seu pescoço.

Mais tarde, Ali se gabava de seu belo arranjo de punho, da música incrível que o DJ tocou, e de como o fotógrafo a seguiu o tempo todo, dizendo que ela era a garota mais bonita do lugar. Como sempre.

Aria olhou timidamente para Noel.

— Talvez isso fosse divertido.

— É, definitivamente vai ser divertido —, Noel corrigiu. — Eu prometo. — Seus olhos azuis penetrantes se suavizaram. — E você sabe, as pessoas no Y estão começando um outro grupo de luto. Talvez você deva ir.

— Oh, eu não sei —, disse Aria evasivamente, movendo-se para fora do caminho enquanto Gemma Curran tentava guardar seu case de violino no armário ao lado. — Eu não estou realmente nessa de terapia de grupo.

— Basta pensar sobre isso —, aconselhou Noel.

Então, ele inclinou-se, beijou Aria na bochecha e saiu. Aria o viu desaparecer na escada.

Aconselhamento para o luto não era a resposta, ela e suas velhas amigas se reuniram com uma conselheira do sofrimento chamada Marion em janeiro, em uma tentativa de deixar Ali para trás, mas só tinha deixado elas mais obcecadas.

A verdade era que algumas inconsistências e perguntas não respondidas sobre o caso permaneceram, coisas que Aria ainda não conseguia deixar de pensar. Como exatamente Billy sabia tanto sobre ela e suas amigas, até os segredos sombrios da família de Spencer. Ou o que Jason DiLaurentis tinha dito a Aria no cemitério, depois que ela o acusou de ser paciente psiquiátrico: Você entendeu tudo errado. O que Aria entendeu errado? Jason tinha sido obviamente um paciente em Radley, um hospital psiquiátrico que agora virou hotel de primeira classe. Emily tinha visto o seu nome em todos os registros hospital.

Aria bateu a porta do armário. Quando ela começou a descer o corredor, ela ouviu uma risada distante, a mesma que ela tinha ouvido quando começou a receber mensagens de A. Ela olhou ao redor, seu coração batendo contra a sua caixa torácica. As salas estavam vazias, todos correndo para a aula. Ninguém estava prestando nenhuma atenção nela.

Com as mãos trêmulas, Aria enfiou a mão na bolsa de pele de iaque e tirou seu telefone celular. Ela clicou no ícone de envelope, mas não havia novas mensagens de texto. Sem novas pistas de A.

Ela suspirou. É claro que não havia uma nova nota de A - Billy havia sido preso. E

todas as pistas de A tinham sido um engano. O caso foi resolvido. Não fazia sentido pensar nas coisas que não se encaixavam. Aria deixou cair o telefone de volta em sua bolsa e enxugou o suor de suas palmas em seu blazer. A tinha desaparecido, disse a si mesma. Talvez se ela repetisse o suficiente, ela realmente começasse a acreditar.

3

HANNA E MIKE, CASAL PODEROSO

Hanna Marin sentou em uma mesa de canto no Steam, um café chique de Rosewood Day, à espera de seu namorado, Mike Montgomery, que logo chegaria. Era o último período do dia na escola, e ambos estavam livres. Para se preparar para o mini encontro, Hanna folheou o mais recente catálogo da Victoria Secret e marcou várias páginas. Ela e Mike gostavam de escolher quais meninas tinham os peitos mais falsos. Hanna tinha uma versão desse jogo com sua melhor amiga agora morta que tinha virado uma maníaca assassina, Mona Vanderwaal, mas era muito mais divertido jogá-lo com Mike. A maioria das coisas eram mais divertidas com Mike. Os caras com quem Hanna tinha saído no ano passado eram muito certinhos para olharem para as meninas quase nuas, ou então achavam que rir delas era ruim. O melhor de tudo era que, graças a ele ser um membro da equipe de lacrosse de Rosewood Day, Mike era mais popular do que todos eles, mesmo Sean Ackard, que tinha começado um tipo de pregação, desde que ele tinha terminado com Aria e reprometido sua devoção ao clube da virgindade.

O iPhone de Hanna tocou. Ela puxou-o para fora de seu estojo de couro rosa. Na tela havia um novo e-mail de Jessica Barnes, uma repórter local. Ela estava procurando alguma pista para outra história de Billy Ford. *O que pensam sobre o advogado Billy dizer que ele é inocente? Reações aos Polaroids de vocês quatro sobre a noite em que Alison desapareceu?*

Conta pra mim! J.

Hanna excluiu a mensagem sem responder. A idéia de que Billy era inocente era besteira. Advogados provavelmente dizem isso

sobre os seus clientes, mesmo eles sendo os maiores vermes da terra.

Hanna não tinha nenhum comentário sobre as horripilantes Polaroids nebulosas da noite em que Ali desapareceu. Ela não queria pensar nunca mais na festa de pijamas enquanto ela vivesse. Sempre que ela se atrevia a pensar nas mortes de Ali, Ian, ou Jenna... ou como Billy tinha perseguido Hanna e suas velhas amigas, o seu coração batia mais rápido do que uma batida techno¹. E se os policiais não tivessem apanhado Billy? Será que Hanna teria sido a próxima?

Hanna olhou pelo corredor da escola, desejando que Mike se apressasse. Um bando de garotos estava inclinado contra os armários, brincando com seus BlackBerrys. Um rapaz de aparência de esquilo estava escrevendo notas na mão, provavelmente para um teste que tinha no próximo período. Naomi Zeigler, Riley Wolfe, e a meia-irmã de Hanna, Kate Randall, estavam paradas próximas a uma grande pintura a óleo de Marcus Wellington, um dos fundadores da escola. Elas estavam rindo de alguma coisa que Hanna não podia ver, seus cabelos brilhantes, as saias três centímetros acima do joelho, todas elas usando sapatos Tod e collants estampados J.

1 **Techno:** Música Techno, parecido com música eletrônica, só que mais rápido.

Crew.

Hanna alisou o novo top de seda safira Nanette Lepore que ela comprou ontem à noite no Otter, sua loja favorita no Shopping King James, e correu os dedos ao longo do comprimento dos seus cabelos ruivos e sem frizz. Ela havia ido para o spa Fermata esta manhã. Ela parecia perfeita e fascinante, definitivamente não era o

tipo de garota que passou um tempo num hospital psiquiátrico. Não era o tipo de garota que tinha sido atormentada por sua companheira de quarto doente mental, Iris, ou que tinha passado um par de horas na cadeia há apenas duas semanas. Definitivamente não era o tipo de menina que qualquer um poderia excluir ou exilar.

Mas apesar de sua aparência impecável, cada uma dessas coisas tinha acontecido. O pai de Hanna tinha avisado Kate que ela ficaria em um apuro enorme se uma palavra saísse sobre a estada de Hanna na Reserva de Addison-Stevens. Billy – como A – enviou Hanna para lá, após convencer o Sr. Marin que era o tipo adequado de tratamento pós-traumático. Todas as apostas estavam fora, porém, uma foto de Hanna na Reserva apareceu na revista People. Uma viagem para o hospício tinha feito Hanna passar num instante a pária social, e ela foi expulsa do cargo de abelha rainha no segundo em que voltou para Rosewood Day.

Pouco tempo depois, Hanna descobriu a palavra PSICOPATA rabiscada de marcador Sharpie em seu armário. Então ela recebeu um pedido de amizade no Facebook de alguém chamado Hanna Psicopata Marin. Naturalmente, Hanna Psicopata Marin tinha zero amigos.

Quando Hanna se queixou para seu pai sobre a página, ela sabia que Kate estava por trás disso, seu pai apenas deu de ombros e disse:

— Eu não posso forçar vocês a se darem bem, garotas.

Hanna se levantou, ajeitou a roupa novamente, e se acotovelou através da multidão.

Naomi, Riley, e Kate estavam acompanhadas por Mason Byers e Freed James. Para surpresa de Hanna, Mike também estava com eles.

— Não é verdade —, protestou ele. Havia manchas rosadas no seu rosto e pescoço.

— Como queira, cara. — Mason revirou os olhos. — Eu sei que este é o seu armário. — Ele mostrou sua tela do iPhone para Naomi, Kate, e Riley. Elas gemeram e gritaram.

Hanna apertou a mão de Mike.

— O que está acontecendo?

Os olhos cinza-azulados de Mike estavam arregalados.

— Alguém enviou para Mason uma foto do meu armário de lacrosse —, disse ele timidamente. — Mas ela não era minha, eu juro.

— Claro, marca de derrapada —, brincou James.

— Derrapada —, Naomi brincou. Todo mundo riu.

— O que não era sua? — Hanna olhou rapidamente para Naomi, Riley, e Kate. Elas ainda estavam olhando para o iPhone de Mason.
— O que não era de Mike? —, Ela repetiu com firmeza.

— Alguém tem um problema de derrapagem —, Riley fez coro alegremente. Os meninos riram e cutucaram um ao outro.

— Eu não tenho, — Mike protestou. — Alguém está brincando comigo.

Mason bufou.

— Você está brincando consigo mesmo, é mais parecido com isso.

Todo mundo riu novamente e Hanna pegou o iPhone de Mason. Na tela estava uma imagem de um armário esportivo de Rosewood Day. Hanna reconheceu o agasalho azul com capuz Ralph Lauren de Mike pendurado em um gancho, e aninhado na prateleira de cima estava seu galo da sorte da Kellog's. Na frente e no centro estava uma cueca boxe branca D&G que estavam descaradamente com marcas de derrapada.

Ela lentamente soltou sua mão da de Mike e se afastou.

— Eu nem sequer uso cueca D&G. — Mike apunhalou a tela, tentando apagar a foto.

Naomi deixou escapar um grito.

— Eca, Mason, Derrapada tocou o telefone!

— Purell! — James declarou.

Mason pegou o telefone de Hanna e segurou-o timidamente entre o polegar e o indicador.

— Ugh. Germes de derrapada!

— Germes de derrapada! — As meninas ecoaram. Duas meninas esbeltas e loiras do primeiro ano sussurraram e apontaram. Uma delas tirou uma foto com seu celular.

Hanna fulminou Mason com os olhos.

— Quem lhe mandou esta foto?

Mason enfiou as mãos nos bolsos de suas calças de listras.

— Um cidadão preocupado. Eu não reconheci o número.

Do outro lado da sala, um cartaz para um festival do clube de comida francesa vacilou ante os olhos de Hanna. Era exatamente o

tipo de texto que A teria enviado. Mas A era Billy... e Billy tinha sido preso.

— Você acredita em mim, certo? — Mike pegou a mão de Hanna novamente.

— Ah, eles estão de mãos dadas! — Riley deu uma cotovelada em Naomi. — Derrapada encontrou uma garota que não se importa com suas cuecas sujas!

— Não fazem um casal bonito? — Kate riu. — Derrapada e psicopata!

O grupo explodiu em riso zombeteiro.

— Eu não sou uma psicopata, — Hanna gritou, a voz embargada.

O riso continuou inabalável. Hanna olhou em volta impotente. Um grupo de crianças na sala estava olhando. Mesmo professores e estudantes foram para fora de uma sala de aula de ciências da terra e olhavam com curiosidade.

— Vamos sair daqui —, Mike murmurou ao ouvido de Hanna. Virou-se e invadiram o corredor.

Seu catarro desamarrou, mas ele não parou para amarrá-lo. Hanna queria segui-lo, mas parecia que suas pernas estavam fundidas no chão de mármore polido. As risadas se multiplicaram.

Isso era pior do que na quinta série, quando Ali, Naomi, e Riley chamaram Hanna de "Bola de Gordura" no ginásio, revezando-se para cutucar seu estômago como o Pillsbury Doughboy. Isto foi pior do que quando a presumida melhor amiga de Hanna no mundo, Mona Vanderwaal, enviou-lhe um vestido pequeno demais para vestir na sua festa de aniversário e ele descosturou no bumbum assim que ela entrou. Mike devia ser popular. Ela devia ser popular. E agora os dois estavam... anormais.

Hanna varreu o átrio e chegou ao exterior. O vento rápido de fevereiro picou seu nariz e fez as bandeiras do meio do gramado baterem nos mastros. Elas já não estavam a meio mastro, mas algumas pessoas colocaram flores em homenagem Jenna e Ali na base do poste. Um ônibus gemeu próximo ao meio-fio, pronto para a saída da tarde. Um casal de corvos se curvara sob um ramo de salgueiro. Uma sombra escura deslizou por trás de um arbusto cheio de mato. Os braços de Hanna se arrepiaram, a foto dela que tinha saído na People pipocando na mente.

A companheira louca de Hanna na reserva, Iris, a tirou em um quarto no sótão secreto cujas paredes eram decoradas com rabiscos de pacientes antigos. O desenho da direita, atrás da cabeça de Hanna, assustadoramente perto do seu rosto, era um enorme e inconfundível retrato de Ali. A menina no desenho parecia ameaçadora e... viva. *Eu sei algo e você não*, a Ali na parede parecia dizer. *E estou mantendo um segredo.*

Então, alguém bateu no ombro de Hanna. Ela gritou e se esquivou rapidamente. Emily Fields deu dois passos para trás na defensiva, segurando as mãos na frente do rosto.

— Desculpe!

Hanna correu os dedos pelos cabelos, respirando profundamente.

— Deus —, ela gemeu. — Não faça isso.

— Eu precisava encontrá-la, — Emily disse, sem fôlego. — Eu fui chamada no escritório. A mãe de Ali estava no telefone.

— Sra. DiLaurentis? — Hanna franziu o nariz. — Por que ela te ligaria na escola?

Emily esfregou as mãos juntas.

— Eles estão promovendo uma conferência de imprensa em casa agora —, ela disse. — A Sra. DiLaurentis quer que todas nós estejamos lá. Ela disse que tinha algo que precisava nos dizer.

Um arrepio gelado percorreu a coluna de Hanna.

— O que isso quer dizer?

— Eu não sei. — Os olhos de Emily estavam arregalados e as sardas se destacavam em sua pele pálida. — Mas é melhor estar lá. Está começando agora.

4

A BOMBA LOIRA

Como o sol de inverno mergulhando no horizonte, Emily sentou no banco do passageiro do Prius de Hanna, observando a Avenida Lancaster voar. Elas estavam acelerando para Yarmouth, onde os DiLaurentis agora viviam. Spencer e Aria iriam encontrá-las lá.

— Vire à direita aqui, — Emily instruiu, lendo as instruções que a Sra. DiLaurentis lhe dera. Elas entraram numa subdivisão chamada Fazendas Darrow. Parecia que uma vez tinha sido uma fazenda real, com montanhas verdes e um monte de campos para agricultura e pecuária, mas a modernidade a tinha subdividido em lotes idênticos com casas enormes. Cada casa tinha uma fachada de pedra, janelas negras, e incipientes bordos japoneses no jardim da frente.

Não foi difícil encontrar a casa dos DiLaurentis, tinha uma enorme multidão na calçada, um grande palanque no jardim da frente, e enxames de cinegrafistas, repórteres e produtores.

Uma falange de policiais ficou de guarda perto da varanda dos DiLaurentis, a maioria com intimidantes pistolas negras em seus cintos. Muitas das pessoas na multidão eram jornalistas, mas havia alguns curiosos também, Emily notou Lanie Iler e Gemma Curran, duas meninas da sua equipe de natação, encostadas em uma sequóia. A irmã de Spencer, Melissa, estava ociosa ao lado de uma SUV Mercedes.

— Uau, —Emily sussurrou. Sua palavra se espalhando. O que quer que estivesse acontecendo devia ser enorme.

Emily bateu a porta do carro e começou a andar com Hanna pela multidão. Ela havia esquecido de levar luvas, e os dedos já se sentiam duros do frio. Ela estava distraída sobre tudo desde a morte de Jenna, mal dormindo à noite, quase não comia nada nas refeições.

— Em?

Emily virou-se, olhando para Hanna, que acabava de chegar ao seu lado. Maya St.

Germain estava de pé atrás de Emily, ao lado de um menino com um chapéu de neve dos Phillies. Por baixo de seu casaco de lã preto, Maya usava uma camisa listrada com colarinho branco, jeans pretos e botas pretas de couro até o tornozelo. Seu cabelo encaracolado estava preso, e seus lábios tinham gloss de cereja. Emily viu um pedaço de chiclete amarelo de banana em sua boca, lembrando-a do dia em que ela e Maya se beijaram pela primeira vez.

— Hey, — Emily disse cautelosamente. Ela e Maya não estavam exatamente se dando bem desde que Maya pegou Emily beijando outra garota.

Os lábios de Maya tremeram, e então ela explodiu em lágrimas.

— Sinto muito —, ela soluçava, cobrindo o rosto. — Isto é tão difícil. Eu não posso acreditar que Jenna...

Emily sentiu uma pontada de culpa. Ela tinha visto Maya e Jenna muito próximas ultimamente, no intervalo das aulas em Rosewood, caminhando pelo átrio do Shopping King James, até na competição de mergulho em um dos eventos de natação de Emily.

Um pequeno movimento na janela da frente dos DiLaurentis chamou a atenção de Emily, distraíndo-a. Parecia que alguém havia separado a cortina e depois deixou-a cair novamente. Por um momento, ela se perguntava se era Jason.

Mas então ela percebeu-o perto do palanque, digitando em seu telefone celular.

Ela virou-se para Maya, que estava puxando um saco plástico Wawa de sua mochila verde-exército.

— Eu queria lhe dar isso —, disse Maya. — Os trabalhadores encontraram na limpeza após o incêndio e acharam que era meu, mas lembro-me disso no seu quarto.

Emily olhou dentro do saco e pegou uma bolsa de moedas rosa de couro. Uma inicial E

estava bordada na parte da frente, e o zíper era-de-rosa pálido.

— Oh meu Deus —, ela inspirou. A bolsa tinha sido um presente de Ali na sexta série.

Tinha sido uma das lembranças de Ali que Emily e suas amigas tinham enterrado no quintal de Spencer antes do julgamento de Ian.

Sua conselheira de luto afirmou que o ritual iria ajudá-las a se curar da morte de Ali, mas Emily tinha perdido a bolsa desde então.

— Obrigada. — Ela agarrou-a em seu peito.

— Não se preocupe. — Maya fechou sua bolsa e passou através de seu peito. — Bem, eu deveria estar com a minha família. — Ela fez um gesto para o meio da multidão. O Sr. e a Sra. St. Germain estavam parados perto da caixa de correio dos DiLaurentis, parecendo um pouco perdidos.

— Tchau —. Emily olhou pra frente novamente. Hanna tinha se juntado a Spencer e Aria perto das barricadas. Emily não tinha visto suas velhas amigas juntas desde o funeral de Jenna. Engolindo em seco, ela deu uma cotovelada no meio da multidão até que chegou ao lado delas. — Oi —, disse ela suavemente para Spencer.

Spencer olhou para Emily, inquieta.

— Oi.

Aria e Hanna deram de ombros.

— Como vocês estão? — Emily perguntou.

Aria correu os dedos pela franja do seu cachecol preto. Hanna olhou para seu iPhone, não respondendo.

Spencer mordeu o lábio inferior. Nenhuma delas parecia emocionada por estarem de pé juntas. Emily virou o porta-moedas de couro em suas mãos, esperando que uma de suas velhas amigas o reconhecessem. Ela estava morrendo de vontade de falar com elas sobre Ali, mas havia algo estranho entre elas desde que o corpo de Jenna foi encontrado. Isso já havia acontecido depois que Ali desapareceu também, era simplesmente mais fácil ignorar umas as outras do que relembrar as terríveis memórias.

— O que você acha que é tudo isso? — Emily tentou novamente.

Aria tirou um tubo de brilho labial de cereja e lambuzou seus lábios.

— Você foi a única que a Sra. DiLaurentis chamou. Ela não te contou?

Emily balançou a cabeça.

— Ela desligou o telefone muito rápido. Eu não tive tempo de perguntar.

— Talvez seja sobre como Billy está afirmando que ele é inocente. — Hanna se apoiou sobre a barricada, fazendo-a balançar um pouco.

Aria estremeceu.

— Eu ouvi o advogado dizer que quer o caso encerrado porque não conseguem encontrar uma única pegada no quintal de Jenna. Eles não têm qualquer evidência física que o liga à cena.

— Isso é ridículo —, disse Spencer. — Ele tinha todas as nossas fotos, todas as mensagens de A...

— Não é meio estranho, porém, que acabou sendo Billy? — Aria disse em voz baixa.

Ela pegou um pedaço de pele seca em seu polegar. — Ele veio do nada.

O vento mudou, cheirando a esterco de vaca de uma fazenda nas proximidades. Emily concordou com Aria, tinha sido determinado que o assassino de Ali acabaria por ser alguém familiar, alguém ligado à sua vida. Este Billy era um cara estranho, um estranho que havia, de alguma forma, desenterrado seus mais profundos e sombrios segredos. Poderia ser, Emily supôs. Mona Vanderwaal tinha desenterrado toneladas de segredos sujos sobre Emily e as outras apenas lendo o diário abandonado de Ali.

— Eu acho —. Hanna estremeceu. — Mas ele definitivamente o fez. Espero que o prendam para sempre.

O microfone no palanque gritou com feedback, e Emily levantou sua cabeça. A senhora DiLaurentis, com um vestido de cor preta, uma capa de vison castanho, e saltos pretos, surgiu a partir da casa. Ela brincava com uma pilha de cartões de índice. O marido dela, parecendo ainda mais magro do que Emily se lembrava, parou ao lado dela. Emily também notou que o oficial Darren Wilden tinha aparecido no grupo de policiais, os braços cruzados fortemente

sobre o peito. Emily fez uma careta. Talvez Wilden não tivesse matado sua ex-namorada Amish, mas ainda havia algo estranho nele. Wilden não tinha acreditado no novo A, mesmo quando lhe mostraram as mensagens ameaçadoras. E ele descartou tão rápido as meninas quando elas falaram sobre Ali após o incêndio, fazendo Emily e as outras prometerem que não diriam mais nada sobre o que viram na floresta.

A multidão ficou em silêncio. Flashes dispararam.

— Rodando —, disse um produtor ao lado de Emily.

A Sra. DiLaurentis deu um sorriso aguado.

— Obrigado por terem vindo —, disse ela. — Os últimos quatro anos foram muito difíceis e dolorosos para toda minha família, mas nós tivemos muito apoio. Eu quero que todos saibam que estamos bem, e estamos aliviados em saber que finalmente podemos colocar o assassinato de nossa filha para trás.

Houve um punhado de aplausos. A mãe de Ali continuou.

— Duas tragédias aconteceram em Rosewood, com duas meninas bonitas e inocentes.

Eu gostaria que todos nós fizéssemos um momento de silêncio pela minha filha e por Jenna Cavanaugh. — Ela olhou através da multidão para os pais de Jenna, que estavam em um local discreto atrás de uma árvore de carvalho. A mãe de Jenna apertou sua boca, como se ela estivesse tentando não chorar. O pai de Jenna estava

olhando teimosamente para uma embalagem prateada vazia a seus pés.

Emily ouviu uma fungada no meio da multidão, e então um grasnado de um corvo. O

vento assobiava, sacudindo as árvores nuas. Quando ela olhou para a janela dos DiLaurentis, algo cintilou novamente.

A Sra. DiLaurentis pigarreou.

— Mas isso não é a única razão para chamar todo mundo aqui —, ela lia nos seus cartões de nota. — Nossa família esteve escondendo um segredo por muito tempo, principalmente por razões de segurança. Nós achamos que é hora de dizer a verdade.

Parecia que uma mariposa tinha ficado solta no estômago de Emily. Verdade?

A boca da Sra. DiLaurentis balançou. Ela respirou fundo.

— A verdade é que temos uma outra criança. Alguém que não cresceu com a gente por causa de... — Ela parou por um momento, nervosamente coçando o lado do nariz. — ...questões de saúde.

A multidão começou a murmurar. A mente de Emily girava. O que a Sra. DiLaurentis queria dizer? Ela agarrou a mão de Aria. Aria apertou de volta.

A Sra. DiLaurentis gritou por cima dos sussurros que cresciam.

— Foi dada alta a nossa filha recentemente, mas esperamos para protegê-la do escrutínio público até que o verdadeiro assassino de sua irmã fosse posto atrás das grades.

Graças ao Oficial Wilden e sua equipe, isso agora uma realidade.

Ela se virou e acenou para Wilden, que abaixou a cabeça timidamente. Algumas pessoas bateram palmas. Emily sentiu o gosto do sanduíche de manteiga de amendoim e mel que ela tinha comido no almoço daquele dia. Filha?

— Com isso, achamos que é hora de apresentá-la a todos vocês.
— A Sra. DiLaurentis virou-se e sinalizou para casa. A porta da frente abriu. Saiu uma menina.

O porta-moedas escapou dos dedos de Emily.

— O quê? — Aria gritou, soltando a mão de Emily. Spencer segurou o ombro Emily e Hanna caiu pesadamente contra a barricada.

A menina na varanda tinha cabelos loiros, pele de porcelana, e um rosto em forma de coração. Seus profundos olhos azuis desembarcaram em Emily quase que imediatamente. Ela sustentou o olhar de Emily, então piscou. Todo o corpo de Emily se suavizou.

— Ali —, ela murmurou.

A Sra. DiLaurentis pegou o microfone.

— Esta é Courtney, — ela declarou. — Irmã gêmea de Alison.

5

JUSTO QUANDO VOCÊ PENSAVA QUE NADA PODIA TORNAR-SE MAIS LOUCO

Os murmúrios aumentaram até um rugido e os flashes disparavam furiosamente. Um monte de gente começou a enviar mensagens de texto freneticamente.

—Uma gêmea? — disse fracamente Spencer. Suas mãos tremiam incontrolavelmente.

—Oh, meu Deus — murmurou Aria, levando suas palmas das mãos para a cabeça.

Emily piscou furiosamente para a menina, como se não acreditasse que ela era real.

Hanna apoiou-se sobre o braço de Emily.

Uma parte da multidão se virou e olhou para Aria, Emily, Spencer e Hanna.

—Elas sabiam? — sussurrou alguém.

O coração de Spencer voou mais rápido que um beija-flor. Ela não sabia. Ali havia guardado muitos segredos: A relação escondida com Ian, sua amizade secreta com Jenna, o mistério do por que

havia se desfeito de Naomi e Riley por Spencer e as outras no sexto a no...

Porém uma irmã secreta superava todas essas coisas.

Ela olhou para a garota na varanda. A irmã gêmea de Ali era alta, seu cabelo um pouco mais escuro e seu rosto um pouco mais estreito que o de Ali, porém mesmo assim era idêntica a sua velha melhor amiga. Vestia calça preta, sapato baixo preto, uma camisa Oxford azul grande e uma jaqueta branca cortada. Um cachecol listrado estava enrolado em volta do seu pescoço, e seu cabelo loiro estava preso em um coque. Com os lábios em forma do arco de Cupido e seus olhos azuis safira, parecia uma modelo francesa.

Pelo canto do olho, Spencer notou a sua irmã Melissa, abrindo caminho pela multidão.

Mais além da barricada da polícia, caminhou até Jason DiLaurentis e lhe sussurrou algo no ouvido. Jason empalideceu, se virou para Melissa e disselhe algo em resposta.

Um sentimento de inquietação passou através do estomago de Spencer. Por que Melissa estava aqui? E o que estava fazendo? Ela não havia visto Melissa e Jason se falarem desde a escola secundária.

Logo Melissa esticou o pescoço e olhou fixamente para Courtney. Courtney se deu conta e estremeceu. Seu sorriso se curvou.

Que diabos?

— O que pensa sobre William Ford declarando que é inocente? — gritou uma voz do público, interrompendo a atenção de Spencer. A pergunta veio de um repórter alto e loiro na primeira fila.

A Sra. DiLaurentis franziu os lábios.

— Acredito que é reprovável. A evidência contra ele é esmagadora. — Spencer se voltou para Courtney. Uma tontura tomou conta dela. Era tão estranho. Courtney encontrou seu olhar, então passou de Spencer para as outras garotas.

Uma vez que ela tinha a atenção de todas, apontou para a porta lateral da casa.

Emily enrijeceu.

— Ela quer que nós...?

—Ela não pode — disse Spencer. — Ela nem sequer nos conhece.

Courtney se inclinou e sussurrou algo no ouvido de sua mãe. A Sra. DiLaurentis assentiu com a cabeça e sorriu para a multidão.

— Minha filha está um pouco cansada. Voltará para dentro por um tempo para descansar.

Courtney se voltou para a porta. Antes de desaparecer na casa, olhou sobre seu ombro e levantou uma sobrancelha.

—Vamos? — disse Hanna com inquietação.

—Não! —ofegou Aria ao mesmo tempo em que Emily disse:

— Sim!

Spencer mordeu o dedo mindinho.

— Devemos ver o que ela quer — agarrou o braço de Aria. — Vamos.

Deslizaram pela lateral da casa, se colocaram mais além de um azevinho crescido e se lançaram pela porta lateral pintada de vermelho.

A grande cozinha cheirava ao odor de cravo, azeite de oliva e spray. Uma das cadeiras se inclinava em um ângulo estranho na mesa, como se alguém tivesse estado ali momentos antes. Spencer reconheceu a antiga cerâmica de Delft para farinha e os potes de açúcar sobre o microondas da velha cozinha dos DiLaurentis. Alguém havia feito uma lista de compras e a pendurou na geladeira. Geleia. Pickles. Pão Francês.

Quando Courtney apareceu no corredor, um esboço de um sorriso surgiu em seu rosto perturbadoramente familiar; as pernas

de Spencer viraram em gelatina. Aria deixou escapar um pequeno grito.

— Eu prometo que não mordo — disse Courtney. Sua voz era exatamente igual a de Ali, rouca e sedutora. — Queria um minuto a sós com vocês antes que as coisas fiquem muito loucas.

Spencer nervosa pegou seu sujo cabelo loiro em um rabo de cavalo, sem poder afastar os olhos da garota. Era como se Ali tivesse sido arrastada para fora do buraco no pátio de sua casa, voltado a crescer sua pele, e estivesse viva e inteira de novo.

As garotas se olharam, seus olhos muito abertos e sem piscar. O relógio do microondas marcava 03:59 e depois 4:00h.

Courtney pegou uma tigela amarela cheia de pretzels da ilha e se juntou a elas.

— Vocês foram as melhores amigas de minha irmã, correto? Spencer, Emily, Hanna, Aria? — disse e apontou para cada uma delas em sucessão.

—Sim — Spencer enroscava suas mãos em volta das costas da cadeira, recordando o momento no sexto ano quando ela, Aria, Hanna, e Emily entraram sorrateiramente no quintal de Ali, com a esperança de roubar sua bandeira da Cápsula do Tempo. Ali havia saído da sua varanda, com uma camiseta rosa e as apanhou. Depois de dizer para as garotas que era muito tarde, que alguém já havia roubado sua bandeira, ela apontou para Spencer e disse: — Você é Spencer, certo? — Então fez que o resto se apresentasse, agindo

como se ela fosse muito popular para lembrar seus nomes. Era a primeira vez que Ali havia falado com alguma delas.

Apenas uma semana depois elas haviam sido escolhidas como suas novas melhores amigas.

—Ali me falou de vocês — Courtney ofereceu os pretzels para as garotas, porém todas negaram com a cabeça. Spencer não poderia imaginar comer agora mesmo. Seu estômago havia se invertido—. Porém ela nunca havia falado de mim, certo?

—Não — disse Emily com a voz rouca. — Nem uma só vez.

—Então acredito que isso é bastante estranho— disse Courtney.

Spencer brincou com um porta-copos de cortiça que dizia HORA DO MARTINI! em letras de estilo anos cinquenta .

— Então... onde você estava? Em um hospital ou algo assim? — Perguntou Aria.

Não é que Courtney parecia doente. Sua pele irradiava, como se fosse iluminada por uma fonte interna. Seu cabelo brilhava como se estivesse sido hidratado toda hora. Quando Spencer percorreu o rosto de Courtney, uma percepção a golpeou com força meteórica: Se Ali era meia irmã de Spencer, está garota também era. De repente, estava muito consciente do quanto se pareciam Courtney com o Sr. Hastings... e Melissa... e Spencer. Courtney tinha os dedos longos e finos e o nariz de botão como seu pai, os olhos azuis escuros de Melissa, e a mesma covinha que Spencer tinha na bochecha direita. Nana Hastings tinha essa covinha também. Era

incrível que Spencer não tivesse notado essas similaridades quando Ali estava viva. Novamente, ela não teria sabido o que fazer.

Courtney mastigou pensativamente. — De certa forma sim. Estive neste lugar chamado Radley. E logo, depois que se transformou em um hotel ou o que quer que seja, me transferiram para um lugar chamado a Reserva de Addison-Stevens — disse o nome com um arrogante sotaque britânico, rolando seus olhos.

Spencer trocou um olhar de espanto com as outras garotas. *Claro.* Jason DiLaurentis não era paciente no Radley, Courtney era. O nome dele estava nos livros de registros, porque ele a havia visitado. E Hanna havia dito que Iris, sua colega de quarto da Reserva, havia desenhado um quadro de Ali em um quarto secreto. Porém Iris dever ter conhecido Courtney, não Ali.

— Assim... foi por questões mentais...? — disse Aria tentativamente.

Courtney apontou um pretzel para Aria como um punhal. — Esses lugares não são só apenas para doentes mentais. — retrucou ela.

—Oh — Apareceu um rubor nas bochechas de Aria — Desculpe. Não tinha ideia.

Courtney encolheu os ombros e olhou fixamente o recipiente de pretzel. Spencer esperou para que ela tivesse mais detalhes sobre o porque havia estado nessas instalações, porém não disse nada.

Por último, Courtney meneou a cabeça. — De qualquer jeito. Desculpe, eu escapei de vocês na noite do incêndio. Isso foi provavelmente muito confuso.

— Oh meu Deus, era você — exclamou Hanna.

Spencer passou os dedos pela borda da manta de linho azul. Fazia sentido, claro, era Courtney que havia saído do bosque, não o fantasma de Ali ou o produto de uma alucinação estranha em grupo.

Emily se inclinou para frente, com o cabelo loiro avermelhado caindo em seu rosto.

— O que você estava fazendo lá?

Courtney colocou sua cadeira mais perto da mesa. — Recebi um bilhete de Billy. Disse que havia algo no bosque que eu teria que ver. — O rosto de Courtney se retorceu com remorso— Não deveria sair de casa, porém o bilhete dizia que ajudaria a resolver o assassinato de Ali. Ao chegar no bosque, o fogo começou. Pensei que ia morrer... mas então Aria me salvou. — Ela tocou o pulso de Aria —. Obrigada, por isso.

A boca de Aria se abriu porem não saiu nenhum som.

— Como você saiu de lá tão rápido? — Emily pressionou.

Courtney limpou um pedaço de sal de seus lábios. — Chamei o meu contato da Polícia de Rosewood. É um antigo amigo da família.

O som do microfone filtrava os comentários da coletiva de imprensa afora. Spencer olhava para Aria, Emily e Hanna. Era óbvio quem era o amigo da família. Isso explicava por que não o haviam visto na noite do incêndio. Também explicava por que ele as havia dito para deixarem de dizer que viram Ali. Havia sido necessário para manter a irmã de Ali segura.

— Wilden — a mandíbula de Emily ficou tensa — Não deveria confiar nele. Não é o que parece.

Courtney se lançou para trás, deixando escapar uma risada fácil, divertida. — Calma, Delegada.

Um calafrio gelado de medo deslizou pelas costas de Spencer. Delegada? Esse era o apelido de Ali para Emily. Ali lhe havia contado?

Porém antes que alguma delas pudesse dizer algo, a Sra. DiLaurentis apareceu no hall de entrada. Quando se deu conta do grupo, seu rosto se iluminou.

— Obrigada por virem, garotas. Significa muito para nós.

A Sra. DiLaurentis se aproximou de Courtney e colocou a mão sobre seu braço. Suas perfeitas unhas longas estava pintadas de vermelho clássico da Chanel. — Me desculpe, amor, mas tem alguém

da MSNBC que quer lhe fazer algumas perguntas. Ele veio de Nova York...

—Está bem — reclamou Courtney, levantando-se.

— Um oficial da policia quer falar com você também— disse a Sra. DiLaurentis. Pegou o rosto de sua filha em suas mãos e começou a suavizar as sobrancelhas de Courtney — Algo sobre a noite do fogo.

— Outra vez? — Courtney suspirou dramaticamente, afastando-se de sua mãe. — Prefiro falar com a imprensa. São mais divertidos.

Se voltou para as garotas, que estavam sentadas sem se mexer na mesa. — Venham quando quiserem, meninas. — disse sorrindo — A porta sempre está aberta. E, oh! — pegou a identificação laminada totalmente nova da escola do bolso de sua calça jeans. **COURTNEY**

DILAURENTIS , *dizia em grandes letras vermelhas.* — Vou para Rosewood Day! — exclamou—. Nos vemos amanhã na escola.

E então, com uma perturbadora piscada final, se foi.

6

ESTRANHA NUNCA MAIS

Na manhã seguinte, Hanna caminhou pelo caminho do estacionamento de estudantes até a escola. As vans do Canal 6, Canal 8, e CNN Notícias estavam paradas na entrada principal de Rosewood Day. Os repórteres se aglomeravam atrás dos arbustos como leões caçando.

Afagando seu cabelo castanho, Hanna se preparou para uma onda de perguntas.

O repórter mais perto dela a olhou por um momento e se voltou para os demais.

— Não se incomodem. — gritou — É apenas aquela pequena mentirosa.

Hanna fez uma careta de dor. Apenas aquela pequena mentirosa? A que diabos se referia? Não queria perguntar a Hanna o que pensava sobre a gêmea secreta de Ali? Qual era sua opinião sobre Billy tentando provar sua inocência? E como ela já estava ali, que tal um pedido de desculpas por jogar-lhe lama?

Ela levantou seu nariz. Que seja. Não queria estar na TV em todo caso. A câmera sempre lhe fazia parecer que tinha uns dez quilos a mais.

Um homem gordo que segurava um microfone sussurrou algo em seu walkie – talkie marca Nextel. Outro repórter bateu com força seu celular.

— Courtney DiLaurentis está no estacionamento de trás !

Os repórteres foram correndo para a parte de trás do colégio.

Hanna encolheu os ombros. Courtney. Dificilmente parecia real. As primeiras horas depois que abandonou a cozinha dos DiLaurentis, ficou esperando que alguém saísse com uma câmera e dissesse que tudo não passava de uma brincadeira estranha.

Por que Ali não havia dito sobre sua irmã? Todas essas festas de pijama, todos os bilhetes na sala de aula, todas essas viagens a Poconos e Newport. Todas às vezes de jogaram Eu Nunca...

ou Verdade ou Desafio, e Ali em nenhum momento falou de seu segredo. Hanna deveria ter admitido a verdade quando Ali insistia que eram quintuplas separadas ao nascer? Ou quando havia fotos de Ali-Courtney- no porta retratos. Por acaso Ali estava lançando pequenas pistas quando olhava para Hanna e suspirava para dizer: —Tem muita sorte por ser filha única?—

Passando por umas meninas bobas do primeiro ano que assistiam a reprise de *Glee* em um iPhone, Hanna chutou a porta de entrada para abri-la e entrou. Parecia como se uma fábrica Hallmark houvesse explodido na recepção. As paredes estavam envoltas com cupidos pintados sobre o papel branco, corações vermelhos e brilhantina dourada. Ao lado das portas do auditório havia letreiros em forma de serpentinas de coração, que sempre usavam todos os anos.

ENCONTRE O AMOR, dizia um dos cartazes com o tipo de letra que usavam em convites de casamentos. NO BAILE DE SÃO VALENTIM, dizia o segundo coração. ESTE

SÁBADO, dizia o último deles. Havia pequenas mordidas na borda do último coração, provavelmente de um rato que entrou na sala de armazenamento onde os corações eram guardados pelo resto do ano. Havia mais detalhes sobre o baile em panfletos cor-de-rosa numa grande cesta, o que incluía a regra que em honra a São Valentin todos teriam que ir vestidos de vermelho, rosa ou branco, inclusive os garotos. Porque, devido à recente tragédia, os ingressos iam para a recém-criada fundação Jenna Cavanaugh, que patrocinaria o treinamento de cães para cegos.

Interessantemente, todos os restos do monumento de Jenna que haviam estado ontem na recepção, haviam desaparecido. A equipe de Rosewood Day tinha recebido muitas reclamações por quão depressivo e perturbador isto era. Agora que Courtney estava aqui, a morte de Jenna tinha virado uma notícia velha.

Um ataque de risos foi ouvido dentro do Steam. Hanna virou-se e viu Naomi, Riley e Kate sentadas em uma das mesas de café de cerâmica embutida, servindo-se de chás aromáticos de ervas e bolos blueberry.

Havia uma quarta garota também, com um rosto de formato de coração e grandes olhos azuis.

A máquina de expresso deu um apito e Hanna pulou. Sentiu-se transportada de volta para o sexto ano, quando Naomi, Riley e Ali andavam juntas. Claro que essa não era Ali sentada ombro a ombro

com Naomi e Riley, agindo como se pensasse que seriam melhores amigas para sempre. Essa era Courtney.

Hanna caminhou até ela, porém quando ia sentar-se na última cadeira disponível da mesa, Naomi colocou sua grande bolsa Hermès na cadeira. Seguidamente, Riley colocou sua Kate Spade, e Kate terminou colocando sua bolsa Foley + Corinna. As bolsas estavam empilhadas como uma torre de Jenga.

Courtney pressionou sua bolsa cor de framboesa contra seu peito sentindo-se aflita.

— Desculpe psicopata — disse Naomi friamente— esta cadeira está ocupada.

— Não sou uma psicopata. — Hanna estreitou os olhos. Courtney se moveu em seu assento, e Hanna se perguntou se estaria incomodada com a palavra psicopata. Ela havia estado nesses hospitais, também.

— Se não é uma psicopata — insistiu Kate — Então por que estava gritando enquanto dormia? As garotas riram estupidamente. Hanna mordeu a bochecha por dentro. Se pudesse gravar isso em seu celular e mostrar a seu pai. Então, ele se importaria? Depois da coletiva de imprensa, esperava que ele batesse na porta de seu quarto, para falar sobre o que tinha acontecido. Era o que sempre faziam – falaram por horas quando Hanna não fora líder de torcida, quando ela estava preocupada que Sean Ackard nunca iria gostar dela, e quando a mãe de Hanna decidiu se divorciar. Contudo, ele nunca bateu na porta, o Sr. Marin passou toda a noite em seu

escritório, aparentemente não havia se dado conta que Hanna teria uma crise.

— Por não senta com Skidz? — provocou Riley. As outras romperam em gargalhadas —. Ele está esperando por você! Apontou para o outro lado da sala.

Hanna seguiu o dedo ossudo e parecido com o de uma bruxa de Riley. Mike estava em uma das últimas mesas no lado da porta do banheiro, tomando café em um copo grande e lendo um papel que tinha na mão. Parecia um cachorrinho sem dono. O coração de Hanna se afundou.

Ele havia enviado a Hanna muitas mensagens de texto na noite anterior; ela queria responder, porém não tinha respondido. Não estava segura do que dizer. Não importava que a roupa íntima na foto não fosse dele, todos acreditariam o contrário, exatamente como todos acreditavam que ela era uma psicopata. E os apelidos persistiam em Rosewood Day. No sétimo ano, Ali havia chamado Peter Grayson de —Batata|| porque ele tinha a forma do Sr. Cabeça de batata, e ainda o chamavam assim.

Mike olhou para cima e a viu. Seu rosto se iluminou e a saudou com um panfleto rosa na mão. Nele estavam as palavras: BAILE DE SÃO VALENTIN DE ROSEWOOD DAY.

Ela queria se aproximar da mesa de Mike, porém se sentasse com ele, e especialmente se aceitasse ir com ele ao baile de São Valentin, permaneceria como psicopata para sempre.

Sua pequena visita a Reserva não seria um passo em falso infeliz, seria um momento decisivo em sua carreira escolar. Não estaria na

lista vip para festas particulares e selecionadas no comitê do baile, o *único* comitê em Rosewood Day que valia a pena. Ela não iria com as pessoas certas para a Jamaica ou Santa Lucia para as férias de primavera, o que significava que não teria um lugar na casa de praia em Miami durante a Semana Junior em junho. Sasha at Otter deixariam de lhe fornecer roupa, Uri não poderia lhe atender para fazer retoques nas mechas de última hora, e Hanna se transformaria em uma idiota e perdedora da noite pro dia, aumentaria de peso novamente, o Dr. Huston colocaria aparelho ortodôntico em seus dentes, a cirurgia em seus olhos deixaria de funcionar e de repente Hanna teria que andar com óculos no estilo Harry Potter, o tipo de óculos que havia usado no quinto ano.

Isso não poderia acontecer. Desde que Ali a resgatou do esquecimento, Hanna jurou a si mesma jamais ser uma perdedora de novo.

Hanna respirou profundamente.

— Desculpe Derrapada. — Escutou a si mesma dizer em uma voz aguda e tentadora que não soava nada como ela mesma. — Não deveria aproximar-me muito. Pelos germes e tudo. — Ela sorriu.

A boca de Mike se abriu. Sua pele estava tão pálida com se houvesse visto um fantasma, o fantasma de uma cadela, talvez. Hanna se virou e encarou Naomi, Kate, Riley e Courtney. Viram? Queria gritar. Ela podia fazer sacrifícios. Merecia ser parte do grupo.

Naomi se levantou e sacudiu o resto de bolo de suas mãos.

— Desculpe Han, talvez esteja livre de Derrapada, porém continua sendo uma estranha.

— arrumou seu cachecol da Love Quotes em seu pescoço e incentivou as outras garotas para que a seguissem. Riley foi a primeira a segui-la, depois Kate.

Courtney ficou na mesa por um pouco mais, seus olhos azuis fixos em Hanna.

— Teu cabelo parece muito bem assim— disse finalmente.

Hanna tocou o cabelo distraidamente. Parecia como sempre, liso e com uma aplicação de cera Bumble & Bumble para dar forma. Pensou novamente no desenho de Courtney que viu na parede do sótão, os olhos de Courtney eram grandes e fascinantes. Um calafrio percorreu sua espinha.

—Oh, obrigada — sussurrou cautelosamente.

Courtney manteve seu olhar por alguns minutos, um estranho sorriso em seus lábios.

— Não há de quê — disse. Então pendurou a mochila no ombro e seguiu as outras pelo corredor.

7

NOEL KAHN, BEM-VINDO AO VAGÃO DE ROSEWOOD

Algumas horas depois, Aria entrou triste pela sala de estudos, seu terceiro período do dia. Era um lugar na aula de saúde, em que haviam decorado as paredes com cartazes que descreviam os sintomas das DSTs, o estrago que as drogas ilegais podiam fazer ao corpo e o que acontecia com a pele se fumasse freqüentemente. Havia também uma grande mancha de cera amarela no fundo da sala, que supostamente representava um quilo de gordura em seu corpo, e um pôster longo ilustrando as numerosas mudanças que sofre um feto enquanto está no ventre. Meredith, a —madrastal| de Aria, tinha 25 semanas de gestação, e de acordo com a tabela de saúde, o feto tinha o tamanho de um nabo. Hilário!

Aria tomou um longo gole de café de seu copo térmico. Havia pedido grãos de café de um pequeno lugar perto de onde eles moravam em Reykjavík, Islândia. Só o frete já tinha lhe custado uma fortuna, porém a Starbucks não tinha mais copos. Ária se sentou quando viu que os outros estudantes entravam na sala. Escutou um barulho perto e olhou para cima.

— Oi — Noel se deixou cair em uma cadeira. Aria se surpreendeu ao vê-lo, embora Noel estivesse tecnicamente na mesma sala que Aria no geral, ele passava o período no ginásio da escola. — Como você está? — perguntou com olhos muito abertos.

Aria encolheu os ombros sem responder, tomando outro gole do forte café. Ela tinha a sensação de saber o que Noel queria falar.

Todos queriam falar sobre isso hoje.

— Tem falado com... você sabe, Courtney? —Seus lábios tremeram ao dizer o nome.

Aria mordeu a unha do seu polegar.

— Falei um pouco com ela. Porém espero não voltar a fazer isso nunca.

Noel ficou surpreso.

— O que? — Aria perguntou

— É só... — Noel se afastou, brincando com um dos chaveiros da sua mochila— Eu pensei que queria conhecer ela, sabendo que é irmã de Ali, só isso.

Aria se virou olhando um cartaz, do outro lado da sala, de cores brilhantes de uma pirâmide alimentar. Seu pai, Byron, disse o mesmo na noite anterior: - —conhecer a irmã perdida de Ali poderia ajudar Aria a superar a morte de Ali|. Aria estava bastante certa que sua mãe havia dito isso também, apesar de que havia estado evitando sua mãe. Cada vez que ligava com Ella, corria o risco de seu horrível namorado, Xavier, atender.

Todo o assunto de Courtney surpreendeu Aria completamente. Courtney, ali parada acenando para a multidão. Os DiLaurentis a haviam escondido por anos sem dizer nada a ninguém. A imprensa

escutando cada palavra que diziam. No meio do circo, Aria tinha visto Jason DiLaurentis. Ele assentiu com a cabeça a tudo o que sua mãe dizia, seus olhos vidrados como se houvessem feito uma lavagem em seu cérebro. Todos os restos da ardente paixão que Aria tinha por Jason desapareceram nesse instante. Ele e sua família eram um desastre, mais do que ela havia imaginado.

Aria abriu seu livro de biologia, em uma página qualquer e pretendia ler sobre as etapas da fotossíntese. Os olhos de Noel estavam nela esperando.

— Parece estranho ficar perto dela. — Aria respondeu finalmente, sem levantar os olhos. — Traz muitas recordações sobre o desaparecimento de Ali e sua morte.

Noel se inclinou para frente, fazendo com que a velha mesa de madeira rangesse.

— Porém Courtney passou por isso, também. Talvez fosse bom para você e as garotas lidar com isso juntas. Sei que não está na terapia em grupo, porém falar com ela poderia ajudar.

Aria beliscou a ponta do seu nariz. Em todo caso, ela precisava da terapia em grupo para lidar com a chegada de Courtney.

Empurrões na frente da sala fizeram com que Aria olhasse. Os garotos começaram a sussurrar quando a Sra. Ives, que cuidava da sala de aula, se afastou da porta. O coração de Aria afundou. Ali estava Courtney.

A Sra. Ives apontou para a única mesa vazia na sala, que por certo, estava ao lado de Aria. Todos na sala olhavam para Courtney enquanto ela se aproximava da carteira, seus quadris balançando, seu longo e loiro cabelo movendo-se enquanto caminhava. Phi Templeton tirou uma foto de Courtney com seu BlackBerry.

— Parece igual a Ali — Imogen Smith sibilou.

Courtney notou Ária e sorriu.

— Oi! É agradável ver um rosto amigo.

—O-oi — Aria gaguejou. Ela tinha a sensação que a expressão do seu rosto não podia ser classificada como amigável. Courtney se sentou, colocou sua brilhante bolsa vermelho-rosa sobre a cadeira, pegou um caderno de espiral e uma caneta de cor roxa do bolso da frente.

Courtney estava escrito na frente do caderno em letras borbulhantes. Inclusive sua letra era idêntica a de Ali.

A bílis subiu pela garganta de Ária. Ela não podia pensar nisso, Ali esta morta.

Noel se aproximou e sorriu para Courtney.

— Sou Noel. — Estendeu sua mão e Courtney a apertou. — É o seu primeiro dia? — perguntou como se não soubesse.

Courtney fingia limpar o suor da sua testa.

— Este lugar é uma loucura. Nunca tinha estudado em uma escola onde as salas são como estábulos.

Isso é por que nunca estive em uma escola real, pensou Aria.

Noel assentiu com a cabeça entusiasmado, seu rosto se iluminou como um caça níqueis de Las Vegas.

— Sim, este lugar costumava ser uma fazenda. Pelo menos os animais já não estão mais aqui.

Courtney ria como se isso fosse a coisa mais engraçada do mundo. Ela inclinou seu corpo rapidamente para Noel. Ali sabia fazer exatamente a mesma coisa com os garotos que ela gostava, era o modo de marcar seu território. Foi algo intencional? Alguma conexão estranha de gêmeas? Aria esperou que Noel dissesse a Courtney que eles estavam saindo, porém tudo o que fez foi dar uma olhada. Vê? Dizia sua expressão. Courtney não é tão ruim.

De repente, muitas recordações amargas ressurgiram frescas e fortes. No sétimo ano, Aria havia contado a Ali que gostava de Noel, Ali tinha assegurado que iria ver se Noel gostava de Aria. Porém uma vez que o fez, Ali disse:

— Algo estranho aconteceu na casa de Noel. Eu contei sobre você, e ele disse que gostava de você como amiga. E depois disse

que gostava de mim. Eu acho que eu gosto dele também. Porém não quero sair com ele se você não quiser que eu o faça.

Aria tinha sentido como se seu coração tivesse sido arrancado do peito e partido em um bilhão de pedaços.

— Está bem — ela disse rápido. O que mais podia dizer? Não era como se ela pudesse competir contra Ali.

Ali teve dois encontros com Noel, o primeiro foi ao cinema ver um filme de garotas de sua escolha, o segundo foi no shopping King James, onde Noel esperou pacientemente por horas enquanto Ali provava tudo o que havia na Saks.

Então, sem razão, Ali terminou com Noel por que gostava de outra pessoa, alguém mais velho. Esse devia ser Ian.

E agora parecia que a história voltaria a se repetir. Poderia os sentimentos de Noel por Ali voltar agora que seu duplo fantasma estava aqui?

Courtney e Noel continuaram conversando sobre o período granjeiro, que continha um canal e um celeiro onde tinha porcos desde os tempos passados. Aria limpou a garganta com força.

— Hum, Noel, tenho algumas idéias sobre o baile do dia de São Valentin. — ela disse — O que você pensa em usar, um smoking ou um terno?

Noel piscou, interrompido na metade de uma frase.

— Os garotos geralmente usam ternos, acredito.

— Brilhante — Aria disse docemente.

Ela manteve seus olhos em Courtney todo o tempo, assegurando-se que Courtney entendesse sua intenção. Mas no lugar de cuidar de sua vida, Courtney apontou para algo na bolsa de pele de búfalo que Ária carregava.

— Ei! Continua fazendo isso?

Aria olhou sua bolsa. Dentro de um dos grandes bolsos estava uma emaranhada bola de fios brancos e agulhas de tricô. Pegou sua bolsa do chão e apertou contra seu peito. *Continua fazendo isso?* Esse era um jeito estranho de falar.

— Minha irmã me disse que você tecia — Courtney explicou como se lesse a mente de Aria — Ela me mostrou o sutiã de pelo de cabra que você fez para ela.

— Oh. — A voz de Aria vacilou. A sala começou a cheirar a marcador permanente e suor. Courtney estava olhando-a fixamente, porém Aria não podia retribuir o sorriso. O que mais havia contado Ali a Courtney, sobre Aria? Que havia sido uma fracassada esquisita sem amigos antes de Ali chegar? Que Aria gostava de Noel? Talvez, Ali tinha contado sobre o dia que encontrou Byron e Meredith se beijando no estacionamento. Ali tinha adorado cada minuto disso,

era a única coisa que ela falava para Aria nas últimas semanas antes de desaparecer.

Aria começou a tremer. Era demais estar sentada aqui e agir como se tudo isso fosse normal.

Quando seu celular, que estava na mesa, soltou um estridente som, ela quase pulou de susto. Uma alerta de notícias CNN apareceu na tela. BILLY FORD PODE TER UM ÁLIBI.

O café pesou no estomago de Ária. Quando levantou o olhar, Courtney estava olhando fixamente o alerta também, seu olho arregalado e seu rosto pálido. Por uma fração de segundo, Courtney parecia que queria tirar o celular da mão de Ária.

Mas em um piscar de olhos, o olhar se foi.

8

CERTAS COISAS NÃO SÃO BRINCADEIRAS

Quando Emily correu para sua aula de educação física na terça-feira, Aria pegou-a pelo braço.

— Olhe isso. —Ela enfiou seu Treo no rosto de Emily.

Na tela estavam as notícias recentes: —Um fato fundamental e surpreendente tem surgido no julgamento por homicídio de William Ford|| — Soava a voz de um repórter.

A câmera cortou para uma cena no estacionamento de uma loja de conveniências: —Uma testemunha da Flórida disse que encontrou o Sr. Ford desde sete á quinze de janeiro, o dia em que as pequenas mentirosas encontraram o corpo do Sr Ian Thomas em Rosewood||. A voz-over explicou. —A testemunha deseja permanecer anônima porque o encontro teria a ver com a compra de drogas ilegais, mas se os investigadores puderem confirmar a história, esse álibi pode ser suficiente para inocentar o Sr. Ford do assassinato do Sr. Thomas||.

O Sr. Owens, o mais rígido dos professores de educação física, passava e Aria rapidamente guardou o celular no bolso, pois supostamente eles não deviam usá-los durante o horário escolar. Quando ele se afastou, Aria reproduziu o vídeo novamente.

— Como isso pode ser possível? — sussurrou com o rosto desfigurado. — Se Billy estava na Florida quando Ian foi assassinado, alguém deve ter pegado as fotos e descoberto essas coisas sobre nós, como A.

Emily mordeu nervosamente seus lábios.

— Não tem sentido. Ele tem de estar mentindo. Talvez pagou alguém para dizer isso.

— Com que dinheiro? Ele nem pode pagar um advogado — disparou Aria.

Elas ficaram caladas durante algum tempo. Dois garotos da equipe de luta livre passaram, brincando de um tipo doido de luta no corredor. O noticiário terminou, e a opção de escolher mais vídeos apareceu na tela. Um deles era a notícia da noite em que Jenna foi assassinada. O outro era sobre Courtney DiLaurentis. Emily se inclinou olhando a foto de Courtney, a dor e a confusão passando por ela, mais uma vez.

Ali mentiu para nós, pensou, e isso machucava-lhe o coração pela enésima vez. Ali tinha deixado fora de Emily e das outras uma grande parte da sua vida. Era como se nunca tivessem sido amigas de verdade. Ou talvez houvesse tido pistas? Ali estava obcecada por uma coisa com gêmeos, uma vez, quando Ali e Emily foram fazer compras sozinhas em Ardmore, Ali disse para todos que eram gêmeas, apenas para ver como todas as pessoas acreditavam. E

Ali tinha usado isso para falar da semelhança de Emily e sua irmã Carolyn.

— Alguém já achou alguma vez que vocês são gêmeas? — Perguntou-lhe mais de uma vez. —As pessoas nunca te confundiram com outra?

Aria se deu conta que Emily estava olhando a foto de Courtney. Tocou o pulso de Emily.

— Tenha cuidado. — Emily estremeceu.

— Do que você está falando?

Aria apertou os lábios. Um grupo de garotas com uniforme de líderes de torcidas passou ensaiando os movimentos dos braços em uma ovação.

— Ela pode ser idêntica a Ali, mas não é ela.

O calor se alastrou pelo rosto de Emily, sabia onde Aria queria chegar. As ex-amigas de Emily sabiam de sua paixão por Ali. Mona Vanderwall, a primeira A, também sabia disso.

Aria tinha acusado Emily de deixar seu coração na frente da razão, principalmente quando Emily acreditava que Ali estava viva.

— Sei que não é Ali — retrucou Emily — Eu não sou idiota. — Ela foi para o vestiário do ginásio sem se despedir de Aria.

A sala cheirava a chinelos de borracha, aerossol, e desodorantes florais. Um grupo de garotas que estavam trocando suas camisetas e calções, falavam sobre o baile de São Valentin, que era no sábado. Emily abriu seu armário com força, Aria a tinha deixado nervosa. E verdade seja dita, Emily tinha passado a noite toda acordada, relembrando o momento em que Courtney apareceu. Talvez não

fosse Ali, mas o coração de Emily tinha disparado quando Courtney lhe deu uma piscada sedutora. Tinha sido emocionante sentar-se na cozinha da nova DiLaurentis também. Justamente na frente dessa garota bonita, e perturbadoramente familiar. Emily tinha sonhado durante anos com Ali, como não ia sentir algo pela sua irmã gêmea? E o que significava o que Aria disse, para ter cuidado? Não tinha nenhuma razão para desconfiar de Courtney, ela era tinha sido tão vítima do presente como Emily e as outras foram. Courtney teve sorte de escapar por pouco do fogo na floresta. Billy estava tentando matá-la, igual ele tentou matar Emily e as outras.

Porém, e se o noticiário estava certo? O que aconteceria se Billy não tivesse matado Ian ou começado o fogo... Ou feito qualquer coisa mais?

— Hum.

Emily levou um susto, a camiseta branca e a calça azul de ginástica, que tinha tirado caíram de suas mãos. Uma garota loira, com o rosto em formato de coração estava sentada em um dos bancos de madeira no final dos armários.

— Oh — exclamou Emily com a mão sobre a boca. Era como se Courtney tivesse aparecido apenas porque Emily pensou nela.

—Oi. — Courtney estava vestida com uma jaqueta de Rosewood Day, branca abotoada e uma saia azul xadrez. Suas meias azuis da escola estavam apertadas e iam até abaixo de seus bonitos joelhos em formato de diamante. Ela ficou olhando a roupa de ginástica nos

braços de Emily. — Não sabia que deveria trazer calções e essas coisas.

— Sim — Emily levantou a camiseta pelo pescoço. — Você pode conseguir roupa de ginástica na loja da escola — ela inclinou a cabeça — O Sr. Draznowsky não te disse isso? — O

Sr. Draznowsky era o seu professor de educação física.

— Ele só me deu o numero e a combinação do armário. De certo pensou que eu saberia o que fazer.

Emily baixou os olhos. Courtney tinha ido a uma escola normal? Alguma vez fez parte de um esporte equipe, ou tocado um instrumento na banda, ou achado o caminho mais rápido para chegar à sala a tempo? As palavras de precaução de Ária encheram a mente de Emily novamente. Bom, elas não conheciam Courtney, mas o que pensavam que Emily devia fazer, ignorá-la?

— Eu tenho um calção e uma camiseta extra — Emily ofereceu, dirigindo-se ao seu armário e procurando no fundo. Deu-lhe uma pequena camiseta e um calção amassado. — A camiseta não é teoricamente para a aula de educação física, mais acredito que vão deixar passar por hoje.

— Oh, meu Deus, obrigada — Courtney estendeu o braço para pegar a camiseta. Tinha uma foto de uma piscina e uma partida de bloqueio. "Você abala o bloqueio", ela leu em voz alta, depois olhou para Emily intrigada.

— Minha treinadora de natação me deu por ser a capitã este ano
— explicou Emily.

Os olhos de Courtney se arregalaram.

— A capitã? Impressionante.

Emily encolheu os ombros. Ela tinha sentimentos divididos sobre ser capitã da equipe de natação, principalmente depois que ela tinha pensado em desistir a pouco tempo.

Courtney esticou o calção de ginástica, percebendo que estava estampado perto da borda.

— O que é isso? Um escudo? Ou um pênis pequeno?

Emily começou a rir.

— Isso é um tubarão. Nosso mascote.

Courtney estreitou os olhos.

— Um tubarão? É sério?

— Sim, é. Parece mais uma minhoca. Ou um pênis... — Emily achava engraçado dizer a palavra em voz alta. — Agora que você mencionou, um garoto do primeiro ano sempre se veste com uma

roupa de espuma de tubarão na natação. E no final, a parte de trás da roupa sempre cai...

Um grupo de garotas veio em direção do ginásio. Courtney se apoiou no armário de metal.

— Essa escola é tão estranha. Tubarões em forma de pênis, a música agitada que é tocada durante as aulas...

— Não me refiro a isso — Emily gemeu — Às vezes esquecem-se de desligar quando as aulas começam. E o volume está muito alto enquanto estamos fazendo uma prova de matemática. Você conheceu a Sra. Reyes do escritório? Ela usa grandes óculos ovais rosa.

Courtney começou a rir.

— Ela registrou-me.

— Ela está encarregada da musica PA — explicou Emily. — E cada vez que a musica é tocada durante muito tempo, sempre a imagino dormindo no seu escritório.

— Ou isso, ou ela está distraída porque está olhando as pinturas a óleo que tem desse pequeno rato que é seu cachorro.

— É o seu Chihuahua! — Emily riu. — Às vezes ela o traz nos bolsos. Fez uma jaqueta e uma saia da equipe de Rosewood Day mesmo ele sendo um garoto!

Os ombros de Courtney tremeram de risada. Emily se sentiu brilhante e resplandecente.

Courtney se sentou no banco e desabotoou sua jaqueta.

— Eu estou vendo um monte de cartazes para um jogo chamado A Cápsula do Tempo.

O que é isso?

Emily se inclinou olhando para uma bola de goma verde que alguém prendeu no rejunte dos azulejos beges na parede.

— É só um jogo estúpido — sussurrou. A Cápsula do Tempo é uma longa tradição de Rosewood Day, e, por coincidência, a primeira vez que Emily entrou no pátio de trás da casa de Ali foi quando ela havia tentado roubar de Ali um pedaço da Cápsula do Tempo. Ali tinha sido muito amigável com ela nesse dia, dizendo para Emily e as outras que alguém a tinha roubado.

Emily apenas descobriu recentemente que esse alguém foi Jason. Ele então tinha dado a Aria, que o manteve guardado durante anos.

Um barulho soou de dentro da bolsa de Courtney. Ela pegou seu iPhone e revirou os olhos.

— CNN outra vez. — disse dramaticamente. — Eles querem me entrevistar. Até mesmo tenho uma ligação do próprio Anderson Cooper!

— Uau! — Emily sorriu. Alguém em outro corredor fechou seu armário.

Courtney colocou seu celular de novo na bolsa.

— Sim, mas eu realmente não quero falar com a imprensa. Prefiro falar com vocês. — Ela passou a mão pelas iniciais WD MP que alguém tinha gravado no banco de madeira. — Você estava com minha irmã na noite que... a noite em que Billy...?

Um calafrio passou pela espinha de Emily.

— Sim, estava.

— É muito assustador — a voz de Courtney soou quebrada — Que ele matou a Jenna Cavanaugh e Ian. E enviou todas essas mensagens horríveis.

O calor zumbiu, e a poeira girou ao redor da sala.

— Espera um momento — disse Emily de repente, um pensamento lhe ocorreu — Billy me enviou uma foto de Ali, Jenna e uma garota loira. Pensei que era Naomi Zeigler, mais era você não?

Courtney pegou uma banana Chiquita que alguém tinha colocado em seu armário.

— Provavelmente. Conheci Jenna durante uma visita. Ela era a única pessoa em Rosewood Day que sabia de mim.

Duas garotas em calças de ginástica de Rosewood Day passaram por Emily e Courtney, olhando-as brevemente antes de desviar o olhar. A mente de Emily girou.

Então, Jenna sabia de algo, assim como elas suspeitavam. Billy-como-A também tinha mandado Emily para a casa de Jenna há algumas semanas, para que ela pudesse assistir a discussão de Jenna com Jason DiLaurentis. Talvez eles estivessem discutindo porque Jason queria ter certeza que Jenna manteve o segredo sobre Courtney. Mas o que isso tinha a ver com Billy?

O professor bateu na porta e todo mundo encontrou seu grupo de basquete.

— Deus, isso é tão deprimente! — Courtney sussurrou balançando a cabeça tristemente.

— Eu trouxe tudo isso. Tenho certeza que é estranho falar sobre isso.

Emily encolheu os ombros.

— Todas devemos estar falando demais – ela enfrentou Courtney sentindo-se corajosa.

— E, bem, se você tiver uma pergunta sobre Rosewood ou qualquer outra coisa, eu estou aqui.

Courtney se alegrou.

— Sério?

— Claro. Talvez pudéssemos nós encontrar depois da escola amanhã? — Courtney perguntou, com o rosto cheio de esperança.

— Oh! — Emily começou surpresa. A porta do ginásio foi aberta, e por um momento o vestiário ficou repleto de sons de gritos e bolas de basquete quicando.

— Se isso é muito estranho, tudo bem — disse Courtney rapidamente, seu rosto triste. Como Ali e essas coisas.

— Não, encontrar-nos soa muito bem — decidiu Emily. — Quer vir à minha casa?

— OK — disse Courtney.

Emily se inclinou para frente, desamarrando os cordões de seus sapatos e então ajustando-os. Emily queria mostrar mais emoção, mas se sentiu envergonhada.

Quando Courtney limpou a garganta, Emily olhou de novo e ficou sem ar. Courtney tinha tirado a blusa por cima da cabeça e estava

no meio do corredor, com a saia de pregas e um sutiã de renda cor de rosa. Não era como se ela estivesse se mostrando... Mas ela não estava se escondendo também.

Emily não conseguia parar de olhar. Os peitos de Courtney eram maiores que o de Ali, mas tinha a mesma cintura pequena. Um milhão de lembranças de Ali passaram pela mente de Emily. Ali sentada em um biquíni na piscina, com o seu aviador Prada colocado na ponta do nariz. Ali descansando sobre o sofá de Spencer de calção, suas pernas longas e bronzeadas cruzadas nos tornozelos. A sensação dos lábios macios de Ali quando Emily a beijou na casa da árvore. A emoção que Emily sentiu naqueles segundos inebriantes antes de Ali se afastar.

Courtney virou, percebendo que Emily estava vendo. Arqueou uma sobrancelha, com astúcia. Um sorriso apareceu nos lábios de Courtney. Emily tentou sorrir de volta, mas seus lábios pareciam feitos de borracha. Courtney poderia saber sobre o beijo? Ali disse a ela? E

Courtney estava... flertando?

A porta de entrada dos vestiários se abriu e Emily foi pentear seus cabelos loiros avermelhados no espelho de corpo inteiro. Courtney fechou seu armário, deixando escapar um grande bocejo. Quando Emily foi em direção à porta do ginásio, Courtney lhe chamou a atenção mais uma vez. Lentamente, fechou um olho em uma piscadinha longa e sedutora, como se soubesse exatamente o que estava fazendo... E exatamente como fazia Emily se sentir.

9

SEGREDOS, SEGREDOS EM TODAS AS PARTES

— Bem vindas ao salão Ruff House Grooming! — disse uma alegre mulher com um casaco vermelho, para Spencer e Melissa, enquanto elas se dirigiam com os dois labradoodles da família no luxuoso spa para animais de estimação. A limpeza dos cachorros era geralmente trabalho da Sra.Hastings, mas a Sra. Hastings não conseguia nem cuidar de si mesma agora.

Como os cães pararam para cheirar um vaso de samambaias no canto e levantar as pernas sobre ele, Melissa deu um dramático suspiro e lançou um olhar ressentido para Spencer.

Spencer fez uma careta. Bem, Melissa a odiava por fazer de sua mãe uma agorafobica catatônica, constatou. Será que ela queria apertar a garganta de Spencer cada vez que a via?

Um groomer, que não parecia muito mais velho que Spencer, disse que ela estaria com eles em alguns minutos. Spencer deixou-se cair em uma cadeira de couro, e Beatrice deitou a seus pés, mastigando um dos dedos de seus sapatos de ballet Kate Spade .

Alguém limpou a garganta na sala. Spencer olhou para cima.Uma mulher idosa com cabelo selvagem segurando um chihuahua deu-lhe um frio olhar.

— Você é a garota cuja amiga morta tinha uma irmã gêmea em segredo, certo? — Ela disse, apontando. Quando Spencer assentiu

com a cabeça, a mulher riu e puxou seu cão, como se Spencer estivesse possuída. — Nada de bom pode sair disso. Nada bom.

Spencer abriu a boca.

— Desculpe-me?

— Sra. Abernathy? — Uma voz chamou do corredor. — Estamos prontos para você e Sr. Belvedere. — A velha levantou-se, empurrando o cão sobre o braço. Ela deu a Spencer um último olhar de mau agouro e desapareceu pelo corredor.

Ao lado dela, Melissa deixou escapar uma confusa fungada. Spencer deu-lhe uma rápida olhada. Como de costume, o cabelo de sua irmã na altura do queixo era liso e reto, sua pele clara estava impecável, o casaco de lã xadrez não soltava fiapos. De repente, Spencer sentiu-se mal pelo rompimento estúpido. Se velhas loucas em Chanel Vintage tinham opiniões sobre a bomba que a Sra. DiLaurentis tinha divulgado ontem, então certamente Melissa também tinha. Ali não era a única com uma irmã secreta, Courtney era meia-irmã de Spencer e Melissa também

— O que você acha que devemos fazer sobre Courtney? — Spencer perguntou para ela.

Melissa jogou um biscoito orgânico para cachorros em uma tigela de vidro.

— Desculpe-me?

— Courtney disse que Ali contou muita coisa sobre nós. Deve saber porque... você sabe, nós estamos relacionadas?

Melissa desviou o olhar.

— Não percebi que Ali e Courtney eram tão próximas. Que tipo de coisas ela sabia? — Ela tirou a tampa de sua garrafa Nalgene roxa e tomou um longo gole. Spencer sentiu um puxão de ansiedade no estômago.

— O que você disse a Jason na coletiva de imprensa?

Melissa quase engasgou com a água.

— Nada.

Spencer pegou a coleira de Beatrice. Em algum lugar do spa, um cão soltou um uivo infeliz. Obviamente não era nada.

— E desde quando você é amiga de Jason? Eu não os vi se falar desde a escola secundária.

A campainha tocou à porta, e um homem entrou com um enorme poodle com um lenço colocado ao redor do pescoço. Rufus e Beatrice ficaram instantaneamente alerta. Spencer manteve os olhos sobre sua irmã, decidida a não dar chance para Melissa até ela dizer a verdade.

Finalmente, Melissa suspirou.

— Eu disse a Jason que ele deveria ter dito que Courtney estava de volta.

A música New Age que tocava através do estéreo de repente ficou em silêncio.

— O que você quer dizer com —de volta||? Você sabia sobre Courtney? — Spencer sussurrou.

— Hum, mais ou menos.

— Há quanto tempo?

— Desde o ensino médio.

— O quê?

— Olha, Jason gostava muito de mim. — Melissa puxou Rufus para ela e acariciou sua cabeça. — E um dia, ele disse que tinha uma irmã secreta que estava no hospital. Ele me implorou para não contar a ninguém. Era o mínimo que eu poderia fazer.

— O que você quer dizer?

Uma mulher com dois Bichons cuidadosamente arrumados passou.

— Bem, eu meio que desisti de Jason por Ian — disse Melissa, sem olhar para Spencer.

— Eu quebrei seu coração.

Spencer tentou imaginar quando isso poderia ter acontecido. Antes do celeiro queimar, tinha descoberto um livro de matemática de quando Melissa estava no colégio, dentro havia uma anotação sobre Melissa e Jason ter um relacionamento. Spencer também recordou o sábado, depois que começou o sexto ano, quando ela e suas ex-amigas tinham ido ao quintal de Ali para roubar o pedaço da bandeira da Cápsula do Tempo. Duas pessoas estavam discutindo na casa de Ali, e Ali gritou "Basta!" E então alguém havia imitado em voz alta. Então ouviu-se um barulho, e depois Jason saiu da casa. Parou no meio do pátio para olhar Ian e Melissa, que estavam no convés dos Hastings. Melissa e Ian tinham começado a sair uns dias antes...

Se Melissa e Jason tiveram um caso, deveria ter sido antes. O que significa que Melissa sabia que Ali tinha uma irmã gêmea secreta, antes mesmo de Spencer e Ali se tornarem amigas.

— Muito gentil de sua parte dizer isso — Spencer disse com os dentes cerrados.

A música começou a tocar novamente, desta vez com uma velha canção de Enya.

— Fiz uma promessa — disse Melissa, envolvendo a corrente de Rufus na sua mão com tanta força que começou a cortar a circulação.

— Era dever de Ali lhe dizer.

— Bem, ela não o fez.

Melissa revirou os olhos.

— Bem, Ali era uma cachorra.

O aroma irresistível de pasta de dente de eucalipto para cães revirou o estômago de Spencer. Ela queria dizer a Melissa que ela era uma cadela também. Maldita proteção, Melissa nunca protegia ninguém.

Não, Melissa tinha guardado o segredo, pois o conhecimento significava poder e controle, como dizia Ali. Mas Ali e Melissa não eram irmãs de Spencer apenas. Alguns dias atrás, ela queria uma oportunidade de começar novamente com Ali sem manipulação, mentiras, ou competição. Ela nunca teria essa oportunidade, mas talvez ela tivesse uma segunda coisa melhor. Sem dizer uma palavra, Spencer entregou a corrente de Beatrice para Melissa e saiu do salão. Quando Spencer passou pela nova casa dos DiLaurentis, ficou aliviada ao descobrir que vans de notícias, carros de polícia e barricadas da coletiva de imprensa de ontem tinham ido embora. Parecia uma casa normal, igual as demais, exceto pela escada na garagem, levando para o apartamento de estúdio de Jason.

Spencer saiu do carro e ficou muito quieta. Três corvos sentaram-se em uma caixa verde de electricidade na rua. O ar cheirava a óleo de motor derramado e neve.

Balançando seus ombros, caminhou pelos azulejos cinza dos DiLaurentis. Houve uma batida de dentro. Spencer saltou de um pé para outro, perguntando se isso era um erro.

E se Courtney não sabia que estavam relacionadas, ou não se importava? Só porque Spencer queria uma irmã não queria dizer que ela receberia uma.

De repente, a porta se abriu e Courtney apareceu. Spencer exclamou involuntariamente.

— O quê? — Courtney perguntou abruptamente. Suas sobancelhas formavam um V.

— Desculpe — Spencer disse — É só que... você parece tão...

Aqui estava Ali, como nas lembranças de Spencer. Seu cabelo loiro ondulado sobre seus ombros, sua pele brilhava, e seus olhos azuis resplandeciam em seus longos cílios. Houve uma desconexão na mente Spencer, esta garota era parecida com Ali, e ainda assim ela não era a sua antiga amiga.

Spencer apertou as mãos na frente do seu rosto, querendo acabar com isso de uma vez.

— Então, o que aconteceu? — Courtney disse, encostada no batente da porta.

— Há algo que eu quero falar com você.

— Legal. — Courtney deixou Spencer entrar, então se virou e caminhou calmamente pelo corredor em direção à escada. Fotos emolduradas da família DiLaurentis cobriam as paredes. Spencer reconheceu muitas delas da antiga casa dos DiLaurentis. Havia a foto da família em um dos ônibus de dois andares em Londres, em preto e branco deles em uma praia nas Bahamas, e uma foto em frente ao habitat das girafas no zoológico na Filadelfia.

As imagens familiares tiveram um novo significado enquanto Spencer seguia as fotos dos DiLaurentis pela casa.

Por que Courtney não tinha ido a nenhum dos feriados? Estava muito doente? Spencer parou em frente de uma foto que ela não conhecia. Era da família na varanda de trás de sua antiga casa.

Mãe, pai, filho e filha sorriam alegremente, felizes, como se não tivessem nenhum segredo no mundo. Deve ter sido perto do momento em que Ali desapareceu porque havia uma grande escavadeira aparecendo no pátio, perto de onde seria o mirante.

Tinha outra forma no canto da propriedade também. Parecia uma pessoa.

Spencer se aproximou, estreitando os olhos, porém não podia distinguir quem era.

Courtney limpou a garganta, á sua espera no alto da escadaria.

— Você vem? — Perguntou, e Spencer se afastou das fotos , como se a houvessem surpreendido espiando e subiu correndo as escadarias.

Tinha um monte de caixas de mudança no corredor do segundo andar. Spencer cravou as unhas na palma da mão quando viu uma marcada como —Ali - Hockey de campo||.

Courtney contornou um aspirador de pó Dyson e abriu uma porta no final do corredor.

— Aqui estamos nós.

Quando Spencer viu o quarto, ela sentiu como se tivesse voltado no tempo. Reconheceu a colcha rosa imediatamente, tinha ajudado Ali a escolhe-la na Saks.

Estava ali o grande cartaz da estação de metrô Rockefeller Center que os pais de Ali tinham comprado para ela em uma loja de antiguidades em SoHo. E a placa de espelho na mesa era o mais familiar de todos. Spencer tinha dado a Ali no seu décimo terceiro aniversário.

Essas coisas eram todas de Ali, todas elas. Courtney não tem nada próprio?

Courtney caiu sobre a cama.

— O que está pensando?

Spencer afundou na confortável cadeira de cashmere e arrumou a proteção dos braços para que ficassem parelhas. Isto não era algo que ela poderia dizer para uma pessoa sem aviso prévio, e principalmente para alguém que passou sua vida lutando contra uma misteriosa doença.

Talvez isso fosse uma má idéia. Talvez deveria se levantar e sair. Talvez ...

— Deixe-me adivinhar. — Courtney pegou um fio solto do edredon. Você quer falar sobre o caso — Courtney deu de ombros.
— Seu pai. Minha mãe.

Spencer engasgou.

— Você sabia?

— Eu sempre soube.

— Mas ... Como? — Spencer gritou.

A cabeça de Courtney estava baixa, e Spencer podia ver seu cabelo e suas perfeitas raízes loiro mel.

— Ali descobriu. E então ela me disse em uma de suas visitas.

— Ali sabia? Billy não estava fazendo isso? — Billy-como-Ian tinha enviado mensagens a Spencer sobre o assunto pouco antes dele matar Jenna.

— E nunca te disse, certo? — Courtney deu uma risadinha.

Um pardal se empoleirou no parapeito da janela de Courtney. O quarto cheirava a carpete novo e tinta fresca. Spencer piscou com força.

— Jason e teu pai sabem?

— Eu não tenho certeza. Ninguém disse nada. Mas se minha irmã sabia, meu irmão provavelmente sabe também. E meus pais se odeiam, o que significa que o meu pai, provavelmente suspeita. — Ela revirou os olhos. Eu juro que eles só ficaram juntos porque Ali desapareceu. Eu aposto que em um ano estarão divorciados.

Spencer sentiu um nó na garganta do tamanho de uma tangerina.

— Não sei nem onde está meu pai agora. E minha mãe sabe disso. Ela está realmente em ruínas.

— Desculpe. — Courtney olhou diretamente para Spencer. Spencer mudou seu peso, e a cadeira rangiu furiosamente.

— Todo mundo esconde as coisas de mim — disse em voz baixa. Eu tenho um irmã mais velha, Melissa. Você pode ter visto ela na coletiva de imprensa. Ela estava conversando com seu irmão. — Ela era também a que te fulminou com o olhar, queria acrescentar. — Melissa me disse que sabia desde a escola que Ali tinha uma irmã gêmea — Spencer continuou.

— Ela nunca se preocupou em mencionar isso, tenho certeza que a encantava saber de algo e eu não. Que irmã, hein? — Ela soltou uma respiração forte, estranha. Courtney pegou uma caixa de lenços de papel na mesa da cabeceira, e deixou cair aos pés de Spencer.

— Ela parece muito competitiva e insegura — ela disse.

— Assim como Ali era comigo também. Ela sempre queria ser o centro das atenções.

Ela odiava quando eu era melhor em qualquer coisa. Eu sei que foi bastante competitiva com você também.

Isso era um eufemismo. Spencer e Ali competiam em tudo, quem ia de bicicleta para Wawa mais rápido, quem poderia beijar mais garotos mais velhos, ou quem poderia ser JV

hóquei de campo no sétimo ano. Teve um monte de vezes que Spencer não queria competir, mas Ali sempre insistiu .

Foi porque Ali sabia que eram irmãs? Estava ela tentando provar alguma coisa?

Derramando salgadas lágrimas pelas bochechas de Spencer, os soluços subiam para seu peito.

Ela não estava certa do porque estava chorando.

Todas as mentiras, talvez. Todas as feridas. Todas as mortes.

Courtney puxou-a e a abraçou com força. Ela cheirava a canela e shampoo.

— Quem se importa com o que os nossos irmãos sabiam? — Murmurou. O passado é o passado. Nós temos uma a outra agora, certo?

— Uh-huh — Spencer murmurou, afogando-se em lágrimas.

Courtney se afastou, seu rosto se iluminando.

— Ei! Quer sair para dançar amanhã?

— Dançar? — Spencer enxugou os olhos inchados.

Amanhã era uma noite de escola. Teria uma prova de história no final da semana. Ela não tinha visto Andrew a dias, e ainda precisava conseguir um vestido para o baile do dia dos Namorados.

— Eu não sei...

Courtney segurou suas mãos.

— Vamos lá. Será a nossa oportunidade de nos livrar de nossos malvados irmãos, é como a música "Survivor"! — E então ela se inclinou para trás e começou a velha canção de Destiny 's Child. I'm a sur-vi-vor! — cantou, enquanto agitava as mãos acima da cabeça, balançando os quadris e girando loucamente.

—Vamos Spencer! Diga que você vai dançar comigo!

Apesar de toda sua dor e confusão, Spencer começou a rir. Talvez Courtney estava certa, talvez a melhor coisa que poderiam fazer no meio de toda essa loucura era relaxar e ter um bom momento. Isso era o que ela queria afinal de contas, uma irmã em que pudesse confiar e se divertir. E Courtney parecia querer a mesma coisa.

— OK — disse Spencer. E então, ela soltou um grande suspiro, levantou-se e cantou junto com sua irmã.

10

UM INGRESSO PARA POPULARIDADE

Poucas horas depois, Hanna manobrou seu Prius até a calçada sinuosa, desligou o motor e pegou duas sacolas de compras da Otter no assento do passageiro. Ela havia feito uma emergência do tipo Estou-com-pena-de-mim-mesma ao ter ido ao Shopping King James depois da escola hoje, embora não tenha sido tão divertido fazer compras sem uma melhor amiga ou Mike. Ela não confiava em seu julgamento mais, e ainda, ela não tinha certeza se a calça de couro ultra-skinny da Gucci que ela tinha comprado era tão fabulosa assim ou simplesmente sacanagem. Sasha, a vendedora favorita de Hanna, disse que ela estava ótima na calça... porém, mais uma vez, ela ficou com a comissão sobre a venda.

Estava escuro como breu lá fora e uma fina crosta de gelo tinha se formado sobre o jardim da frente. Ela ouviu uma risadinha. Seu coração começou a martelar. Hanna parou na garagem.

— Olá? — Ela chamou. A palavra pareceu congelar bem na frente de seu rosto, antes de se quebrar em milhares de fragmentos na calçada. Hanna olhou para a direita e esquerda, mas estava escuro demais para ver qualquer coisa.

Houve outra risadinha, e depois uma gargalhada. Hanna exalou com alívio. A risada vinha de dentro de casa. Hanna subiu a escada da porta da frente e entrou calmamente no vestíbulo. Três pares de botas foram colocadas à porta da frente. As Loeffler Randalls esmeraldas eram de Riley - ela tinha uma queda com verde. Hanna

estava com Naomi quando ela comprou aquelas botas de salto agulha ao lado das botas de Riley. Hanna nem reconheceu o terceiro par, mas quando ouviu outra risadinha no andar de cima, uma das garotas que ria se destacou das outras. Hanna tinha ouvido uma versão idêntica daquela risada várias vezes, às vezes às custas dela. Era Courtney. E ela estava na casa de Hanna.

Hanna subiu as escadas na ponta dos pés. O corredor cheirava a rum e coco. Um velho remix da Madonna retumbou no quarto fechado de Kate. Hanna se aproximou e pressionou seu ouvido contra a parede. Ela ouviu sussurros.

—Eu acho que vi o carro dela na entrada da garagem. —Naomi assobiou.

—Deveríamos nos esconder! —Chorou Riley.

—É melhor ela não tentar andar com a gente. —Kate zombou.
—Não é, Courtney?

—Hm. —Courtney disse, mas não soava totalmente certa.

Hanna correu para seu quarto e resistiu ao impulso de bater a porta atrás de si. Dot, sua miniatura de Doberman, levantou da sua cama para cães e dançou ao redor de seus pés, mas Hanna estava tão furiosa que mal o notou. Ela deveria ter previsto que isso aconteceria.

Courtney tinha virado o bichinho de estimação de Naomi, Kate e Riley, provavelmente porque ela era a nova queridinha da mídia. Todos os dias, elas perambulavam os corredores de Rosewood Day

em uma linha de quatro garotas intimidadoras, flertando com os caras mais bonitos e revirando os olhos para Hanna sempre que ela cruzava seu caminho. No oitavo tempo, os alunos não estavam mais olhando para Courtney com mal-estar, mas com respeito e admiração. Quatro garotos tinham pedido para serem seu par no baile do Dia dos Namorados.

Rivers Scarlet, finalista no departamento de Design de Moda do Projeto Runway admitiu, queria projetar um vestido com Courtney sendo sua musa. Não que Hanna estivesse perseguindo Courtney nem nada. Tudo tinha sido na mais nova página do Facebook de Courtney, que já havia acumulado 10.200 novos amigos de todo o mundo.

Houve um sinal sonoro e o iPhone de Hanna se iluminou dentro de sua bolsa. Ela o puxou para fora. Um novo e-mail, dizia a tela. Era de sua mãe. Hanna raramente ouvia falar dela - Sra. Marin tinha ido para a divisão da McManus & Tate em Singapura, uma agência de publicidade, e ela estava mais apaixonada por sua carreira do que por sua única filha.

Hey, Han, começou. **Ofereceram-me seis ingressos para o desfile de moda Diane Von Furstenberg em Nova York, quinta-feira, mas eu obviamente não poderei usá-los.**

Gostaria de ir no meu lugar? Eu anexeí eles via PDF.

Hanna leu a mensagem mais algumas vezes, seus dedos tremendo. Seis ingressos!

Ela se levantou, verificou seu reflexo no espelho e pulou para o corredor. Quando Hanna bateu na porta de Kate, os risos pararam instantaneamente. Depois de alguns sussurros, Kate abriu a porta.

Naomi, Riley e Courtney estavam sentadas no chão ao lado da cama de Kate, vestindo jeans e suéteres de caxemira de tamanho desproporcional. Garrafas de Foundation e bandeiras de sombra para os olhos estavam espalhadas por todo o tapete, e houve a habitual série de Vogues, anuários antigos de Rosewood Day e smartphones misturados entre seus pés.

Quatro copos pequenos e uma garrafa de rum Gosling estavam entre elas. Sr. Marin tinha trazido o rum quando voltou de uma viagem de negócios à Bermudas. Mesmo que Hanna colocasse a culpa em Kate por pegar a garrafa, seu pai, provavelmente, de algum jeito descobriria uma maneira de culpar Hanna.

— O que você quer, psicopata? — Riley enrugou a testa.

— Vocês se importam de falar mais baixo? — Hanna murmurou docemente. — Eu preciso fazer uma ligação sobre alguns ingressos da Fashion Week que minha mãe me deu, e eu consigo ouvir as vozes de vocês por todo o corredor.

Demoraram alguns segundos para que se dessem conta da notícia.

— O quê? — Kate guinchou curvando o lábio.

— Fashion Week, é? — Naomi sacudiu a cabeça.

— Só abaixem a música, um minutinho, — disse Hanna. — Eu não quero que as pessoas da Diane Von Furstenberg pensem que eu sou

uma menina boba do ensino médio. —Ela balançou os dedos e saiu pela porta. —Muito obrigada!

— Espere! — Kate agarrou o braço de Hanna. —A Diane Von Furstenberg?

— Você tem que ser alguém para ter ingressos para isso. — Disparou Riley, as narinas inflando. Ela tinha o menor início de uma espinha no nariz. —Eles não deixam psicopatas entrarem.

— Minha mãe tem seis ingressos, disse Hanna educadamente, girando seu calcanhar. —

Ela recebe esse tipo de coisa através do seu trabalho, o tempo todo. Mas desde que ela foi para Singapura, ela dá para mim.

— Ela pegou seu iPhone, abriu o PDF, e o empurrou no rosto de Kate. Todas as outras se levantaram e olharam para a tela. Naomi lambeu os lábios com fome. Riley lançou uma versão de sorriso genuíno para Hanna, que mais parecia um esgar. Courtney permaneceu em segundo plano, com as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans. As outras garotas se viraram para ela com consideração, como se ela fosse Anna Wintour e elas fossem Assistentes.

—Querida, — declarou Courtney com uma voz idêntica à de Ali.

—É claro que você vai levar suas melhores amigas, não vai?
—Naomi bateu palmas.

—É claro que ela vai nos levar. — Disse Riley, enroscando seu braço com o de Hanna.

—Sim, Hanna, você sabia que essas coisas sobre Psicopata eram piadas, certo? — Disse Kate com um sorriso. —E você deve sair conosco essa noite. Nós estávamos indo te chamar, mas não sabíamos onde você estava.

Hanna desenroscou o braço de Riley. Ela teria que jogar com isso com muito, muito cuidado. Se ela desse o que elas quisessem muito rapidamente, pareceria uma tarefa simples.

— Vou ter que pensar nisso. — Ela disse apaticamente.

— Qual é Hanna. Você tem que nos levar. Nós vamos fazer qualquer coisa. — Naomi deixou escapar um gemido.

—Vamos apagar aquela página no Facebook. — Riley desabafou.

—Vamos limpar aquele "Psicopata" do seu armário. — Naomi disse ao mesmo tempo.

Kate empurrou as duas, obviamente não querendo que elas admitissem que tivessem estado por trás daquelas coisas.

—Tudo bem, ela resmungou. —A partir de agora você não é mais Psicopata.

—Ok, ok. Que seja. —Disse Hanna levemente. Ela começou a andar para a porta.

—Espere! —Naomi guinchou, puxando Hanna de volta pela manga do blazer. — Você vai ou não nos levar?

—Mmmmm —Hanna fingiu pensar. —Okay. Eu acho que sim.

—YES! —Naomi e Riley gritaram. Kate parecia mais pacífica. Courtney olhou para elas como se achasse tudo aquilo muito pequeno. Elas fizeram planos para se encontrarem quinta-feira após a escola no carro de Hanna, quando ela dirigiria de carro até a estação Amtrak.

E onde jantariam após o show? O Waverly Inn? Soho House?

Hanna deixou as garotas e seus planos e andou para o banheiro do corredor, fechando a porta. Ela se inclinou sobre a pia, quase derrubando potes de limpeza facial, tonificador e máscara de lama de Kate, e sorriu para seu reflexo. Ela tinha conseguido. Pela primeira vez em semanas, ela se sentiu como ela novamente.

Quando ela abriu a porta do banheiro poucos minutos depois uma figura se moveu fora da vista. Hanna parou, seu coração saltando na garganta.

—Olá? —ela sussurrou fracamente.

Houve um som de sussurro. Então Courtney entrou na luz. Seus olhos eram redondos, e havia um sorriso fantasmagórico em seus

lábios.

—Uh, oi? —Os pêlos se eriçaram no braço de Hanna.

—Hey. —Disse Courtney. Ela andou até Hanna, parando a centímetros do seu rosto. O

corredor parecia ainda mais escuro do que antes. Courtney estava tão perto que Hanna podia sentir o seu hálito com cheiro de rum. — Eu ouvi dizerem que você conheceu Iris. —Courtney colocou uma mecha de cabelo loiro pálido atrás da orelha.

O estômago de Hanna fez uma cambalhota.

—Ah! É. —Courtney colocou a mão no braço de Hanna, seus dedos estavam gelados.

—Sinto muito, — ela sussurrou. —Ela estava fora de si. Eu estou feliz que tenha se afastado dela, também.

Então Courtney deslizou de volta para as sombras. Seus pés descalços não faziam ruído no tapete peludo. O único jeito que Hanna poderia dizer que ela ainda estava lá foi pelas mãos brilhantes em seu relógio de pulso Juicy Couture. Hanna viu o estranho brilho verde deslizar pelo corredor até desaparecer, como um fantasma, no quarto de Kate.

11

UM OUVIDO SIMPÁTICO

No dia seguinte, depois da escola, Aria guinchou no estacionamento do Rosewood YMCA, uma antiga mansão que ainda mantinha um jardim estilo Inglês e uma gigante casa de carruagens que tinha abrigado vinte Rolls-Royces. O Sr. Kahn precisou do SUV de Noel de tarde, e Aria tinha se oferecido para pegar Noel no seu grupo de apoio de quarta-feira à tarde. Ela também estava morrendo de vontade de contar a Noel sobre o vestido vermelho estilo anos vinte justinho que ela encontrou em uma loja Vintage em Hollis, nesta tarde. Boba como era, o Valentine's Gala foi o primeiro baile temático formal que Aria já havia participado, e ficou surpresa com o jeito em que estava animada.

Ela manobrou em torno do grande estacionamento, desviando para não bater em uma Mercedes SUV cujo motorista estava saindo de uma vaga sem se preocupar em verificar atrás dele. De repente, a música Greatful Dead na estação de rádio da faculdade silenciou.

— Temos uma atualização sobre o Serial Killer de Rosewood. — A repórter falou. —

Billy Ford, o suposto assassino que está na prisão, afirma que tem um álibi para ambas as noites em que Alison DiLaurentis desapareceu e a que Jenna Cavanaugh foi morta. A polícia vai investigar esses achados. Se seus advogados puderem provar esses álibis, ele pode obter liberdade. Isso irá reabrir o que os investigadores pensavam ser um caso arquivado.

As portas duplas do YMCA se abriram completamente e Aria olhou. Uma multidão se esparramou, descendo os degraus de pedra maciça. Duas pessoas caminhavam longe dos outros, concentrados na conversa. Aria reconheceu o cabelo escuro de Noel imediatamente. A pessoa que estava com ele tinha uma mecha de cabelos loiros. Quando ela puxou o cabelo para trás da orelha, Aria engasgou. Era Courtney.

Ela queria se esquivar, mas Noel já havia visto o Subaru, e estava a caminho dele.

Courtney o seguiu. Aria os viu se aproximarem, impotente, sentindo-se como um vagalume capturado e preso em uma jarra.

— Hey! — Disse Noel, abrindo a porta do passageiro. — Você não se importa de levar Courtney para casa também, não é? Era para a mãe dela buscá-la, mas ela ligou e disse que ia se atrasar.

Courtney acenou timidamente para Aria, mantendo uma distância segura. Aria procurou por uma desculpa, mas ela não poderia pensar em algo rápido o suficiente.

— Tudo bem. — Ela murmurou.

Noel sussurrou um —Desculpe||. Mas ele não parecia particularmente triste. Ele fechou a porta da frente e pulou no banco de trás, acenando para Courtney para imitar ele. A raiva subiu no peito de Aria, ambos iriam se sentar no banco de trás e fazer Aria parecer um motorista?

Mas, então, Courtney abriu a porta do passageiro e deslizou ao lado de Aria.

Aria tentou encontrar os olhos de Noel no espelho, mas ele estava digitando em seu iPhone. Era desse jeito que ele estava tentando fazer um vínculo? Ela já não tinha dito que andar com Courtney fazia ela se lembrar de coisas tristes?

O primeiro quilômetro foi tranquilo. Eles passaram por um playground vazio, um restaurante orgânico, e a entrada para a trilha Marwin. Courtney estava sentada empertigada em seu lugar. Noel martelava seu teclado. Finalmente, Aria não agüentou mais.

— Então, vocês estão no mesmo grupo de apoio ao irmão?

— Eu disse para a Courtney que ela tinha que dar uma olhada. — Disse Noel. — Eu disse que ajudaria.

— Estou vendo. — Aria resistiu ao impulso de jogar o carro na lagoa de patos congelada à sua esquerda. Quando Noel e Courtney tinham tido essa conversa?

Noel apoiou os cotovelos na parte de trás dos bancos dianteiros.

— Você gostou dele, Courtney? Eu achei o conselheiro muito legal e pé-no-chão.

— Um pouco mais para baixo do chão. — Courtney deu uma risada. — Agora, caia nos braços do seu parceiro! — Ela imitou,

usando uma voz profunda e bruta. — A idéia é confiar em alguém tanto quanto você confiaria em uma árvore ou um riacho. — Ela bufou. — Você estava prestes a me derrubar também.

— Não estava! — Noel insistiu. Suas bochechas coraram.

— Vocês foram parceiros? — Aria cerrou os dentes.

— Bom, sim. Nós somos os mais novos de lá. — Noel virou seu boné STX de beisebol para trás.

— Noel me salvou da parceria com um velho barulhento que tinha cabelo crescendo nas orelhas. — Disse Courtney, virando a cabeça para sorrir para ele.

— Quanto cavalheirismo, Noel. — Aria disse friamente. Ela não iria fazer ele se sentir melhor sobre flertar com a cópia de Ali. Courtney não era exatamente inocente — Aria deixou claro na sala de aula que ela e Noel eram um casal, e ainda assim ela não tinha nenhum escrúpulo em sair com ele. Como a irmã gêmea, há muito tempo perdida.

— Você pode me deixar primeiro. — Noel finalmente quebrou o silêncio. Sua rua estava chegando do lado esquerdo.

— Você tem certeza? — Courtney perguntou, olhando angustiada. Aria se perguntou se Courtney não queria ficar sozinha com ela, mais do que Aria queria ficar sozinha com Courtney.

— Não se preocupe. — Disse Noel. Aria não respondeu, cravando as unhas tão forte no volante de couro sintético que deixou pequenas meias-luas em forma de dentes. Quando estacionou em frente ao portão da casa de Noel, Courtney ficou boquiaberta com a mansão metade de pedra metade de tijolos com suas torres e quatro chaminés dos Kahns. Seus olhos varreram desde o jardim lateral, passando pelo quarto de quilômetro em uma série de pequenas colinas, a casa de hóspedes atrás da mansão, até a garagem individual que guardava o antigo carro de coleção do Sr. Kahn.

— Você mora aqui? — Ela engasgou.

— Não é tão bonita por dentro. — Murmurou Noel. Ele saiu do carro e caminhou até Aria, parecendo arrependido. Boa. Ela abriu a janela. — Posso te ligar mais tarde? — Ele disse suavemente, tocando o braço de Aria, que concordou a contragosto.

Courtney se deslocou em seu assento enquanto se afastavam. Aria considerava ligar o rádio, mas e se passasse outro noticiário sobre Billy? Ela certamente não queria entrar em uma discussão sobre ele.

— O desvio é o jeito mais rápido de chegar em Yarmouth, não é?
— Ela disse com firmeza, com os olhos na estrada.

— É. — Courtney disse calmamente.

— Ok, então. — Aria virou para a direita, irregularmente, na rodovia, quase subindo no meio-fio.

Elas passaram por um enorme estacionamento para a Barnes&Noble e para a doceria Fresh Fields. Aria olhava para frente, fingindo estar fascinada pelo adesivo COEXIST no Honda na frente dela. Cada letra era composta por um símbolo religioso diferente. Ela podia sentir Courtney a olhando, mas ela não mordeu a isca. Era como o jogo Guarda do Palácio de Buckingham que Aria e Mike jogavam em chatas e longas viagens de carro. Aria olhava para frente como um guarda do Palácio, enquanto Mike tentava fazê-la rir.

— Eu sei o que você está pensando. Eu sei o que todo mundo está pensando. —

Courtney respirou fundo.

Aria saiu do seu encanto e lançou um breve e confuso olhar para Courtney.

— Ham... — Courtney continuou com a voz baixa. — Todo mundo está querendo saber como eu lidei, vivendo tão longe da minha família por tanto tempo. Eles querem saber como eu posso perdoar minha família por me manter fora do círculo todos esses anos.

— Hm. — Aria vacilou. Na verdade, ela estava pensando nisso.

— Mas esse não é o meu maior problema, realmente. — Courtney continuou. — O pior é que meus pais estão basicamente vivendo essa mentira, fingindo que seus problemas não existem. — Ela se virou para Aria. — Sabia que minha mãe teve um caso?

Aria ficou muito perto do Honda da frente e pisou nos freios.

— Como você sabe disso?

— É. Há anos que eu e Ali sabemos. E o que é pior, meu pai não é meu pai. Surpresa!

— Courtney riu cansada. Sua voz estava grave, como se ela estivesse prestes a chorar.

—Hm! — Aria pressionou o indicador de gasolina, e suspirou passando por uma BMW

branca, em seguida, um Jeep Cherokee vermelho. O velocímetro indicava que ela estava chegando a oitenta por hora, mas parecia que ela ainda estava parada. Spencer tinha dito a ela sobre o caso de seu pai, e que ela era meia irmã de Ali e Courtney. Mas ela não tinha idéia que Ali sabia do caso.

Aria tomou a saída da rodovia em Yarmouth. A placa para as Fazendas Darrow apareceu à frente. Aria nunca se esqueceria do dia em que ela e Ali flagraram Byron beijando Meredith no estacionamento de Hollis. Ali havia provocado Aria implacavelmente sobre o caso, falava sobre isso como se fosse um escândalo de celebridades no TMZ.

Aconteceu alguma coisa na sua casa?

Diziam as mensagens de Ali.

Ela suspeita de alguma coisa?

Lembra-se do rosto do seu pai quando ele nos viu?

Você deveria procurar nas coisas dele para ver se ele escreveu uma carta de amor

qualquer para a namorada.

Ali tinha torturado Aria, mas o tempo todo ela havia passado exatamente pela mesma coisa. Aria olhou para a garota no banco do passageiro. Courtney tinha a cabeça baixa e estava remexendo em uma pulseira de contas em seu pulso direito. Com seu cabelo sobre o rosto e seu lábio inferior que sempre fora tão pequeno, ela parecia muito mais frágil e mais fraca do que Ali já fora. Muito mais inocente também.

— Muitos pais estão bagunçados. — Aria disse suavemente. Courtney apertou os lábios, seus olhos se estreitaram. Por um momento, Aria teve medo de dizer a coisa errada. Ela entrou na garagem dos DiLaurentis e Courtney abriu a porta do carro rapidamente.

— Obrigada, de novo, pela carona.

Aria viu como Courtney correu pelo quintal e desapareceu dentro da casa. Ela permaneceu na calçada por alguns instantes a mais, seus pensamentos fervendo. Ela certamente não esperava por essa conversa. Ela estava prestes a entrar no carro quando os cabelos da sua nuca se arrepiaram. Parecia que alguém estava olhando para ela. Aria girou e olhou para um nó escuro de árvores em toda a rua. Com certeza, alguém estava lá, olhando para o carro de Aria. A figura desapareceu rápido na mata, mas não antes de Aria ter um vislumbre rápido de uma cabeça de cabelos loiros pálidos, cortados abruptamente no queixo. Ela engasgou.

Era Melissa Hastings.

12

SONHOS VIRAM REALIDADE

Na tarde de quarta-feira, Emily ficou na frente do espelho de seu quarto, virando à direita, depois para a esquerda. Ela deveria fazer baby-liss ou deixar seus cabelos loiro avermelhados lisos? Usar o gloss rosa de Carolyn a faria parecer estúpida? Ela tirou a camiseta listrada que usava, jogou-a no chão, e colocou um suéter de cashmere rosa no lugar. Que não ficou bom, também. Ela verificou o relógio digital no criado-mudo de novo. Courtney estaria aqui a qualquer minuto.

Talvez ela estivesse exagerando isso. Talvez Courtney não tinha flertado com ela na aula de ginástica. Ela tinha estado em escolas não-convencionais toda a sua vida, ela podia não conhecer bem a arte do flerte e de outros sinais sociais.

A campainha tocou, e Emily congelou, olhando para sua expressão de olhos arregalados no espelho. Em um instante, ela desceu as escadas e foi correndo pelo corredor até a porta. Não havia ninguém na casa dela, sua mãe tinha levado Carolyn para uma consulta médica depois da natação, e seu pai ainda estava no trabalho. Ela e Courtney teriam a casa para si.

Courtney estava na escada, o rosto rosado e seus olhos azuis brilhando.

— Oi!

— Oi! — Emily involuntariamente recuou quando Courtney veio lhe dar um abraço.

Então Emily pisou para a frente para abraçá-la também, mas Courtney timidamente se afastou.

Emily deu uma risadinha.

— Venha —, disse ela. Courtney andou pelo vestíbulo olhando em volta, as figuras Hummel na sala, o piano vertical, e as plantas que a Sra. Fields tinha trazido para dentro de casa para o inverno.

— Podemos ir para o seu quarto?

— Claro.

Courtney subiu as escadas, virou à direita no corredor e parou na porta do quarto que Emily e Carolyn compartilhavam. Emily ficou boquiaberta.

— C-como você sabia onde era o meu quarto?

Courtney deu-lhe um olhar louco.

— Porque ele diz isso em sua porta. — Ela apontou para a placa de madeira que dizia EMILY e CAROLYN em letras de desenho

animado. Emily soltou um suspiro. Duh. Tinha estado ali desde que ela tinha seis anos.

Emily tirou alguns bichos de pelúcia de sua cama de solteiro, para que pudessem sentar.

— Uau —, Courtney respirava, apontando para a colagem de Ali sobre a mesa. Foi uma série de fotografias de Emily e Ali juntas a partir da sexta e sétima série. Em um canto estava uma foto das cinco na sala da casa de Ali em Poconos, mudando os penteados. Em outro canto estava uma foto de Emily e Ali na piscina da casa de Spencer, com biquínis listrados combinando, seus braços em volta dos ombros uma da outra. Havia uma série de fotos de Ali sozinha, muitas delas Emily tinha tirado sem Ali saber, dela dormindo na casa de Aria, com o rosto relaxado e bonito. Outra de Ali correndo no campo de hóquei em seu uniforme do time júnior de Rosewood, o taco erguido no ar. Apoiado ao lado da colagem estava o porta-moedas que Maya havia lhe devolvido na conferência de imprensa. Emily tinha limpado toda a sujeira logo que ela tinha chegado em casa naquela tarde.

Emily corou, perguntando-se o santuário era estranho.

— Isso é tão velho. Eu não arrumo isso há tanto tempo. — *Não é como se eu estivesse obcecada, nem nada*, ela queria acrescentar.

— Não, eu gosto —, Courtney insistiu. Ela saltou da cama. — Parece que vocês se divertiam muito.

— Sim —, disse Emily.

Courtney tirou suas botas Frye.

— O que é isso? — Ela apontou para um frasco na cabeceira de Emily.

Emily embalou o frasco entre as palmas das mãos, o conteúdo agitando.

— Sementes de dente de leão.

— Para quê?

O sangue subiu para rosto de Emily.

— Todos nós tentamos fumá-los uma vez, para ver se era alucinógeno. Foi estúpido.

Courtney cruzou os braços sobre o peito, parecendo intrigada.

— Funcionou?

— Não, mas queríamos que tivesse funcionado. Então nós colocamos música e começamos a dançar. Aria fez umas caretas, como se estivesse vendo formas. Hanna olhou para suas impressões digitais, como se fossem realmente fascinantes. Eu ria de tudo.

Spencer foi a única que não jogou. Ela ficava dizendo: —Eu não sinto nada. Eu não sinto nada.||

Courtney se inclinou para frente.

— O que Ali fez?

Emily balançou os joelhos, de repente tímida.

— Ali ... bem, Ali fez uma dança.

— Você se lembra dela?

— Foi há muito tempo.

Courtney cutucou a perna de Emily.

— Você lembra, não é?

Claro que ela lembrava. Emily se lembrava de tudo que Ali fez.

Contorcendo de alegria, Courtney apertou as mãos de Emily.

— Mostre-me!

— Não!

— Por favor? — Courtney pediu. Ela ainda estava segurando as mãos de Emily, o que fez o seu coração bater mais e mais rápido. — Eu estou morrendo para saber como Ali foi realmente. Eu quase não a conheci. E agora que ela se foi...

Ela virou seu rosto, olhando distraidamente para o cartaz de Dara Torres que pairava sobre a cama de Carolyn.

— Eu gostaria de tê-la conhecido de verdade.

Courtney olhou para Emily com seus olhos azuis claros iguais aos de Ali, o que fez a garganta de Emily queimar.

Emily apertou as mãos sobre os joelhos e se levantou. Ela mudou da esquerda para a direita, depois deslizou seus ombros para cima e para baixo. Após cerca de três segundos de dança, ela deixou escapar:

— Isso é tudo que eu consigo me lembrar, — e foi sentar-se rapidamente. Mas o seu pé esquerdo tropeçou em seus chinelos em forma de peixes ao lado da cama. Como ela tateou para se equilibrar, seu quadril colidiu com a estrutura da cama. — Ops —, disse ela, quase caindo no colo de Courtney.

Courtney pegou a cintura de Emily.

— Uou, — ela riu. Ela não deixou Emily ir imediatamente. O sangue pulsando através das veias de Emily.

— Desculpe —, Emily murmurou, ficando de pé.

— Não se preocupe —, disse Courtney rapidamente, ajeitando a blusa xadrez.

Emily sentou-se na cama e olhou em qualquer outro lugar na sala além da cara de Courtney.

— Oh! São 4:56 —, ela desabafou estupidamente, apontando para o relógio digital ao lado da cama. — 4-5-6. Faça um desejo.

— Eu pensei que era apenas para 11:11 —, Courtney brincou.

— Eu faço as minhas próprias regras.

— Parece que sim. — Os olhos de Courtney brilharam.

Emily se sentiu sem fôlego de repente.

— Tudo bem — Courtney deu uma risadinha. — Eu farei um desejo, se você fizer.

Emily fechou os olhos e deitou na cama, seu corpo palpitante da queda e sua cabeça se recuperando do cheiro da pele de Courtney.

Havia algo que ela realmente queria desejar, mas ela sabia que era impossível. Tentou pensar em desejos aleatórios em vez disso. Que sua mãe finalmente a deixasse pintar seu lado do quarto de uma cor diferente de rosa. Para a professora de Inglês dar-lhe uma boa nota no trabalho sobre Scott F. Fitzgerald que ela tinha entregue naquela manhã. Para a primavera chegar anormalmente cedo naquele ano.

Emily ouviu um suspiro e abriu os olhos. O rosto de Courtney estava a centímetros do dela.

— Oh —, Emily respirava.

Courtney aproximou-se mais. A sala vibrou com a possibilidade.

— Eu... — Emily começou, mas então Courtney se inclinou e tocou os lábios de Emily.

Um bilhão de explosões aconteceram na cabeça de Emily. Os lábios de Courtney eram macios, mas firmes. A boca de Emily se encaixava perfeitamente na dela.

Beijaram-se profundamente, pressionando mais. Emily tinha certeza de que seu coração batia mais rápido do que quando ela nadava os 50 metros livres. Quando Courtney se afastou, seus olhos estavam brilhando.

— Bem, eu consegui meu desejo —, disse Courtney vertiginosamente. — Eu sempre esperei fazer isso de novo.

A boca de Emily formigava. Levou três batidas até ela perceber o que Courtney disse.

— Espere ... Mais uma vez?

O sorriso de Courtney sumiu. Ela mordeu o lábio inferior e agarrou a mão de Emily.

— Ok. Não se assuste. Mas Em... Sou eu. Ali.

Emily soltou a mão de Courtney e se afastou alguns centímetros.

—Sinto muito. O quê?

Os olhos de Courtney estavam vidrados, como se ela estivesse prestes a chorar. A janela do canto derramando luz em seu rosto, fazendo-a parecer angelical e fantasmagórica.

— Eu sei que é loucura, mas é verdade. Eu sou Ali —, ela sussurrou, baixando a cabeça.

—Eu tenho tentado descobrir como lhe dizer.

— Para me dizer que você é ... Ali? — As palavras eram como chumbo na língua de Emily.

Courtney balançou a cabeça.

— O nome da minha irmã gêmea era Courtney. Mas ela não tinha problemas de saúde.

Ela era comprovadamente insana. No segundo ano, ela começou a me imitar, fingindo ser eu.

Emily se afastou tanto que suas costas bateram na parede. As palavras não faziam sentido.

— Ela me machucou muitas vezes —, Courtney continuou, a voz tensa. — E então ela tentou me matar.

— Como? — Emily sussurrou.

— Foi no verão antes do terceiro ano. Eu estava na piscina da nossa antiga casa em Connecticut. Courtney me afundou na água. No início, eu pensei que era uma brincadeira, mas ela não me deixava subir. Enquanto ela me segurava debaixo d'água, ela disse, ‘Você não merece ser você. Eu mereço.’

— Oh meu Deus. — Emily se enrolou como uma bola, apertando os joelhos contra o peito. Fora da janela, um bando de aves decolou a partir do telhado. Suas asas batiam rápido, como se estivessem fugindo de algo aterrorizante.

— Meus pais ficaram horrorizados. Eles mandaram minha irmã para longe e se mudaram para Rosewood, — a menina ao lado de Emily sussurrou. — Eles me disseram para nunca falar sobre ela, é por isso que eu mantinha em segredo. Mas, em seguida, no sexto ano, trocaram Courtney do Radley pela Reserva. Ela brigou muito por causa disso, não queria começar de novo em um novo hospital,

mas uma vez que ela estava lá, ela finalmente começou a melhorar. Meus pais decidiram trazê-la para casa durante o verão, após a sétima série como um teste. Ela veio poucos dias antes do ano escolar terminar.

Emily abriu a boca, mas as palavras não saíam. Courtney tinha estado aqui na sétima série, também? Mas Ali e Emily já eram amigas. Como isso tinha passado a ela?

Courtney - ou era Ali? Deu uma olhada, como se ela entendesse o que Emily estava pensando.

— Vocês viram ela. Lembra-se do dia antes de nossa festa do pijama quando eu te encontrei no pátio, mas você disse que tinha me visto subindo as escadas pro meu quarto? "

Emily piscou rapidamente. Claro que ela lembrava. Elas tinham flagrado Ali em seu quarto, lendo um diário.

A Sra. DiLaurentis tinha aparecido e severamente disse às meninas para descer. Minutos depois, quando Ali as encontrou no quintal, ela agiu como se o incidente no quarto nunca tivesse acontecido. Ela tinha uma roupa completamente diferente, e ela parecia assustada que Emily e as outras estivessem lá, como se ela não se lembrasse dos últimos dez minutos.

— Isso foi Courtney. Ela estava lendo meu diário, tentando ser eu novamente. Depois disso, fiquei longe dela. Na noite da nossa festa do pijama, Spencer e eu brigamos, e eu corri para fora do celeiro.

Mas Billy não atacou a mim como todo mundo pensa, eu corri de volta para o meu quarto, e ele... bem, ele pegou a irmã errada. "

Emily colocou a mão sobre sua boca.

— Mas... eu não entendo...

— Minha irmã deveria ficar em seu quarto a noite toda — Courtney, não Ali -

continuou. — Quando meus pais viram apenas eu na manhã seguinte, eles imaginaram que eu era Courtney. Ali deveria estar no celeiro de Spencer. Tentei dizer a meus pais que eu era Ali, mas eles não acreditaram em mim, era assim que Courtney agia. Eu sou Ali, eu sou Ali, ela sempre dizia.

— Oh meu Deus —, Emily murmurou. Os biscoitos de manteiga de amendoim que ela tinha comido antes agitaram em seu estômago.

— Então, quando a gêmea que eles pensavam que era Ali não voltou para casa da festa do pijama, eles surtaram. Eles imaginaram que eu era Courtney, e que eu tinha feito alguma coisa terrível. Eles não podiam lidar com uma filha doente em casa, enquanto a outra estava faltando, então eles mandaram a garota que acreditaram ser Courtney de volta para a Reserva na tarde seguinte. Exceto... que era eu. — Ela colocou sua mão sobre o coração, os olhos se enchendo com lágrimas. — Foi horrível. Eles não me visitaram nem uma vez. Jason ia visitar Courtney o tempo todo, mas mesmo ele não quis me ouvir quando eu implorei que eu era Ali.

Era como se um interruptor de luz desligasse em suas cabeças e eu estava morta para eles.

O Honda Civic barulhento do vizinho passou. Um cão latiu, então outro. Emily olhou para a garota do lado dela. A garota que dizia ser Ali.

"Mas... por que não nos chamou antes que eles te enviassem para lá? — Emily perguntou. "Nós deveríamos saber da verdade."

— Meus pais não me deixaram usar o telefone. E depois no hospital, eu não estava autorizada a fazer qualquer ligação. Era como estar na prisão. — Lágrimas escorriam pelo rosto de Ali. — Quanto mais eu dizia que eu era Ali, mais doente todos achavam que eu era. Percebi que a única maneira de sair era agir como se eu realmente fosse Courtney. Meus pais ainda não sabem quem eu sou. Se eu disser a eles, eles podem me mandar de volta. — Ela soluçou. — Eu só quero minha vida novamente.

Emily ofereceu-lhe um lenço de papel de uma caixa em sua mesa de cabeceira, e depois pegou um para ela.

— Então, de quem é o corpo que a polícia encontrou?

— Courtney. Nós somos gêmeas, então temos o mesmo DNA. Nós até temos os mesmos registros dentários. — Ela olhou Emily com tristeza e desespero. — Lembro-me de tudo sobre você, Emily. Fui eu quem fez a dança quando fumamos as sementes de leão. Sou eu nestas fotos em sua parede. Eu me lembro de como nos

conhecemos, e eu particularmente me lembro de você e eu, na minha casa na árvore, se beijando.

O cheiro de sabonete de baunilha encheu as narinas de Emily. Ela fechou os olhos, praticamente vendo o olhar atordoado no rosto de Ali depois que ela a beijou. Ela e Ali nunca tinha discutido isso diretamente. Em muitas ocasiões Emily quis falar, mas ela tinha muito medo. Ali começou a provocá-la sobre isso tão rapidamente depois.

— Eu estava falando sobre um menino mais velho que eu gostava, — Ali comentou —, e, de repente, você me beijou. Eu estava confusa e com medo, mas depois que você escreveu um bilhete para mim. Que disse o quanto você gostava de mim. Eu adorei, Em. Eu nunca tinha recebido uma carta como essa de ninguém na minha vida.

— Sério? — Emily traçou um coração em seu edredom. — Achei que você pensou que eu era uma aberração.

Ali fez uma careta.

— Eu estava com medo. Fui estúpida. Eu agi como uma idiota. Mas eu tive quase quatro longos anos no hospital para pensar sobre isso. — Ela colocou as palmas das mãos sobre os joelhos. — O que mais eu preciso dizer para fazer você acreditar em mim? O que posso fazer para provar que eu sou Ali?

Os lábios de Emily ainda formigavam do beijo, e suas mãos e pernas estavam tremendo com o choque. Mesmo assim, aturdida como estava, ela sentia que algo no fundo dela sabia que havia algo

errado com Courtney. Ela sentiu que existia algo especial entre elas, como se ela se conhecessem há anos. E se conheciam.

Emily tinha sonhado com este momento por anos. Ela consultou horóscopos, cartas de tarô e gráficos numerológicos, desesperada por uma pista de que Ali estava viva. Ela salvou cada uma das mensagens de Ali, rabiscos aleatórios, incapaz de deixá-los ir, porque uma força mística profunda dentro dela dizia que não tinha acabado. Ali ainda estava lá fora. Ela estava bem.

E todo esse tempo, Emily estava certa. Tinha sido concedido o seu maior desejo de todos.

As nuvens passavam acima de sua cabeça. O coração de Emily batia constante, firme, claro e puro. Ela deu a Ali um sorriso vacilante.

— Claro que eu acredito em você —, disse ela, jogando os braços em torno de sua velha amiga. — Estou tão feliz que você voltou.

13

EXPLOSÃO DO PASSADO

Spencer ajustou o colarinho do seu vestido Milly e mostrou uma identidade falsa para um segurança careca no Paparazzi, um clube de dois andares na Cidade Velha, na Filadélfia. O

segurança estudou, balançou a cabeça, e entregou-o de volta para Spencer. Doce.

Em seguida veio Courtney, vestida em um minivestido dourado lindo. Courtney mostrou ao segurança a ID falsa de Melissa, e o porteiro acenou para ela passar. Emily levantou o traseiro, olhando surpreendentemente sexy em um vestido vermelho A-line, um colar de contas grossas de tiras e saltos de prata que tinha emprestado do armário de Courtney. Courtney havia chamado Spencer uma hora antes que eles deveriam partir para sua grande noite fora, dizendo que ela e Emily tinham realmente que se darem bem e que ela queria convidar Emily para ir dançar com elas. Spencer não mentiu, agora que ela tinha ligado para a Ali gêmea, ela queria que todos os outros a amassem muito.

Emily entregou a exagerada identidade falsa da irmã mais velha, e depois o segurança assentiu distraidamente e entregou-o de volta, as três empurrando para dentro.

— Nós vamos ter um tempo maravilhoso —, disse Courtney, segurando suas mãos. — Estou muito animada.

— Eu também, — Emily disse, dando uma olhada significativa a Courtney. Spencer não poderia ajudar sorrindo afetivamente. Parecia que a paixão de Emily por Ali tinha sido transferido para sua irmã gêmea.

Estava lotado para uma noite de quarta-feira. O clube tinha um banco antigo com colunas de mármore, madeiras trabalhadas, e um mezanino para a pista de dança. A música de Black Eyed Peas estava tocando em um volume ensurdecador, e um monte de crianças em idade universitária se contorciam de entusiasmo, não se importando se eles não tinham ritmo, ou se eles estavam derramando todas as suas bebidas sobre si. O lugar cheirava esmagadoramente como cerveja, água de colônia, e muitos corpos em um espaço muito pequeno. Um bando de caras virou quando viram Spencer e suas amigas, seus olhos imediatamente pararam na loira, Courtney, com seus quadris finos, a forma como o vestido deslizou sobre suas coxas. Todo mundo sabia quem ela era. Foi uma maravilha as vans de notícias ainda não terem chegado.

Courtney se inclinou por cima do bar e ordenou-lhes três martinis de framboesa. Ela voltou com três bebidas de cor rosada.

— Para dentro, meninas.

— Eu não sei... — Spencer disse, incerta.

— SIM! — Emily disse, ao mesmo tempo. Spencer ficou boquiaberta com ela. Quem era essa menina, e o que ela tinha feito com a velha Emily?

— Você está em minoria! — Courtney sorriu. — Preparar, apontar, fogo!

Spencer, com bom humor, inclinou a bebida aos lábios, deixando o líquido azedo em sua garganta. Quando ela terminou, ela limpou a boca e soltou um grito.

As outras terminaram suas bebidas, também, e Courtney fez sinal para um garçom de quase dois metros de altura que parecia com uma drag queen.

— Vamos dançar! —, Disse ela depois de entregar-lhes a segunda rodada. Elas deslizaram para a pista de dança e começaram a girar com "Hollaback Girl". Courtney esticou os braços sobre a cabeça e fechou os olhos. Emily balançou para trás com a batida.

Spencer se inclinou para frente e gritou no ouvido de Emily.

— Lembra-se daqueles concursos de dança que costumávamos ter na sala de Ali? — Elas mudavam todos os móveis para os cantos, acionavam o estéreo, e faziam passos de dança elaborados para Justin Timberlake. — Isso é quase assim... só que melhor.

Emily deu um olhar tímido Spencer.

— Mais do que você sabe, na verdade.

Spencer fez uma careta.

— O que você quer dizer? — Mas Emily tomou um gole de sua bebida e se afastou.

A multidão ao seu redor se adensava. Spencer sentiu pessoas olhando. Um bando de caras perto, aproveitando todas as oportunidades que podiam para bater contra os quadris de Courtney, as pernas longas de Emily, ou os ombros nus de Spencer. Meninas olhavam com curiosidade, muitas delas agitando os braços sobre a cabeça como Courtney estava, esperando que um pouco de sua magia passasse para elas. O Wallflowers sentado em cabines, boquiaberto com as três como se fossem estrelas de Hollywood.

A euforia tomou conta de Spencer. A última vez que ela se sentiu surpreendente foi logo depois que Ali tinha feito amizade com todas elas na Charity Day Rosewood, primeiro convidando-as para um suco, em seguida, pedindo-lhes para irem a uma festa de pijamas na casa dela. Spencer não tinha idéia do por que Ali a tinha escolhido dentre todas as ricas alunas do sexto ano em Rosewood Day, ela ainda não tinha feito Spencer competir por sua atenção.

Quando Spencer voltou ao seu estande de caridade após o suco, seus colegas olharam para ela com inveja. Todo mundo queria estar na pele de Spencer, tal como o fizeram agora.

A bola de luz da discoteca deslizou em todo o comprimento do corpo de Courtney quando ela se movia. Um rapaz de cabelos escuros começou a contorcer-se contra ela. Ele era alguns centímetros menor do que Courtney, usava uma tatuagem-T, e

ostentava um bigode, irônico hipsterish. Ele lembrou Spencer de uma versão emo de um Irmão do Super Mario.

Courtney incisivamente se afastou dele, mas ele não aceitaria um não como resposta.

Em seguida, ele aterrou contra Emily. Emily parecia mortificada. Spencer entrou entre eles, agarrando as mãos de Emily e girando em torno dela. Mario desapareceu no meio da multidão, mas em questão de segundos ele estava de volta, seus olhos agora em Spencer.

— Se esconde atrás de mim —, Courtney gritou. Spencer abaixou atrás dela. Emily se aproximou e se dobrou em risadas. Mario dançando por si mesmo a poucos metros de distância, seus movimentos bizarros e irregulares. De vez em quando ele olhava para as três, claramente esperando que elas o convidassem para seu círculo.

— Eu acho que uma de nós tem que dançar com ele para fazê-lo ir embora —, disse Emily.

Courtney colocou o dedo nos lábios. Ela olhou para Emily e sorriu maliciosamente.

Então, Courtney inclinou a cabeça para Spencer.

— Não é.

As palavras afundaram lentamente. Spencer, de repente provou o Martini pegajoso na sua garganta.

— O-quê?

— Não isso —, Courtney repetiu, ainda balançando com a batida. Até os olhos dançaram. — Não me diga que você esqueceu o nosso velho jogo favorito, Spence.

Nosso velho jogo favorito? Spencer se afastou de Courtney, quase colidindo com uma garota alta, com cabelo castanho no comprimento da cintura. Relâmpago crepitava através de suas veias. Algo estava errado aqui. Muito, muito errado.

Emily e Courtney trocaram outro olhar compreensivo. Então Courtney tomou o braço de Spencer e guiou ela e Emily longe da pista de dança para uma parte mais calma do bar. O

coração de Spencer disparou. Alguma coisa sobre isso parecia planejado, encenado.

Fizeram-na sentar em uma cabine vazia.

— Spence, eu tenho algo a lhe dizer —, disse Courtney, empurrando uma mecha de cabelo de seu rosto. — Emily já sabe.

— Sabe? — Spencer repetiu. Emily sorriu conspirando. — Sabe o quê? O que está acontecendo?

Courtney estendeu a mão e agarrou as mãos de Spencer.

— Spence. Eu sou Ali.

A cabeça de Spencer trepidou.

— Isso não é engraçado.

Mas Courtney tinha um olhar sério no rosto. Emily também.

A música deformou. A luz estroboscópica estava dando a Spencer uma enxaqueca. Ela deslizou mais para dentro da cabine.

— Pare com isso —, ela exigiu. — Pare com isso agora.

— É verdade, — Emily disse, os olhos arregalados e sem piscar.
— Honestamente.

Basta ouvi-la.

Courtney começou a explicar o que tinha acontecido. Quando Spencer ouviu a palavra chave, ele bebeu os Martinis que desceram queimando até o fundo da garganta. Como isto era possível? Ela não acreditou. Ela não podia acreditar.

— Quantas vezes vocês estiveram em Rosewood juntas? —
Spencer resmungou, segurando a borda da banquetta.

— Apenas uma vez —, Courtney-Ali Disse, com os olhos baixos.
— O fim de semana que minha irmã morreu.

— Não, espere. — Emily franziu a testa, levantando um dedo. — Ela não esteve aqui uma outra vez? — Ela enfiou a mão na embreagem de verniz preto, tirou o telefone, e mostrou-lhes a mensagem com uma foto enviada por A. Ali, Jenna, e uma terceira menina loira estavam de costas para a câmera que estava no quintal dos DiLaurentis no que parecia um fim de tarde de verão. A terceira menina loura definitivamente poderia ser a irmã gêmea de Ali.

— Oh —. Courtney afastou os cabelos dos olhos e estalou os dedos. — Certo. Eu esqueci. Ela esteve em casa por algumas horas, enquanto ela estava mudando de hospital.

Spencer contou as telhas de vidro funky na parede ao longo da parte de trás da cabine, tentando fazer algum sentido e ordem no caos.

— Mas se Courtney sempre fingia que era Ali, como eu sei que você não é Courtney?

— Ela não é —, Emily pediu. A menina loira balançou a cabeça, também.

— Mas e o anel? — Spencer pressionou, apontando para o dedo nu de Courtney. — A menina no buraco estava usando o anel com a inicial Ali em seu dedo mindinho. Se você é Ali, por que Courtney usava?

Courtney fez uma cara de apertado, como se ela tivesse levado um tiro.

— Eu perdi o anel na manhã antes da nossa festa do pijama. Tenho certeza que minha irmã roubou.

— Eu não me lembro de você usá-lo naquela noite, — Emily disse rapidamente.

Spencer deu uma olhada para Emily. Claro que Emily queria acreditar que esta era Ali -

era isso que ela queria nos últimos quatro anos. Mas, como Spencer lutou para lembrar, ela não tinha certeza, nenhuma. Ali tinha usado seu anel na noite de sua festa do pijama?

Um bando de caras de cabelos espetados passaram, olhando como se elas quisessem se aproximar e bater neles, mas eles devem ter percebido algo estranho e caminharam para longe.

Courtney pegou as mãos de Spencer.

— Lembra-se do dia que brigamos no celeiro? Eu pensei sobre isso por três anos e meio. Sinto muito. E eu sinto muito sobre outras coisas que fiz, também, como pendurar meu JV uniforme de hóquei em minha janela para você ver. Eu sabia o que ele significava para você.

Mas eu estava com ciúmes... e insegura. Eu sempre soube que você merecia estar na equipe de hóquei, não eu.

Spencer apertou o assento da cabine de estofado de couro, tentando respirar. Qualquer um poderia saber sobre a briga no celeiro - Spencer teve que retransmitir essas informações para a polícia. Mas o uniforme de hóquei na janela? Isso era algo que Spencer não tinha sequer dito a seus amigos.

— E eu sinto muito por tudo isso com Ian, também —, Courtney - ou foi realmente Ali?

- Disse. — Eu não deveria ter dito que eu ia dizer a Melissa que vocês dois haviam se beijado quando eu não era a única em um relacionamento com ele. E eu não deveria ter dito que eu tinha feito ele te beijar. Aquela não era a verdade.

Spencer rangeu os dentes, todos os vergonhosos sentimentos de raiva da briga borbulhando novamente.

— Puxa, obrigado.

— Eu estava mal-intencionada, eu sei. Eu me senti tão mal depois que eu não me incomodei mesmo para atender Ian. Corri para o meu quarto. Então, de certa forma, você me salvou, Spence. Se não tivéssemos essa briga, teria sido eu lá fora na floresta, presa fácil para Billy. — Ali enxugou os olhos com um guardanapo. — E eu sou pesarosa que eu não lhe disse que eu sabia que éramos irmãs. Eu só descobri um pouco antes da nossa festa do pijama, e eu não sabia como lidar com isso.

— Como você descobriu mesmo? — Spencer perguntou fracamente.

A música mudou para uma música da Lady Gaga e o bar inteiro explodiu em aplausos ao seu redor.

— Realmente não importa, não é? —, Disse. — O que importa agora é o que eu disse a você ontem na minha casa, eu quero começar de novo. Para sermos as irmãs que sempre quis.

O quarto girou descontroladamente. Havia uma multidão, clamando na profundidade do bar. Spencer ficou olhando para a garota sentada em frente a ela na cabine, examinando suas mãos pequenas e rosadas, as unhas redondas e pescoço longo. Poderia esta ser Ali? Era como olhar para uma imitação da bolsa Fendi, muito bem-feita, tentando distingui-la de uma real. As diferenças tinham que estar lá.

E ainda... faz sentido. Spencer tinha tido uma sensação engraçada no momento em que esta menina tinha pisado no palco na conferência de imprensa, que havia algo... desligado. A gêmea em segredo tinha olhado para todos eles com conhecimento de causa. Ela havia chamado de assassino. Ela tinha decorado o quarto dela exatamente como Ali tinha. Ela tinha começado a cada elemento de Ali certo, algo até mesmo como um bom imitador, até mesmo um sofá duplo nem poderia fazer. Esta era a menina que tinha feito amizade com ela naquele dia da caridade.

O que tinha feito ela se sentir desejada, especial. Mas depois ela pensou sobre as fotografias assustadoras que Billy havia tirado na noite da festa do pijama. Se apenas Ali teria deixado Spencer abrir as cortinas, se ela não tivesse insistido em fazer tudo do seu jeito, eles teriam visto quem estava lá fora. Nada disto teria acontecido.

— Nós passamos todos os dias juntos por dois anos. Como é que você nunca nos contou sobre sua irmã? — Spencer perguntou,

levantando o cabelo ao largo das costas de seu pescoço.

Parecia que uma centena de pessoas tinham acabado de entrar no bar. Ela se sentia presa e em pânico, como o tempo que ela e Melissa ficaram presas em um elevador Saks da Black Friday.

Ali tirou sua franja loira de seu rosto.

— Meus pais me pediram. E também... eu tinha vergonha. Eu não queria que vocês fizessem todos os tipos de perguntas incômodas.

Spencer deixou escapar um frustrado sniff.

— Como os tipos de perguntas que você usou para nos criticar?

Ali olhou para ela, impotente. Emily puxou o lábio inferior em sua boca. A música pulsava no fundo.

— Você sabia de todos os nossos segredos —, disse Spencer, a voz trêmula. Sua raiva foi acumulando rápido, como uma bola de neve que cresceu mais e mais e rolou morro abaixo.

— Você nos segurou pelo poder. Você estava com medo que se soubéssemos disso, nós nos manteríamos em cima de você. Você não teria mais qualquer influência.

— Você está certa —, Ali admitiu. — Eu acho que isso é verdade. Sinto muito.

— E por que você não tentou entrar em contato conosco do hospital? — Spencer continuou, sua pele pulsando com fúria. — Nós éramos as melhores amigas. Você deveria ter dito alguma coisa. Você tem alguma idéia do que passamos depois que desapareceu?

A boca de Ali fez acrobacias enquanto tentava montar uma resposta.

— Eu...

Spencer cortou.

— Você tem alguma idéia do quanto difícil foi? — Lágrimas estavam escorrendo por seu rosto. Um casal de pessoas se ajeitaram para elas quando passaram, em seguida, afundaram.

— Foi difícil para mim também! — Ali protestou, sacudindo a cabeça. — Eu queria dizer a vocês, eu juro! Eu não entrei em contato com você em primeiro lugar porque eu não podia. Levei meses para conseguir privilégios de telefone, e quando eu poderia te ligar, a oitava série já tinha começado. Eu pensei... bem, depois de tudo que eu fiz para vocês, vocês não iriam me querer de volta de qualquer maneira. — Ela olhava obstinadamente no meio da multidão. — Você estava provavelmente feliz por eu ter ido embora.

— Ali, isso não é verdade —, Emily protestou imediatamente, tocando o braço de Ali.

Ali sacudiu a distância.

— Vamos lá. É um pouco verdade, não é?

Spencer ficou olhando para a meia polegada de um líquido rosa deixada em seu copo de martini. Era verdade. Depois que Ali desapareceu, Spencer estava aliviada por escapar de suas provocações e tormentos. Mas, se Ali tinha entrado em contato com ela do hospital, Spencer teria corrido todo o caminho até Delaware.

As três ficaram quietas por um tempo, olhando para as pessoas ao redor do bar e do DJ

sacudindo atrás da cabine. Uma ruiva subiu em uma mesa para dançar, um grupo de sete rapazes a cercavam como abutres. Um barman limpou uma garrafa cheia de cerveja da mesa ao lado, e uma menina com um cabelo loiro saiu do banheiro. Spencer sentou-se ereta. Era... Melissa? Ela olhou, tentando encontrar a figura de novo, mas ela se foi. A cabeça de Spencer bateu e ela se sentia febril. Seus olhos estavam obviamente pregando peças em seu passado.

Spencer deixou escapar um longo suspiro. Ali olhou para ela, com o rosto cheio de ansiedade. Era óbvio o quanto ela queria que Spencer a perdoasse. Finalmente, Ali cruzou para o outro lado da cabine e lançou os braços ao redor de Spencer. Spencer bateu levemente atrás de Ali.

— Quente —, alguém atrás delas sussurrou. Elas romperam e se viraram. O Super Mario estava encostado numa das colunas,

casualmente assistindo com um copo de cerveja. — Posso me juntar a vocês? —, Disse em uma voz viscosa.

Emily soltou um risinho envergonhado. Ali deu uma risadinha na mão dela. Ela trocou um olhar impertinente com as duas. Spencer sabia o que estava por vir.

— Não! — Todos clamaram exatamente ao mesmo tempo. Emily e Ali deram uma gargalhada histérica. Spencer também riu, primeiro um pouco desconfortável, mas depois um pouco mais fácil, e, em seguida, mais fácil ainda, até que a tensão começou a se dissolver.

Ela apertou a mão de Ali e puxou-a para um abraço de urso. De alguma forma, contra todas as probabilidades, ela teve sua amiga e sua irmã de volta.

14

A VINGANÇA É O NOVO PRETO

Exatamente às 5:38 da noite seguinte, Hanna, Courtney, Kate, Naomi, e Riley desceram do metrô na frente da biblioteca pública de New York. Um grupo de turistas adolescentes com sapatos plataforma estavam tirando fotos umas das outras em frente às estátuas de leões.

— Por aqui, — Hanna disse autoritariamente, virando à esquerda em direção ao Bryant Park. Tendas tremulavam sobre as árvores, lembrando à Hanna da espuma branca das ondas.

Ela usava um vestido de seda charmeuse DVF com uma estampa floral abstrata. Não estava tecnicamente nas lojas ainda, mas quando Sasha da Otter ouviu que Hanna estava indo para o desfile, ela pegou sua amostra e deixou Hanna pegar emprestado. Ela também estava usando um par de plataformas magníficas roxas DVF que ela comprou no outono, e comprou a bolsa com contas de metal da estilista, mesmo estando certa de que estouraria o limite de seu cartão de crédito.

Nenhuma das outras estava tão bem. Naomi e Kate estavam usando vestidos DVF da última coleção, e o vestido de amarrar de Riley era de duas coleções atrás, um horror. Courtney não estava usando nada da estilista, optando por um simples vestido de lã Marc Jacobs e botas até os tornozelos marrons. Ela, porém, estava tão confiante que Hanna se perguntava se era realmente a melhor decisão. E se fosse idiota vestir roupas de um designer para seu

desfile de moda, como os turistas que vestem camisetas Eu amo NY?

Hanna descartou o pensamento. O dia tinha sido fantástico até agora. Hanna tinha sentado com as outras no almoço, conversando animadamente sobre quais celebridades poderiam ver no desfile... Madonna? Taylor Momsen? Natalie Portman? Então, elas embarcaram no Acela Amtrak na estação da rua 30 e passaram o passeio de trem de uma hora para Nova York tomando goles de champanhe de uma garrafa que Naomi tinha roubado de seu pai, rindo cada vez que a mulher de negócios magrela que estava sentada ao lado delas dava olhares terríveis. Ok, então elas não perceberam que estavam sentadas no carro silencioso do trem, que tinha regras mais rigorosas do que a biblioteca de Rosewood Day. Mas isso só tornou mais engraçado.

Naomi cutucou o ombro de Courtney à medida que caminhava para baixo na Rua 40.

— Devemos ir para aquele restaurante que você leu no Daily Candy, você não acha?

— Definitivamente —, disse Courtney, esquivando-se de um carrinho de cachorro quente com cheiro pungente. — Mas só se Hanna quiser —. Ela deu à Hanna um sorriso secreto. Desde que elas tinham compartilhado esse momento estranho sobre Iris, Courtney tinha ido atrás de Hanna.

Eles se voltaram para o parque. O local foi cercado com pessoas da moda, cada um mais magro, mais bonito, e mais glamuroso do que a anterior. Na frente de um grande cartaz da Mercedes-Benz, E!

estava entrevistando uma mulher que tinha sido juíza convidada do Project Runway. Uma equipe de filmagem foi posicionada logo na entrada do desfile de DVF, e fotografava cada convidado que desfilava para a tenda.

Naomi agarrou o braço de Riley.

— Oh meu Deus, vamos ser totalmente famosas.

— Talvez estaremos na Teen Vogue! — Kate emocionou-se. — Ou na Page Six!

Hanna estava sorrindo de forma tão abrangente que seu rosto doía. Ela dançou até o coordenador de equipe na porta, um homem negro usando batom rosa. Câmeras giraram e focaram em seu rosto. Ela tentou fingir que eles não estavam lá. Era o que faziam as atrizes famosas quando confrontadas pelos paparazzi.

— Oi, nossas reservas estão com o nome Marin, — Hanna disse com uma voz fria profissional, chicoteando as cinco entradas que ela cuidadosamente havia imprimido na noite passada. Ela deu um sorriso animado para Naomi e as outras, e elas graciosamente sorriram de volta.

O coordenador estudou o convite e sorriu.

— Ah, que doce. Alguém sabe usar Photoshop!

Hanna piscou.

— Hã?

Ele entregou o convite de volta.

— Querida, para entrar nesta tenda, você precisa de uma chave preta com o logotipo da DVF na parte da frente. Uma centena de pessoas o recebeu há um mês. Esse papel impresso não te deixará entrar.

Era como se o cara tivesse chutado Hanna no baço com o sapato plataforma de prata.

— Minha mãe me enviou isto! —, ela lamentou. — Eles são de verdade!

O cara projetava o quadril.

— Mamãe tem algumas explicações a dar. — Ele fez um movimento de espantar com a mão. — Voltem para a creche, meninas.

Os prédios ao redor do Bryant Park ficaram mais perto. O suor começou a descer lentamente como uma serpente pela testa de Hanna.

A equipe de câmera mostrou o rosto de Hanna, e alguém sussurrou Pretty Little Liars.

Um par de garotas magras estava digitando freneticamente em seus PDAs. Isso provavelmente estaria em todos os blogs de moda e no Twitter em questão de minutos. Elas provavelmente seriam "perdedoras aleatórias" em Seja você mesmo um perdedor.

Naomi puxou Hanna para fora da lente das câmeras e a empurrou contra uma árvore esquelética.

— Que diabos, Hanna?

— Ela fez isso de propósito —, Riley sibilou sordidamente, esgueirando-se por trás delas. — Você estava certa, Naomi. Alguém como ela nunca poderia conseguir ingressos para essa coisa.

— Eu não sabia! — Hanna protestou, os saltos afundando na terra lamacenta ao redor do tronco da árvore. — Eu vou ligar para minha mãe. Ela pode resolver isso.

— Não há nada para resolver —, Kate cuspiu, a centímetros do rosto de Hanna. Seu hálito cheirava a pretzels velhos. — Nós te demos uma chance, e você estragou tudo.

Courtney cruzou os braços, mas não disse nada.

— Você nunca vai ser popular em Rosewood Day novamente —, Naomi ameaçou. Ela pegou seu BlackBerry e agarrou o braço de

Riley. — Vamos para o Waverly Inn —. Ela lançou um olhar ameaçador para Hanna. — Não ouse nos seguir.

As quatro desapareceram na multidão. Hanna se afastou, olhando para uma lata de lixo próxima que estava cheia de taças de champanhe de plástico. Duas meninas com cabelos longos e brilhantes passaram, cada uma segurando uma chave preta com o rótulo DVF estampado na frente.

— Estou tão empolgada com o desfile —, vibrou uma delas. Ela estava usando o mesmo vestido que Hanna estava, exceto que o dela era tamanho 34 em vez de um 38. Vaca.

Hanna pegou com força seu celular, discou o número de sua mãe em Cingapura, não se importando que provavelmente custaria um trilhão de dólares para se falarem. O telefone tocou seis vezes antes de sua mãe atender.

— Eu não posso acreditar! — Hanna uivou. — Você arruinou a minha vida!

—... Hanna? — A Sra. Marin disse, sua voz com som metálico e distante. — O que está acontecendo?

— Por que você me enviou convites falsos para um desfile de moda? — Hanna chutou uma pedra, fazendo com que alguns pombos próximos se dispersassem. — Já é ruim o suficiente você me abandonar e me deixar com um pai que me odeia e com Kate

que quer arruinar a minha vida! Você tem que me envergonhar na frente de todos, também?

— Que convites? — A Sra. Marin disse.

Hanna rangeu os dentes.

— Os ingressos para o desfile de Diane von Furstenberg no Bryant Park? Aqueles que você me mandou por e-mail no outro dia? Ou você está tão ocupada com seu trabalho que você já esqueceu?

— Eu nunca lhe enviei convites —, disse sua mãe, sua voz de repente misturada com preocupação. — Tem certeza de que o e-mail era meu?

Um monte de luzes em um arranha-céu do outro lado da rua se acenderam. Pessoas atravessaram a rua Quarenta e Dois em um rebanho amorfo. Os braços de Hanna se arrepiaram.

Se sua mãe não tinha enviado os convites falsos, quem enviou?

— Hanna? — A Sra. Marin perguntou depois de uma pausa. — Querida, você está bem? Existe algo que precisa falar?

— Não —, Hanna disse rapidamente, apertando o botão para terminar a chamada.

Então, ela cambaleou para trás em direção à biblioteca e sentou-se embaixo de um dos leões de pedra. Havia um quiosque na calçada, uma cópia do New York Post do dia do lado de fora. Os olhos selvagens de Billy Ford encarando Hanna, a sua expressão

apavorante e fria, seu longo cabelo loiro colado a sua testa. *Ford é inocente* - bradava o título.

Um vento forte soprou, soprando a parte de cima do jornal. Ela voou pela calçada, parando perto de um par de familiares botas marrons. O olhar de Hanna passou das botas por todo o caminho até o rosto familiar em forma de coração coberto com cabelos loiros.

— Oh —, ela disse, surpresa.

— Oi —, disse Courtney, um sorriso no rosto.

Hanna abaixou a cabeça.

— O que você quer?

Courtney se sentou ao lado dela.

— Você está bem?

Hanna não respondeu.

— Elas vão superar isso.

— Não, não. Eu estraguei tudo —, lamentou Hanna olhando para um ônibus de turismo da Big Apple. Ela teve um desejo repentino por Cheez-Its. — Eu sou oficialmente uma perdedora.

— Não, você não é.

— Sim, eu sou. — Hanna contraiu seu maxilar. Talvez eu devesse aceitar isso. — Antes de conhecer sua irmã, eu tinha realmente um problema. Eu nem sei por que ela queria ser minha amiga. Eu não sou legal. Eu nunca fui legal. Eu não posso mudar isso.

— Hanna —, Courtney disse com firmeza. — Isso é a coisa mais estúpida que você já disse.

Hanna bufou.

— Você me conhece há dois dias.

Faróis passaram pelo rosto de Courtney.

— Eu conheço você há muito mais tempo do que isso.

Hanna levantou a cabeça e olhou para a menina na escada.

— Hã?

Courtney inclinou a cabeça.

— Vamos lá. Eu pensei que você soubesse há um tempo. Desde o hospital.

Um vento frio soprou em torno de bitucas de cigarro e pedaços de lixo.

— O hospital...?

— Não se lembra? — Courtney sorriu esperançosa. — Eu a visitei quando você estava em coma.

A memória obscura de uma figura loira vacilou e vacilou na mente de Hanna. A menina tinha se inclinado sobre ela e murmurado, eu estou bem. Mas Hanna sempre tinha pensado que a menina era... Hanna piscou em descrença.

— Ali?

A garota ao lado dela assentiu com a cabeça. Ela estendeu os braços no estilo ta-daa!

— O quê? — O coração de Hanna trovejou. — Como?

Ali contou sua história. Hanna engasgou no final de quase todas as frases, mal acreditando em seus ouvidos. Ela olhou para os pedestres andando pela Quinta Avenida. Uma mulher empurrava um

carrinho de bebê Silver Cross, falando em um Motorola Droid. Um casal gay com jaquetas de couro John Varvatos combinando caminhava com seu buldogue francês.

Era surpreendente que as suas vidas mundanas poderiam prosseguir normalmente no meio de tal revelação.

Ela pegou as mãos de Hanna.

— Hanna, eu nunca pensei que você era uma perdedora. É sério, olhe para você agora.

— Ela se inclinou para trás e fez um gesto para o cabelo e a roupa de Hanna. — Você está deslumbrante.

A superfície da pele de Hanna latejava. Na sexta série, ela se sentia como o mascote dos pneus Michelin ao lado de Ali. Seu estômago e seu rosto sempre inchados. Ali sempre pareceu tão perfeita, tanto com sua saia de hóquei em campo ou com o vestido branco que ela tinha usado na graduação da sétima série. Durante anos Hanna tinha desejado mostrar a Ali sua reforma, para provar que ela era fabulosa, também.

— Obrigada —, ela sussurrou, sentindo-se completamente sem corpo, como se presa em um sonho.

— Você e eu somos as únicas que merecem ser populares, Hanna." Os olhos de Ali se endureceram por um momento tão breve que Hanna se perguntou se ela tinha imaginado. — Não sua meia-irmã. E com certeza não Naomi ou Riley. Então você sabe o que precisamos fazer?

— O-quê? — Hanna gaguejou.

Um sorriso tímido apareceu no rosto de Ali. De repente, ela era a pura Ali novamente, irresistível, inebriante, e totalmente no controle de tudo. Ela desceu as escadas e estendeu o braço para um táxi. Um parou imediatamente. Ali subiu nele e fez sinal para Hanna a seguir.

— Penn Station, — Ali disse para o motorista, batendo a porta. Então ela virou para Hanna. — Vamos nos desfazer dessas cadelas —, disse ela. — E então as destruiremos.

15

QUANDO DESEJA EM UM POÇO

Na quinta-feira à noite, Aria estava em seu quarto, na casa nova de Byron analisando o vestido vermelho de franjas que comprou para o baile do Dia dos Namorados. Noel pensaria que era artística e elegante... ou esquisita?

De repente, um lampejo fora da janela do quarto chamou sua atenção. Uma figura corria na frente da casa, o seu corpo flexível, iluminado por uma lâmpada em tons âmbar. Aria imediatamente reconheceu a jaqueta rosa, as calças justas pretas para correr, e os cabelos loiros dentro de uma boina prata. A irmã de Spencer. Melissa, religiosamente corria pelo bairro, todas as tardes. Mas nunca à noite.

O coração de Aria começou a bater com força com a lembrança de Melissa espreitando a casa de Courtney ontem. Uma sensação estranha penetrou em seus ossos. Aria vestiu um suéter, colocou os pés dentro de suas botas acolchoadas, e saiu.

A noite estava fria e calma. Uma lua cheia e inchada se elevava no céu. As casas ficavam enormes e imponentes, e as luzes da maioria das varandas já estavam desligadas. O ar ainda tinha um leve cheiro de terra queimada do fogo, e Aria podia ver os tocos de árvores irregulares da floresta. Ela viu a fita reflexiva sobre o tênis de Melissa no final da rua e começou a correr, seguindo-a a uma distância segura. Melissa passou pelo grande Dutch Colonial, cujos proprietários giravam na entrada bandeiras coloridas com estações,

a casa de pedra maciça com um homem junto de um lago no jardim, e adiante o grande monumento vitoriano na calçada.

Nós sentimos sua falta, Ian, alguém havia escrito com malmequeres. Agora que todos presumiam que Ian era inocente e que estava morto, a cidade tinha feito uma série de coroas, varas de lacrosse, e a velha camisa de futebol de Rosewood Day se encontrava no jardim dos Thomas em sua memória.

Melissa virou em um beco sem saída e desapareceu por um caminho pela floresta. Aria furtivamente a seguiu, cada vez mais nervosa. Tecnicamente, não permitiam que as pessoas regressassem ali, a polícia ainda estava procurando o corpo de Ian.

Tomando uma respiração profunda, Aria se empurrou através das silvas para segui-la.

Galhos rachavam e quebravam. O ar estava carregado de fumaça putrida. Os tênis de Melissa desapareceram em uma encosta íngreme. Os pulmões de Aria estavam cheios e as vezes vazios, correndo para alcançá-la.

Estava tão afastada, que agora mal conseguia ver as luzes das casas. Tudo que podia ver era o velho celeiro da família de Spencer, distantes entre as árvores. Um par de olhos piscou para ela de um galho alto da floresta. Aria engasgou, mas continuou. Ela cambaleou até a colina, ofegante e rígida. Mas quando ela chegou ao topo, não viu Melissa em nenhum lugar. Era como se ela tivesse evaporado no ar.

— Aria?

Aria gritou e se virou. Um rosto apareceu na sua frente. A primeira coisa que Aria viu foi sua sua mandíbula em formato de coração, depois, seus olhos azuis brilhantes, e então seu sorriso vermelho sangue como do gato de Cheshire.

— C ... Courtney? — Ela gaguejou.

— Eu não percebi que alguém mais sabia sobre esse lugar — Courtney disse, colocando uma mecha de cabelo loiro sob seu gorro de lã marrom. Aria passou as mãos sobre o rabo de cavalo bagunçado. Seu coração zumbia nos seus ouvidos. — Você viu a irmã de Spencer?

Melissa? A segui até aqui.

Courtney balançou a cabeça, parecendo confusa.

— Só eu e a lua.

Aria estremeceu, seus pulmões arderam pelo frio. Ela queria sair dali, agora, mas suas pernas não se moviam.

— O... O que você está fazendo aqui?

— Apenas olhando para uma velha cabana — disse Courtney. Ela encostou-se contra uma estrutura em ruínas que Aria nunca tinha visto antes. Parecia uma base de tijolos, coberta de musgo, a metade de uma um A formado por madeira frágil e podre. Um balde de metal enferrujado jogado próximo a relva. Aria colocou a mão na

boca, lentamente, encaixou as peças que faltavam. Era um poço dos desejos.

Assim como o que Ali tinha desenhado na sua bandeira da cápsula do tempo.

Suas pernas começaram a tremer.

— Sempre vinha aqui para pensar. — Courtney se sentou na beirada de pedra, deixando seus pés pendurados no poço. — Era o único lugar só meu.

— É por isso que eu o desenhei na minha bandeira da cápsula do tempo.

A boca de Aria se abriu. Sua bandeira da cápsula do tempo?

— Desculpe-me?

Uma coruja piou. Uma nuvem em forma de mão flutuava sobre a lua. Courtney jogou uma moita de musgo congelada no poço. Aria não ouviu o barulho ao cair.

— Sei que Jason deu-lhe a bandeira. — Ela se virou para olhar para Aria. — Fico feliz que você a tem.

Aria piscou.

— Que diabos está acontecendo?

Courtney levantou as mãos em sinal de rendição.

— Não se preocupe. — Sua voz fez uma pequena baforada de fumaça no ar. — Mas não sou Courtney. Eu sou Ali.

Os joelhos de Aria fraquejaram. Ela se arrastou para trás, caindo sobre as folhas molhadas.

— Por favor, não corra — disse Courtney. A lua iluminava o branco de seus olhos e seus dentes super-branqueados, como um humano jack o'lantern. — Deixe-me explicar. — Aria não se moveu enquanto Courtney, ou quem quer que fosse, rapidamente resumiu a verdade sobre o homicídio de sua irmã. — Hanna, Spencer, e Emily, todas sabem — ela concluiu. — Eu sabia que a você seria mais difícil de dizer. Tudo isso com o seu pai... — Ela pulou do poço e se aproximou de Aria. Tentativamente colocou a mão enluvada no ombro de Aria. — Eu era terrível com você. — Mas eu mudei. Eu quero que sejamos amigas novamente, igual como costumava ser quando nos conhecemos no sexto ano. Lembra como era incrível?

Os lábios de Aria congelaram. Esta era Ali parada na frente dela? Poderia ser possível?

Havia algo de estranho com Courtney desde o início, ela sabia mais de Aria e Rosewood do que deveria saber.

Ali estava ali, os olhos arregalados, implorando.

— Basta pensar nisso. Está bem? Tente ver as coisas do meu ponto de vista.

Aria sentiu uma pontada de nostalgia, querendo que as coisas fossem da maneira como elas tinham sido uma vez, quando elas pela primeira vez tornaram-se amigas. As coisas tinham sido incríveis por um tempo: Elas haviam feito muitas viagens para Poconos, passavam horas nas casas de uma ou da outra, os filmes bobos que fizeram com a câmera de vídeo de Aria. Pela primeira vez, Aria não era uma esquisita solitária, mas parte de um grupo.

Em seguida, Ali virou e foi embora. Seus passos rangeram ruidosamente por poucos momentos antes de desaparecer na distância.

Aria começou a descer a colina em direção a casa. *Quero que sejamos amigas novamente. Basta pensar nisso. Está bem?* Parte dela queria dizer a Ali que o passado era passado. Ela queria uma melhor amiga. Mas alguma coisa estava segurando-a. Aria poderia realmente acreditar que Ali se arrependeu de tudo o que tinha feito e mudou suas maneiras?

Havia retornado a poucos dias atrás, e já estava mentindo denovo, fingindo que nunca esteve em Rosewood Day ou na casa de Noel Kahn antes.

Havia agido bastante convincente, balbuciando sobre qual arrasada estava sobre a questão de seu pai. Era apenas porque Aria contou a ela sobre sua família desestruturada totalmente nova? Aria exalou, o cheiro de mofo e lagoa encheu suas narinas.

Então, ela notou algo branco em seus pés e parou. Algo estava profundamente enterrado no solo sujo da colina. Após um momento de hesitação, Aria se abaixou e puxou-o. Pedacos de terra e folhas mortas voaram ao chão enquanto arrancava. Era um envelope em frangalhos. As escavadoras passaram sobre ele enquanto removiam os velhos tocos de árvores? Ela rasgou o envelope e colocou a mão dentro. Seus dedos tocaram algo com bordas quadradas, rígidas.

Respirando fundo, ela pegou dois confusos polaroids. Aria franziu a testa, suas mãos roxas de frio. A primeira era uma foto de quatro garotas sentadas em um círculo, em um tapete redondo com suas cabeças baixas. As velas tremulavam ao seu redor. Uma quinta garota de pé, com longos cabelos loiros e um rosto em formato de coração, seus braços no ar, os olhos fechados.

O coração de Aria começou a bater com força. Isso parecia uma das Polaroids que Billy tinha tirado da festa do pijama no final do sétimo ano.

Analisando a segunda Polaroid. O flash havia feito um círculo amarelo na parte superior da moldura. Aria sentia instável em seus pés, e seus dentes batiam. De alguma forma, talvez devido ao ângulo da câmera ou a refração da luz do flash, a imagem não mostrava o que estava acontecendo no interior... mas no exterior... Havia um reflexo na janela mostrando um par de mãos e um rosto triste, sombrio. Quem quer que fosse tinha o cabelo loiro como Billy, mas as características eram mais suaves, mais femininas. A imagem estava desfocada, mas o nariz da pessoa era pequeno e reto, e os olhos eram redondos e seus cílios escuros.

Aria mal podia respirar. Ela olhou para o reflexo até que seus olhos arderam. Por mais que quisesse acreditar que a pessoa na janela parecia-se com Billy, ela sabia que não era.

O que significava que alguém mais estava observando-as essa noite.

16

SE NÃO FOR AGORA, EM, QUANDO?

Na manhã seguinte, Emily e sua irmã Carolyn entraram no restaurante de Rosewood. Sua prática de natação extenuante tinha terminado um pouco mais cedo, o que significava que elas tinham tempo para comer uma refeição de verdade antes da escola.

Os proprietários do restaurante deixavam suas luzes de Natal durante todo o ano, o que dava a sensação de um lugar acolhedor e festivo. A cozinha cheirava a panquecas, xarope, salsichas, e café. Alguns jornais descartados estavam sobre o balcão. A foto da janela Não é de Ford se lia em uma das manchetes. Abaixo havia um scanner da desfocada Polaroid que Aria tinha falado a respeito com Emily. Ela ligou na noite passada, explicando que tinha encontrado as fotos na floresta. Aria tinha enviado as fotos de maneira anônima, não querendo atrair mais atenção sobre si. Emily olhou firmemente para a imagem desfocada. O rosto estava superexposto pelo flash, fazendo parecer com uma aparição. A pessoa tinha cabelo loiro como o de Billy, mas os formatos da mandíbula, olhos e nariz eram completamente diferentes. O espaço por trás dos olhos de Emily começou a palpitar. Por que Billy teria aqueles Polaroids se não foi ele que tirou as fotos? Será que ele tinha um cúmplice naquela noite? Ou alguém havia colocado em seu carro?

Emily seguiu Carolyn para a grande cabine vermelha. Seu celular tocou de dentro da sua bolsa de natação. Uma nova mensagem. Era de Courtney DiLaurentis. *Ali.*

Mal posso esperar para vê-la em dois dias na ginástica. Beijos.

O coração de Emily disparou.

Mal posso esperar para vê-la também, ela respondeu, vendo a rotação do pequeno envelope até que a mensagem foi enviada.

Ela podia ainda sentir o halito de menta de Ali e sentir seus lábios macios, nos dela. Ela ainda podia ver Ali dançando sedutoramente no clube na quarta-feira à noite, os holofotes brilhando sobre a coroa dourada em sua cabeça.

Carolyn inclinou-se e olhou para a tela do celular de Emily. Seus olhos se arregalaram.

— Você e Courtney são amigas?

— Ela parece simpática — disse Emily, tentando não perder nada.

Carolyn dobrou o menu e o deslizou para o canto da mesa.

— É muito estranho que Ali tem uma irmã gêmea. Alguma vez você já suspeitou?

Emily encolheu os ombros. Em retrospecto, tudo se encaixava. Ela deveria ter adivinhado que algo estranho estava acontecendo um dia antes da festa do pijama no sétimo ano. Quando Ali encontrou-

se com as garotas na varanda não se recordava de falar com elas em seu quarto antes. Então, no fim da tarde, Emily pediu licença para usar o banheiro dos DiLaurentis. No interior havia escutado Jason sussurrar com raiva para alguém na escada.

— É melhor você parar — alertou. — Você sabe como isso os aborrece.

— Não faz mal nenhum. — Outra voz protestou. Parecia muito com Ali, mas tinha sido claramente Courtney. Jason, provavelmente, estava repreendendo-a por passar-se por sua irmã...

de novo.

— Ela tentou me afogar —, disse Ali. Queria matar-me para ser eu. Emily estremeceu.

Mas o que dizer da outra vez que Courtney estava em casa, quando foi mudada de Radley para o Preserve? Ali havia dito que isso foi no começo sexto ano. Poderia ter sido o mesmo sábado que Emily, Spencer e as outras foram ao quintal de Ali, na esperança de roubar a sua bandeira da cápsula do tempo? Emily lembrava de ter ouvido uma briga dentro da casa dos DiLaurentis. Ali gritou:

— Pare! — E então alguém gritou: Pare! novamente com a mesma voz aguda. Ela pensou que foi Jason, mas poderia ter sido Courtney.

Esse foi o primeiro dia em que Ali tinha falado com alguma delas, e por uns instantes, parecia quase amigável. Ela até mesmo interrompeu a conversa depois que a Sra. DiLaurentis saiu para

varanda e disse a Ali que ela estava indo. Olhando de volta agora, Emily se perguntou se a família de Ali havia levado Courtney ao Preserve. Se ela tivesse prestado mais atenção para o Mercedes dos DiLaurentis afastando-se da casa, ela teria visto um rosto diferente idêntico ao de Ali no banco de trás?

A garçonete se aproximou da mesa e perguntou se elas haviam decidido o que queriam para o café da manhã. Carolyn pediu um omelete e Emily um waffle belga. Depois que a garçonete se afastou, Carolyn derramou um recipiente de creme em sua xícara de café.

— Courtney parece muito diferente de Ali.

Emily revirou seu chocolate quente, tentando manter-se neutra.

— Por que você diz isso?

— Eu não tenho certeza. Eu realmente não posso colocar o meu dedo nisto, mas diferenças existem.

O sino tocou no balcão. A garçonete levava duas bandejas de comida em seus braços, oscilando sob o peso. Emily desejava poder dizer a verdade a Carolyn sobre Ali, mas Ali a tinha mandado guardar segredo. Emily se perguntou por quanto tempo Ali teria que fingir ser Courtney. Até que ela tivesse dezoito anos? Para sempre?

Carolyn levantou uma sobrancelha, olhando além de Emily, para algo na janela.

— Não é aquele o Oficial Wilden ?

Emily se virou. Duas pessoas estavam conversando no estacionamento. Uma garota loira com um casaco xadrez estava conversando com um policial familiar. Era Wilden e a irmã de Spencer, Melissa. Independente do que estavam dizendo pareciam alterados.

Melissa sacudiu o dedo no rosto de Wilden. Wilden disse algo, sacudindo sua mão, como se não acreditasse no que Melissa estava dizendo. Melissa lançou seus braços no ar em frustração e Wilden foi embora. Ela o chamou, mas ele não se virou.

— Whoa — Carolyn disse calmamente. — O que foi aquilo?

— Eu não tenho idéia — Emily disse suavemente.

A porta do restaurante se abriu e dois caras com jaquetas da Tate Prep Diving entraram desfilando. Carolyn virou-se para Emily, tomando outro gole de café.

— Então, você e Isaac vão para o baile do Dia dos Namorados? Não o tenho visto ultimamente.

Isaac. Por um momento, Emily não conseguia sequer lembrar o rosto de seu ex-namorado. Não muito tempo atrás tinha pensado que Isaac Colbert era o amor de sua vida, o suficiente até mesmo para dormir com ele. Mas então ele não tinha acreditado em Emily

quando ela disse que sua mãe estava atormentando-a. Parecia como se isso tivesse acontecido há um milênio.

— Uh ... Duvido.

— O que aconteceu?

Emily fingiu estar interessada pelas coisas ao redor dela, um mapa cheio de acontecimentos dos Estados Unidos. Seus pais e sua irmã ainda pensavam que ela continuou sua viagem para Boston com Isaac a algumas semanas, porém tinha estado em Amish, descobrindo informações sobre o passado de Wilden. Quando os policiais tinham trazido Emily para casa na noite em que quase tinha invadido a sala de provas do Departamento de Polícia de Rosewood, na mesma noite que Jenna foi assassinada, ele disse à sua mãe que estava vestindo um traje tradicional de Amish para um jogo de RPG que tinha participado em Boston durante a viagem.

Emily tinha certeza de que sua mãe não acreditou nele, mas a Sra. Fields não insistiu no assunto.

Depois de alguns segundos em que Emily não respondeu, Carolyn mudou de peso, um sorriso começando em seu rosto.

— Você não está mais com Isaac, certo?

— Não — Emily admitiu, escolhendo cuidadosamente as palavras.
— Eu gosto de alguém.

Os olhos de Carolyn se arregalam. Provavelmente não foi difícil para ela adivinhar quem: Mona, como A tinha exposto para toda a escola a antiga paixão de Emily por Ali.

— Courtney... certo? — Carolyn sussurrou.

— Não sei. — Emily apertou seu polegar nos dentes do garfo. Eu sempre quis fazer isso de novo, Ali tinha dito. Ali era assim? Por qual outro motivo ela diria essas coisas? A garçonete trouxe seus pratos. Emily olhou para seu waffle com calda de manteiga.

De repente, estava muito nervosa para ter fome.

Carolyn colocou as palmas da mão sobre a mesa.

— Deveria perguntar a ela sobre o baile — decidiu.

— Não posso! Exclamou Emily, um pouco surpresa que sua irmã estava sendo tão compreensiva.

— Por que não? O que tem a perder? — Carolyn enfiou um pedaço de omelete em sua boca. — Pode ir comigo e Topher. Vamos alugar uma limusine . — Topher era o namorado de longa data de Carolyn.

Emily abriu a boca, e logo voltou a fechar. Carolyn não entendia. Essa não era uma paixão normal como a que teve por Maya ou Isaac. Durante anos tinha pensado em estar com Ali, ir para Stanford com ela e então talvez , se tivesse sorte, conseguirem

juntas uma pequena casa com aqueles bonitos cata-ventos na frente. A idéia era muito forte e arruinava suas chances com Ali. A opinião de Ali era tudo, e se Ali a rejeitasse, Emily não tinha certeza do que fazer.

Não havia risco de ser esmagada se mantivesse seus sentimentos para si mesma.

O celular de Emily tocou novamente, ela o abriu com força. Ali tinha mandado outra mensagem com uma fila de beijos.

Mas, e se Ali quisesse isso também?

17

QUEM TEM MEDO DA IRMÃ MAIS VELHA MALVADA?

Ao mesmo tempo, naquela manhã, Spencer subiu no SUV de Melissa e esperou enquanto sua irmã corria para dentro para pegar seus óculos de sol. Em um raro espetáculo de utilidade, Melissa se ofereceu para levar Spencer para escola. Spencer deixou cair a bolsa Kate Spade no banco de trás. O carro cheirava a chiclete de canela, e o rádio tocava.

— Depois de uma mensagem de nossos patrocinadores, vamos discutir as fotografias que deram uma nova luz sobre o caso do assassino em série de Rosewood —, um repórter anunciou.

A transmissão cortou para um comercial da Treasures in the Attic, uma loja local antiga, e Spencer desligou o rádio. Ela recebeu uma mensagem de texto de Aria esta manhã sobre as fotos que ela tinha encontrado na floresta, mas Spencer não tinha visto ainda. Tudo que ela sabia era que o fotógrafo podia ser uma menina.

Spencer estava fazendo o seu melhor para ignorar as incoerências no processo contra Billy, mas agora... Uma mão gelada tocou o lado de Spencer e ela pulou.

— Terra para Spencer, — Melissa disse, batendo a porta. — Você está aí?

— Desculpe —, disse Spencer à Melissa e se afastou, quase acertando o santuário de Jenna. Ele tinha aumentado para três

vezes o seu tamanho original. O santuário de Ali, na base do meio-fio da casa dos DiLaurentis continuava forte também, cheio de velas, flores, ursos de pelúcia e fotos antigas de Ali quando criança.

Se as pessoas realmente soubessem, Spencer pensava. A menina nessas fotos antigas ainda estava viva. Era tão difícil de acreditar.

Melissa estava de olho no santuário de Ali, também.

— A Courtney viu isso? —, Perguntou ela.

O estômago de Spencer revirou. Era estranho ouvir o nome de Courtney agora que ela sabia a verdade.

— Eu não sei.

No final da rua, a Sra. Sullivan, que morava na esquina, estava andando com seus dois cães pastores. Melissa foi até o fim da rua, e elas dirigiram em silêncio por alguns minutos, passando pela Fazenda Johnson, que vendia manteiga e vegetais orgânicos, e então o parque do município. Algumas pessoas correndo, a cabeça baixa e contra o vento.

Melissa empurrou os óculos aviadores para o topo da sua cabeça e olhou para Spencer com o canto do olho.

— Você sai com Courtney sempre?

— Uh-huh —, Spencer respondeu, puxando as mangas do seu casaco sobre suas mãos.

Melissa apertou o volante.

— Você tem certeza que é uma boa idéia?

Elas pararam em um sinal de Pare. Um esquilo saltou na estrada, a sua cauda espessa no ar.

— Por que não seria? — Spencer perguntou.

Melissa bateu o pé esquerdo no chão.

— Você não sabe muito sobre ela. Quando Jason me contou sobre ela, ele disse que ela era realmente instável.

Em seguida, ela bateu o gás novamente, sacudindo todo o cruzamento. Spencer desejava que ela pudesse dizer a verdade à Melissa, que a irmã instável estava morta.

— Você nunca nem falou com ela —, disse em vez disso.

A voz de Melissa endureceu.

— Eu só acho que você deve ter cuidado com ela. Não pule em uma amizade muito rápido.

Elas chegaram à Rosewood Day e pararam atrás de um monte de ônibus escolares amarelos.

As crianças desciam as escadas dos ônibus e corriam para as portas duplas, ansiosas para escaparem do frio cortante. Spencer apontou para a irmã acusadoramente.

— Você só está dizendo isso porque você odiava Ali e você não gosta de Courtney, por extensão.

Melissa revirou os olhos.

— Não seja uma rainha do drama. Eu só não quero que você se machuque.

— Claro que você não quer, — Spencer rosnou. — porque certamente nunca tentou me machucar. — Ela abriu a porta, saiu, e, em seguida, a bateu atrás dela.

Os corredores cheiravam a pastelaria fresca de Steam. Quando Spencer se aproximou de seu armário, Ali saiu do banheiro. Seus olhos azuis brilhavam, perfeitamente em harmonia com seu blazer da escola.

— Ei! —, Ela gritou, envolvendo o braço pelos ombros de Spencer. — Justamente a pessoa que eu queria ver. Vamos nos

preparar para irmos ao baile de amanhã juntas, certo?

— Sim —, disse Spencer, girando a combinação de seu armário muito rápido e faltando um dos números. Frustrada, ela chutou a porta de metal.

Ali franziu a testa.

— Há algo de errado?

Spencer rolou a cabeça em seu pescoço, tentando se acalmar.

— Melissa está me enlouquecendo.

Ali colocou as mãos nos quadris. Um par de caras na equipe de futebol passou, dando-lhe gratos assobios.

— Tiveram outra briga sobre sua mãe?

— Não... — Spencer finalmente conseguiu abrir seu armário. Ela encolheu os ombros de seu casaco e enfiou-o no gancho. —Na verdade, era sobre você.

— Eu? — Ali pressionou a palma da mão contra o peito.

— Sim —. Spencer latiu uma risada. — Eu disse a ela que estávamos saindo. Ela disse que eu deveria ficar longe de você.

Ali pegou em uma imperfeição invisível em seu blazer.

— Bem, talvez ela esteja cuidando de você.

Spencer fungou.

— Você conhece Melissa. Ela definitivamente não está cuidando de mim.

Um músculo no pescoço de Ali ficou tenso.

— Então, por que ela disse isso?

Spencer mordeu o lábio inferior. Melissa e Ali nunca haviam se dado bem. Ali era a única que Melissa não esperava voltar. Logo antes do desaparecimento, Ali tinha brincado com Melissa que Ian deveria ter uma nova namorada enquanto Melissa estava de férias em Praga. E

Melissa definitivamente havia suspeitado que Ali estava flertando com Ian. Um par de meses atrás, Spencer e Melissa estavam na banheira de água quente do quintal, e Melissa disse que sabia que Ian a tinha traído na época da escola.

— Ian vai se arrepender para o resto de sua vida, — ela disse. Spencer perguntou o que ela faria para a garota com quem ele a

tinha traído, e Melissa sorriu maliciosamente. — Quem disse que eu já não fiz nada?

Um armário bateu por perto. O telefone celular de alguém tilintou. A música entre as aulas parou, uma clara indicação de que eles tinham que chegar a sala de aula. Spencer olhou para Ali, que estava olhando para ela, provavelmente se perguntando o que ela estava pensando.

— Você acha que há alguma maneira de Melissa saber que você não é Courtney? — Perguntou ela.

Ali retrocedeu. Sua testa enrugada.

— Não. De jeito nenhum.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Ali escovou o cabelo longo e loiro por cima do ombro. Um menino do primeiro ano que estava por perto deixou cair o livro de biologia no chão de mármore. — Honestamente, Spence? Melissa está provavelmente apenas ciumenta. Ambas têm outra irmã agora... e eu gosto mais de você.

Uma sensação quente e reconfortante infiltrou-se nos ossos de Spencer quando Ali se despediu e se dirigiu para aula de arte. Spencer atravessou o saguão em direção à sala de aula, mas quando ela passou pelo Steam, um rack do Philadelphia Sentinel a fez parar de repente.

— Oh meu Deus —, ela sussurrou.

O Polaroid que Aria tinha encontrado na noite passada estava estampada na primeira página, os olhos borrados e assustadores, olhando diretamente para Spencer. Spencer reconheceu a face imediatamente.

Melissa.

18

DUAS AMANTES DA MODA, UM PLANO MAQUIAVÉLICO

Apesar de ser apenas quatro da tarde de uma sexta-feira, Rive Gauche, o restaurante francês do shopping King James , estava lotado de bem vestidas, bem arrumadas garotas da escola preparatória. Lindas bolsas de couro foram colocadas nos assentos vazios, e grandes sacos de compras gravados com etiquetas de grifes de luxo foram enfiados debaixo das mesas. Os garçons vestidos com camisas brancas e nítidas calças skinny pretas giravam em torno dos clientes, oferecendo garrafas de vinho e cremes brúlées. O ar cheirava a escargot banhado na manteiga e maravilhosamente a gordurosas batatas fritas belga.

Hanna suspirou com prazer. Ela não havia estado em Rive Gauche havia algum tempo, e ela tinha perdido isto. Apenas em pé no saguão do Rive Gauche deu-lhe um enorme senso de bem-estar. Foi como uma terapia instantânea.

A anfitriã levou Hanna e Ali através da sala de jantar. Ambas as meninas carregavam pesadas bolsas da Otter. Elas passaram a última hora e meia experimentando quase tudo na loja.

Pela primeira vez, não era tudo sobre Ali girando em frente dos espelhos de três vias com vestidos tamanho dois e calças jeans skinny de tamanho vinte cinco enquanto Hanna despencava no sofá como um peixe-boi feio e cheio de espinhas.

Hoje Hanna parecia tão bela em suas calças cinturas alta e seus vestidos super justos.

Ali inclusive pediu conselhos a Hanna sobre moda de jeans descorado — Ela havia sido trancada em um hospital por três anos, depois de tudo, e estava fora de seu alcance.

O único aborrecimento foi quando Hanna se lembrou da última vez que ela tinha estado no camarim da Otter's com um amigo — Mike havia levado Hanna ali no seu primeiro encontro, e ele pegou todos os tipos de roupas sexy justas para ela experimentar. Ela tinha mencionado Mike brevemente para Ali, perguntando se Naomi e Riley estavam por trás da coisa com Skidz. Ali disse que não sabia ao certo, mas não seria surpresa pra ela.

Ali e Hanna se sentaram em uma cabine. Ali tirou um lenço de seda da bolsa Otter e o envolveu em torno de seu pescoço.

— Eu quero que todos venham para a casa Poconos amanhã depois da dança dos namorados. Podemos ficar bêbados, ir na banheira de hidromassagem, reconectar...

— Isso seria fantástico. — Hanna aplaudiu.

Ali parecia insegura por um momento.

— Você acha que os outros irão?

— Spencer e Emily definitivamente irão, — Hanna respondeu. Aria, por outro lado, não parava de falar sobre um velho poço dos desejos. — Ali disse que foi a inspiração para o desenho em sua bandeira, — ela sussurrou urgentemente para Hanna ontem à noite no telefone.

— Ela já te disse sobre um poço.

— Não, mas quem se importa? — Hanna havia respondido, sem entender onde Aria queria chegar com isso. Então Ali tinha um segredo que desejava manter só para ela. Quem se importava?

— Nós vamos ter que comprar álcool e aperitivos, — Ali disse, assinalando os itens em seus dedos. Hanna imaginou uma viagem para os Poconos. Jogariam jogos de bebidas e de contar segredos. Subiriam na banheira quente, com biquínis de amarrar, só que desta vez Hanna não precisaria cobrir seu estomago gorducho. Uns dias atrás, Hanna tinha se visto sendo atormentada pela preocupação de que ela era a piada do grupo, a menina que estava sempre na iminência de ser deposto. Mas havia uma Hanna nova na cidade, uma Hanna bonita, magra, confiante.

Uma garçonete magra, com um toque francês e maçãs do rosto altas passava pela mesa delas. Hanna devolveu o menu sem olhar para ela.

— Nós vamos querer mexilhões com fritas.

A garçonete assentiu e partiu, parando para verificar uma mesa de alunas da Quaker pela janela.

Ali pegou seu iPhone do seu estojo de couro rachado.

— Okay. Sobre a operação DEV - Destruir essas vagabundas.

— Ótimo, — disse Hanna. Ela estava pronta. Kate, Naomi, e Riley desfilaram pela escola hoje, contando a todas que as roupas de alta costura da Hanna era tão falsa quanto os bilhetes para o espetáculo DVF moda. E naquela manhã no café da manhã, Kate se queixou ao pai de Hanna que Hanna a havia arrastado até Nova York como uma piada, fazendo com que ela perdesse o ensaio de Hamlet. Como de costume, o pai de Hanna acreditou em Kate. Hanna não se preocupou em se defender. Qual era o ponto?

— Eu descobri a coisa perfeita a fazer. — Ali bateu na tela do seu iPhone. — Então, sabe a festa do pijama no outro dia?

— Sim. — Hanna enfiou suas sacolas da Otter na cabine.

Ali começou a pressionar os botões do telefone.

— Bem, antes de você chegar em casa, fomos cochichando no quarto, e todas elas escreveram cartas de amor para suas paixões.

— Cartas de amor? Sério? — Hanna franziu o nariz — Isso é tão...

— Sétima série? — Ali revirou os olhos. — Eu sei. De qualquer forma, você deveria ter visto as cartas que elas escreveram. Coisas realmente suculentas. — Ela se inclinou sobre a mesa, com a boca tão perto que Hanna podia sentir o cheiro do brilho labial de morango. — Eu fiquei de fora, é claro, porque como Courtney, eu não estive aqui tempo suficiente para ter uma queda por ninguém. Mas logo antes de eu sair, eu roubei as cartas e digitalizei na máquina do antigo escritório da sua mãe. Elas estão todas no meu

telefone. Nós podemos imprimi-las e passá-los na dança. Dia dos Namorados é todo sobre amor não correspondido, afinal de contas.

Ali trouxe as imagens em seu telefone e acenou com a tela no rosto de Hanna. A carta de Kate soava como se ela tivesse uma paixão secreta por Sean Ackard, ex de Hanna, prometendo assistir às sessões do Clube V com ele. A carta de amor de Riley era para Seth Cardiff, um nadador encorpado. Aparentemente, ela amava como ele olhava para ela em sua Speedo apertada. A carta de Naomi era para Christophe Briggs, diretor sênior de flamejante do clube do teatro de Rosewood Day, dizendo que queria ajuda-lo em —transformando-o em linha reta.|| Cada menina tinha assinado sua carta de amor com um beijo de batom vermelho, que devem ter sido desperdiçados quando elas escreveram.

Humilhante.

— Doce. — Hanna bateu nas mãos de Ali.

— Então, até a dança, eu preciso fingir que eu, Naomi, Riley e Kate ainda somos melhores amigas. Elas não podem saber que nós estamos nos falando, caso contrário, vai explodir a coisa toda.

— Claro, — Hanna concordou. Seria como uma repetição apropriada e satisfatória da primeira vez que Ali abandonou Naomi e Riley, pouco antes do dia de caridade de Rosewood Day na sexta série. Hanna nunca esqueceu os olhares mortificados sobre as faces de Naomi e Riley, quando elas perceberam que tinham sido substituídas. Tão satisfatório.

— Por que você abandonou Naomi e Riley na sétima série, afinal?
— Hanna perguntou.

Era algo que ela e Ali nunca haviam discutido, Hanna tinha medo de parecer preocupada de que tal pergunta pudesse abalar sua amizade com Ali. Mas isso foi há anos, e elas finalmente eram iguais.

As portas duplas rachadas da cozinha se abriram, e uma garçonete apareceu com uma bandeja de pratos. Um músculo perto da boca de Ali se contraiu.

— Eu percebi que elas não eram realmente minhas amigas depois de tudo

— Elas fizeram algo para você? — Hanna pressionou.

— Você poderia dizer que sim, — Ali murmurou vagamente.

Um grupo de garotas há algumas mesas folheou um exemplar da revista *Us Weekly*, fofocando sobre uma cirurgia plástica fracassada de uma estrela. Um casal de velhos partilhou um pedaço de bolo de chocolate derretido. Um prato fumegante de mexilhões e batatas fritas apareceu na frente de Hanna e Ali. Ali mergulhou de imediato, mas Hanna ficou para trás por um momento, tentando descobrir o que Naomi e Riley tinham feito.

— A coisa da carta é um plano incrível. — Hanna pegou uma batata frita a partir do topo da pilha. — Será como a famosa nota de Will Butterfield!

Ali fez uma pausa, uma concha do mexilhão brilhante entre o polegar e o indicador.

Havia uma ruga entre as sobrancelhas.

— Huh?

— Você sabe, — Hanna incentivava. — O tempo que você descobriu a nota que Will Butterfield escreveu para seu professor de matemática e deu para Spencer lê-la sobre os anúncios de manhã? Foi clássico.

A névoa lentamente foi dissolvendo dos olhos de Ali e seus lábios se curvaram.

— Oh. Sim. Certo. — Seu sorriso rapidamente vacilou em uma carranca. — Desculpe.

É só que parece que se passaram tantos anos.

Hanna colocou um mexilhão em sua boca, perguntando se ela não deveria ter tocado no assunto.

— É legal, — disse Hanna, acariciando os braços de Ali. Mas a atenção de Ali estava em outro lugar. Hanna seguiu seu olhar para o átrio do shopping. Alguém estava agachado atrás da fonte borbulhante, olhando para elas. O estômago de Hanna se revirou. Houve um flash de cabelos loiros e Hanna pensou sobre a Polaroids que Aria tinha encontrado. Aquele rosto na janela. Agora, a notícia dizia que Billy não poderia ser culpado de nenhum dos assassinatos. Era como um pesadelo se tornando realidade.

Hanna furtivamente olhou para Ali.

— Quem é?

— Eu não sei. — Ali sussurrou de volta. Suas mãos tremiam.

Hanna prendeu a respiração, olhando, esperando, mas, em seguida, um grupo de crianças passou, bloqueando sua visão. Quando olharam para o Banana Republic, quem estava assistindo tinha ido embora.

19

A MAIOR QUESTÃO DA VIDA DE EMILY

Gotas de chuva fria batiam no teto do Volvo de Emily quando ela entrou no novo bairro de Ali.

A lagoa dos patos, com seu pitoresco gazebo de madeira e passarela suspensa estava em silêncio e ainda na escuridão pelo frio invernal. Emily se imaginou sentada com Ali, os patos na margem do lago, na primavera, de mãos dadas e soprando sementes de dente de leão pela grama. Ela havia imaginado andar de bicicleta com Ali pelas ruas sinuosas e acampar em seu grande quintal, acordando a cada poucas horas para beijarem-se. E ela já imaginara como seria vir buscar Ali para o baile no dia seguinte, Ali descendo a escada

com um vestido de seda vermelho lindo e sapatos de salto de cetim vermelho.

Esperemos que ela não esteja ficando à frente de si mesma.

Depois de sua conversa com Carolyn no restaurante, Emily tinha decidido pedir a Ali para acompanhá-la ao baile hoje na escola. O problema era que ela não tinha visto Ali em nenhum lugar. Ela não estava no Steam com Naomi, Riley, e a futura meia-irmã de Hanna, Kate. Emily não a viu passar nos corredores entre o terceiro e quarto períodos em seu caminho para a química. Ela não tinha aparecido no ginásio, também. Durante o sexto período, Emily estava agitada a ponto de seus nervos explodirem, então pediu um passe ao seu professor de cerâmica e vagou pela escola, espiando as salas de aula, na esperança de um vislumbre do rosto de Ali. O baile era no dia seguinte. O tempo dela estava se esgotando.

A luz da varanda dos DiLaurentis estava acesa, e a BMW da família estava na garagem.

Emily tomou algumas respirações profundas, olhando para o semáforo além da rua. Se ele ficar verde nos próximos cinco segundos, Ali vai dizer que sim, ela disse para si mesma. Ela lentamente contou até cinco. A luz brilhava vermelha. Melhor de dois, ela decidiu.

Cinco segundos se passaram, e o semáforo ainda estava vermelho. Suspirando, ela saiu do carro, caminhou até a varanda e tocou a campainha. Houve passos, e então a porta se abriu.

Jason DiLaurentis estava do outro lado, seu cabelo loiro liso penteado contra sua cabeça e seu rosto com a barba por fazer, vestindo calças jeans rasgadas e uma camiseta Penn. Quando ele viu

que era Emily, franziu o cenho. A última vez que Emily tinha visto Jason ele havia reclamado por supostamente amassar seu carro. O olhar quente em seu rosto a fez pensar que ele não havia esquecido.

— Oi, — Emily disse, tremendo ligeiramente. — Estou aqui para ver... Courtney. — Ela corrigiu-se pouco antes de dizer Ali.

— Uh, com certeza. — Jason gritou o nome de Courtney na base da escada, então se virou para trás e deu um longo olhar sem remorso para Emily. As faces de Emily queimavam.

Ela mexeu ansiosamente com uma estátua de cão de madeira que ficava sentada na mesa apenas para fazer algo com as mãos.

— Então, você e Courtney são amigas agora? — Jason perguntou finalmente. — Simples assim?

— Sim. — *E?* ela queria acrescentar.

— Ei! — Ali desceu as escadas. Seu cabelo loiro estava com um rabo de cavalo, e ela estava usando uma camiseta azul celeste, uma cor que ela sempre vestia na sétima série, porque realçava os olhos dela. — Que surpresa boa!

Emily virou-se para Jason, mas ele tinha desaparecido.

— Oi —, ela respondeu, sentindo-se tonta.

— Vamos para a sala —, sugeriu Ali, girando e desaparecendo pelo corredor. A sala era grande, quadrada e escura, e cheirava como um fogão a lenha. Uma TV de tela plana ficava no canto, pesadas cortinas de veludo foram puxadas através das janelas, e um prato de doce listrado cheio de M&M estava no meio da mesa de café. Um monte de fotos estavam no chão, encostadas a cadeiras e estantes.

Emily se inclinou para olhar a foto no topo da pilha. Era uma foto da família DiLaurentis, pais e filhos – só duas crianças, e não três. Ali estava na sétima série, com o rosto um pouco mais redondo e o cabelo um pouco mais leve. Jason estava ao lado dela, a boca sorrindo, mas seus olhos sérios. Os pais DiLaurentis descansavam suas mãos nos ombros de seus filhos, sorrindo com orgulho como se não tivessem nada a esconder.

Ela olhou novamente para a imagem de Jason, ainda trêmula de sua interação na sala.

— Tem certeza que seu irmão não sabe quem você realmente é? —, ela sussurrou.

Ali caiu no sofá e sacudiu a cabeça com veemência.

— Não. — Ela lançou um olhar de advertência Emily. — E por favor não diga a ele.

Minha família tem que acreditar que eu sou Courtney. É a única maneira de eles pensarem que eu estou melhor.

Emily recostou-se, o couro fazendo um barulho estridente sob suas pernas.

— Eu prometo.

Então ela estendeu a mão e tocou a mão de Ali. Estava fria e um pouco pegajosa.

— Senti sua falta hoje. Havia algo que eu queria lhe perguntar.

Ali olhou para a mão de Emily sobre a dela. Seus lábios se separaram um pouco.

— O quê?

O coração de Emily disparou.

— Bem, há um baile de Dia dos Namorados na escola amanhã.

Ali moveu sua mandíbula. Seus dentes inferiores sobressaíram um pouco.

— Enfim, eu estava pensando se você queria... — Emily fez uma pausa, as palavras presas na garganta. — Se você quer ir comigo. Como um encontro. Poderíamos ir com a minha irmã e o namorado dela. Vai ser muito divertido.

Ali puxou a mão dela.

— Em... — ela começou. Os cantos dos lábios tremiam, como se ela fosse suprimir uma risada.

O estômago de Emily despencou. De repente, ela foi transportada para a casa de Ali na árvore, momentos depois que ela se inclinou e beijou os lábios de Ali. Ali a beijou de volta por alguns poucos momentos deliciosos antes de ela se afastar.

— Agora eu sei porque você fica tão incomodada quando nos trocamos durante a aula de ginástica —, ela brincou.

Emily levantou-se, batendo no canto de um tabuleiro de xadrez de mármore enorme sobre a mesa do café. A Rainha Branca vacilou e, em seguida tombou.

— Eu tenho que ir.

O cara de Ali caiu.

— O quê? Por quê?

Emily se atrapalhou com o casaco sobre o encosto da cadeira.

— Acabei de me lembrar. Eu tenho trabalhos de casa.

Os olhos de Ali estavam redondos e conturbado.

— Eu não quero que você saia.

O queixo de Emily tremeu. *Não chore*, disse a si mesma.

— Eu quis dizer o que eu disse outro dia sobre como me sinto sobre você. — Ali agarrou a mão de Emily. Lá fora, a luz da varanda

do vizinho piscava. — Mas eu tenho que arrumar minha vida em primeiro lugar, ok?

Emily procurou as chaves do carro no bolso do casaco. Foi provavelmente uma desculpa. Ali estaria tirando sarro dela por isso amanhã. Emily não deveria ter confiado nela tão rapidamente. Era claro que ela não tinha mudado muito.

— Eu não vou abandonar você —, Ali prometeu, como se ela pudesse ouvir o que estava galopando pela mente de Emily.

— A coisa mais importante é que nós somos amigas novamente. Nós ainda podemos ir ao baile. E eu queria que todas nós fossemos em conjunto.

— Todas nós? — Emily piscou.

— Você, eu, Spencer, Hanna... — Ali parecia esperançosa. — Talvez até Aria? Eu estava pensando que nós poderíamos ir à casa da minha família em Poconos depois. — Ela apertou as mãos de Emily. — Quero que todas estejamos juntas novamente, como as coisas costumavam ser.

Emily fungou, mas pegou as chaves.

Ali deu um tapinha na almofada ao lado dela.

— Por favor, fica. Precisamos conversar sobre o baile, agora que eu sei que você está indo. Eu aposto que você nem sequer escolheu um vestido ainda.

— Bem, não. Eu estava pensando em usar algo da minha irmã.

Ali socou de brincadeira.

— Assim como nos velhos tempos.

Emily sentou-se novamente. Parecia que suas emoções tinham estado em um ciclo de centrifugação alta, mas como Ali abriu uma cópia da Teen Vogue e apontou uma série de vestidos de festa que iria combinar com o tom de pele de Emily, o humor dela começou a derreter. Talvez ela estivesse perdendo as coisas de vista. Ali voltou, todo o resto viria com o tempo.

Ali estava chegando na Seventeen quando Emily ouviu passos no corredor. Jason estava ao pé da escada, olhando na sala. Sua testa estava enrugada, os cantos de sua boca viraram bruscamente para baixo, e ele estava segurando o corrimão com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

Emily ficou boquiaberta. Mas assim que estava prestes a cutucar Ali, Jason saiu da casa, batendo a porta atrás dele.

20

É TUDO SOBRE DEIXAR IR

Mais cedo naquela tarde de sábado, Aria saiu de seu Subaru, o trancou e começou a atravessar o estacionamento do shopping. Mike caminhava ao lado dela, o capuz de sua jaqueta apertava sua cabeça. Aria tinha se oferecido a acompanhar Mike até o oculista do Shopping King James, para pegar um par de lentes de contato — ele constantemente as rasgava, mas não se atreveria a usar seus óculos. Ultimamente, Meredith tinha cantado loucamente as músicas de Cinderela, enquanto decorava o quarto do bebê — em amarelos neutros, assim como Meredith e Byron não queriam ter relações sexuais até que o bebê nascesse — e Aria estava desesperada para ter uma desculpa para sair de casa.

O celular de Aria começou a tocar. Ela o puxou de seu bolso e olhou para a tela.

Wilden. Uma sensação de medo se passou por seu estômago. Por que ele estava ligando?

Poderia ele saber que era ela a pessoa que mandou para a polícia a foto que havia encontrado na floresta? Ela desligou silenciosamente e colocou o celular de volta em seu bolso, seu coração batendo forte.

Ela sabia que tinha feito a coisa certa dando as fotos para a polícia de Rosewood anonimamente. Foi um ato de defesa — Aria não queria mais ser o centro dessa investigação.

Ela considerou em dizer à polícia que viu Melissa correndo para a floresta, mas e se tudo fosse apenas uma grande coincidência? E ela definitivamente não queria contar que havia visto Courtney — Ali — no poço dos desejos... ou sobre o que elas tinham falado.

— Então, você vai para o baile hoje a noite? — Aria perguntou a Mike, enquanto eles marcharam para a entrada Saks do shopping.

Mike olhou para ela com o canto do olho.

— O que você acha?

Aria contornou uma SUV enorme, cuja carroceria estava tomando um espaço bem maior do que o delimitado na vaga do estacionamento.

— Uh, sim? — Mike havia freqüentado cada evento de Rosewood Day desde que voltaram para Rosewood.

Mike parou e colocou suas mãos no quadril. Um sopro de ar saiu de suas narinas.

— Quer dizer que você não sabe? — Ele perguntou, incrédulo.

Aria piscou.

Mike suspirou.

— Marca de freada? — Ele colocou as mãos para o lado. — Cocô na calça?

Aria passou a língua pelos dentes. Agora que o seu irmão falou sobre o assunto, ela realmente tinha ouvido falar que Mike tinha um novo apelido, mas pensou que fosse um ritual esquisito de lacrosse.

— Alguém plantou uma cueca suja dentro do meu armário, — Mike gemeu, colocando as mãos nos bolsos de sua jaqueta e curvando em direção a porta dupla do Shopping. — Eles tiraram uma

foto e mandaram mensagens pra todo mundo. É tão ridículo. Eu nem uso cuecas boxer da D&G.

— Você sabe quem fez isso? — Aria perguntou.

— Alguém que me odeia, eu acho.

O cabelo no pescoço de Aria subiu. Isso parecia algo que A faria. Ela passou os olhos pelo estacionamento, mas estava principalmente cheio de mães com seus carrinhos de bebês.

Ninguém estava olhando para eles.

— E agora todo mundo está me sacaneando. Eles até tentaram fazer com que eu entregasse minha pulseira de lacrosse —, Mike continuou.

— Você entregou? — Aria perguntou, pisando na calçada.

— Não, — Mike parecia envergonhado. — Noel a recuperou para mim.

Aria sentiu uma onda de prazer.

— Isso foi legal.

— Mas eu poderia muito bem voltar a Islândia e me juntar a uma comunhão de adoradores de elfos —, lamentou Mike.

Aria bufou e segurou a porta para ele. Uma lufada de ar quente soprou seus cabelos para trás.

— É apenas um apelido estúpido. Isso vai sumir daqui a pouco.

Mike fungou.

— Duvido.

Enquanto caminhavam através das grandes portas duplas na Saks, Aria notou uma mesa a sua esquerda, com dois pequenos santuários sobre ele: um para Ali e um para Jenna.

Memoriais como este tinham estalado em todos os tipos de lugares em Rosewood — no Wawa, em uma loja de queijo gourmet na Lancaster Avenue, e na Mighty Quill, uma livraria perto

da universidade de Hollis que Aria e Ali costumavam visitar e secretamente ler os livros sobre sexo. Aria fez uma pausa, seu olhar vidrado na foto de Jenna. Era a mesma foto que A tinha enviado para Emily, de Jenna, Ali e uma menina loira, escondida, que agora sabia que era Courtney. Aria agarrou a moldura e a virou. Há quanto tempo aquilo estava ali? Foi assim que Billy — ou quem quer que fosse A — tinha conseguido a foto?

— Merda, — Mike sussurrou rapidamente, puxando o braço de Aria. — Vamos por aqui. — Ele girou para a direita e levou-a para a ala de utensílios domésticos.

— P-Por que? — Aria perguntou.

Mike atirou um outro olhar desagradável.

— Duh. Eu quero evitar Hanna. Nós terminamos.

— Hanna está aqui? — Aria guinchou, virando a cabeça. E então, assim que ela olhou por cima do ombro, ela viu Hanna, Spencer, Emily, e Ali em pé no balcão de maquiagem Dior.

Emily fez cara de beijo na frente do espelho, seu rosto brilhante e luminoso. Spencer se inclinou sobre o balcão e apontou uma base para a vendedora. Hanna e Ali pareciam estar em uma discussão profunda sobre tons de sombra. Elas ficaram daquele jeito que só melhores amigas ficavam. Se Aria piscasse, Spencer, Hanna, Emily e Ali poderiam estar no sétimo ano de novo.

Só tinha uma coisa faltando: a própria Aria.

— Emily, essa cor fica incrível em você, — Ali disse.

— Nós deveríamos comprar um pouco de maquiagem extra e levar a Poconos após a dança, — Spencer disse, abrindo um pó compacto e olhando para um espelho pequeno. — Poderíamos fazer transformações em cada uma de nós.

O coração de Aria doeu. Ver as garotas se divertindo sem ela doía, era como se quase nem existisse.

E teria ouvido certo — elas estavam realmente indo a casa de Ali em Poconos?

Pense sobre isso, Ali tinha dito para Aria na floresta. Tente olhar as coisas com a minha perspectiva. Parecia que as outras garotas tinham feito exatamente isso.

Aria se escondeu atrás de uma arara de suéteres da Rauph Lauren e seguiu Mike, que saía da ala de cosméticos. Mas enquanto ela contornava uma mesa com vasos de cristal, Aria começou a lembrar da primeira vez que ela e suas velhas amigas assaltaram um balcão de maquiagem da Saks. Foi alguns dias depois do evento de caridade de Rosewood, quando Ali escolheu Aria para ser uma de suas amigas. Ela foi até a mesa de Aria e elogiou os brincos de pena de pavão que Byron havia trazido para ela da Espanha. Foi a primeira vez que alguém da escola havia elogiado Aria, especialmente alguém como Ali. Daquele dia em diante, Aria tinha se sentido tão incluída, tão especial. Era incrível estar num grupo exclusivo de amigas — amigas que davam conselhos, que a encontravam nos corredores da escola durante os intervalos de aulas, que a convidavam para festas e passeios em shoppings e excursões a Poconos, nos finais de semana. Ela nunca iria esquecer aquele momento em Poconos, quando as meninas se esconderam em uma das escadas secretas fora de um dos quartos de hóspedes, esperando assustar Jason DiLaurentis quando ele chegasse em casa, vindo de uma tarde com os amigos.

Elas pensaram ter ouvido o carro de Jason na garagem, e quando um prato retiniu na cozinha, Ali saiu da porta da escada secreta e gritou "Booga Booga Booga!" Mas não era Jason — um gato de rua tinha entrado furtivamente na casa pela porta de tela. Ali havia gritado com a surpresa, e todas elas saíram correndo de volta até as escadas e se jogaram na cama, rindo como loucas. Aria não tinha certeza se tinha rido tanto desde então.

Mike parou e se inclinou em um balcão, observando um monte de relógios de aço inoxidável. Aria espiou através da loja o sorriso pálido e rosado de Ali. Ela estava usando as mesmas botas sexy,

altas e pretas que usou quando flertou com Noel na sala de estudos — quando ela ainda fingia ser Courtney. De repente, Aria se lembrou de como Ali saiu com Noel mesmo sabendo que Aria gostava dele. E como Ali tinha dito a Aria que Pigtúnia, a porca de pelúcia que Byron tinha dado a ela, era ridícula. E como Ali a tinha atormentado com o caso de seu pai e Meredith.

Uma porta na mente de Aria se fechou novamente. De uma vez só, a decisão foi clara e óbvia: tudo estava fazendo com que a resposta fosse não. Por todos os tipos de razões, Aria não podia deixar o passado para trás como as outras haviam feito. Alguma coisa sobre isso simplesmente não estava certo.

— Venha — Aria disse, e desta vez foi ela que pegou a manga da camisa de Mike e o arrastou para fora da loja. Ela não confiava em Ali, e não a queria como amiga novamente. E

era isso.

21

BLUSH, LIGAÇÕES, E FALHAS

Uma hora depois, Spencer, Ali, Emily, e Hanna se reuniram no quarto de Spencer. Frascos de Bases, bandejas de blush, e uma variedade de pincéis de maquiagem foram espalhados diante delas. O quarto cheirava melhor do que o interior da Sephora, graças à recente incursão ao balcão de perfume Saks. A TV ligada suavemente no fundo.

— Não é como se eu tivesse me jogado para o Wren, — Spencer dizia ao grupo, aplicando uma segunda camada de rímel Bobbi Brown na parte superior de seus cílios. — Tivemos neste instante uma conexão. Ele não era o certo para Melissa em tudo, mas é claro que ela jogou a culpa de sua separação em mim. — Ali havia

perguntado a cada uma delas o que havia acontecido quando ela estava fora. Eles tinham um grande terreno para cobrir.

Ali esticou os dedos para admirar sua unha recém feita.

— Você estava apaixonada por Wren?

Spencer rodou um tubo de rímel entre os dedos. Seu caso com Wren parecia que tinha acontecido um milhão de anos atrás.

— Não.

— E pelo Andrew?

O tubo de rímel saiu da mão de Spencer. Ela sentiu os olhos de Hanna e Emily sobre ela, também. Parte dela ainda estava segura que Ali ia tirar sarro de Andrew, assim como ela fez piada com ele no passado.

— Eu não sei, — Spencer respondeu hesitante. — Talvez.

Spencer se preparou para o riso de Ali, mas para sua alegria, Ali agarrou as mãos de Spencer e gritou.

Hanna pressionando um dos travesseiros da cama dela em seu peito.

— E você, Ali? Você sente falta de Ian?

Ali voltou para a mesa de maquiagem.

— Definitivamente não.

— Como vocês ficaram juntos, afinal? — Spencer perguntou — É uma longa história. — Ali testou um tom de batom Chanel ao lado de sua mão — Eu superei.

— Totalmente, — Hanna saltou, espalhando sombra branca em toda a pálpebra.

— História antiga. — Emily assentiu.

Ali colocou o batom sobre a cômoda.

— Então, vocês estão prontas para Poconos esta noite?

— Absolutamente, — Spencer vibrou.

— Eu gostaria que a Aria fosse ao jogo. — disse Ali triste, pressionando o dedo em um pouco de pó derramado sobre a cômoda.

— Ela passou por muita coisa ultimamente, — Emily disse, destampando um vidro de esmalte de unhas. — Eu acho que ela acha muito difícil confiar nas pessoas.

A maquiagem extrema foi repentinamente cortada, e as palavras da Notícia de última hora piscaram através da tela. Spencer olhou, sentindo uma sensação incômoda no estômago.

Toda vez que havia um segmento de notícia de última hora, havia algo a ver com sua vida.

— As novidades no caso do assassino em série de Rosewood, colocam a culpabilidade de William Ford em tela. — Um repórter disse em uma voz autoritária. A Polaróide da face de um fantasma na janela do celeiro dos Hastings encheu a tela. — Poderia ser este o rosto do verdadeiro assassino de Srta. Dilaurentis?

A câmera mudou para um close no Oficial Wilden. Havia círculos roxos embaixo de seus olhos e sua pele parecia papel.

— Nossos peritos fizeram análise forense facial sobre a nova foto encontrada há duas noites. Há uma forte probabilidade de este não ser o Sr. Ford.

O repórter apareceu de volta na tela e assumiu a carranca severa.

— Esse dado traz questionamentos sobre as fotos descobertas no carro de Ford e em seu computador e como elas chegaram lá. Se alguém tiver informações, ligue para a polícia imediatamente.

O alerta de notícias terminou, e a maquiagem extrema foi retomada. Spencer e as demais permaneceram em silêncio. A preocupação pairava sobre a sala como uma névoa pastosa. A

motosserra rosou no quintal, seguido de um baque de um galho caindo no chão. Um bando de patos grasnou na lagoa próxima.

Ali pegou o controle remoto e abaixou o volume.

— Isso é loucura, — disse ela calmamente. — Billy matou minha irmã, eu sei disso.

— Sim, — Hanna disse, torcendo o cabelo em um coque. — Mas o rosto não se parece com o de Billy.

Ali estreitou os olhos.

— Você já ouviu falar em Photoshop.

— Você não pode usar Photoshop em um Polaróide. — Spencer disse calmamente.

Elas se olharam ansiosamente. Então Spencer respirou profundamente, a imagem daqueles olhos brilhantes azuis aparecendo em sua mente. A teoria se virando em sua própria cabeça, desde que ela tinha visto a foto.

— E se Billy não tirou as fotos?

— Então quem foi? — Hanna perguntou, passando as mãos para cima e para baixo nos seus braços.

Spencer mastigou sua unha do dedo mindinho.

— E se melissa levou para eles?

Hanna deixou cair o pincel de blush que ela segurava, enviando uma nuvem de pó cor de rosa para o ar. Ali inclinou a cabeça, uma mecha de cabelo loiro claro caindo em seu rosto. A boca de Emily fez um pequeno O. Ninguém disse uma palavra.

— E... ela te odiava, Ali, — gaguejou Spencer. — Melissa sabia que você e Ian estavam namorando, e ela queria vingança.

Os olhos de Ali se arregalaram.

— O que você está dizendo?

— Isso é possível, Melissa tirou as fotos de nós nesta noite, em que ela matou Courtney.

Um par de semanas atrás, antes do incêndio, eu a vi rondando os bosques buscando algo, provavelmente essas últimas fotos. Ela pode estar preocupada que a polícia encontrasse elas durante as buscas pelo corpo de Ian. Quando ela não pôde encontrá-las, ela incendiou a floresta para se certificar de que elas realmente se foram. Só que elas não se queimaram.

Ali encarou Spencer. Seus olhos eram como pires.

— Isto se encaixa de alguma forma, — Emily murmurou. — Melhor do que Ian... ou Jason e Wilden... ou... e, definitivamente Billy. — Hanna assentiu e agarrou a mão de Emily.

— Você acha que Melissa poderia ter matado Ian, também? — Ali sussurrou, o rosto pálido. — E... Jenna?

— Eu não sei. — Spencer pensou no tempo que Ian quebrou a prisão domiciliar e foi ao encontro dela em sua varanda. *E se eu lhe dissesse que há algo que você não sabe? É algo grande. Algo que vai virar sua vida de cabeça pra baixo.* Ian tinha dito a Spencer que ele tinha visto duas loiras aquela noite. Nas memórias desconexas de Spencer daquela noite, lembrou-se de ver duas loiras, também. Depois Billy foi preso, ele assumiu que era ele. Mas talvez tenha sido Melissa.

— Talvez Ian e Jenna tenham descoberto a verdade, — disse Spencer, abraçando um travesseiro sobre o peito.

Hanna pigarreou.

— Tenho visto Melissa rondando recentemente. Eu acho que eu a vi no shopping ontem.

Ali olhou para Hanna.

— Essa pessoa da fonte?

Hanna assentiu.

O coração de Spencer bateu mais rápido.

— Você se lembra daquele olhar terrível que ela deu para você na conferência de imprensa, Ali? E se Melissa sabe que você não é Courtney? E se ela percebeu que pegou a garota errada há anos atrás?

Ali mordeu o lábio. Ela virou um lápis de olho preto Stila dando voltas e voltas em suas mãos.

— Eu não sei. Isso tudo parece loucura. Estamos falando de sua irmã. Ela realmente é desequilibrada?

— Eu não tenho mais idéia. — Spencer admitiu.

— Talvez devêssemos perguntar a ela. Talvez haja uma explicação para tudo isso. — Ali se levantou.

— Ali, não. Spencer tentou agarrar o braço de Ali. Ali era louca? E se Melissa era a assassina e tentou machucá-las?

Ali já estava na porta.

— A força dos números, — ela insistiu — Vamos lá. Temos que acabar com essa loucura agora.

Ali entrou na sala, cruzou a esquerda, e bateu na porta do quarto de Melissa. Nenhuma resposta. Ela inclinou-se levemente contra ela, e ela abriu com um rangido longo. O quarto estava uma desordem, roupas espalhadas pelo chão, a cama desarrumada. Spencer pegou o estojo de maquiagem de Melissa do chão. A maioria dos pincéis estavam sujos, havia sombra de olho perdida em todo lugar, e uma garrafa de creme hidratante com protetor solar vazou para o fundo da gaveta, deixando tudo com cheiro de praia.

Ali virou-se para Spencer.

— Você sabe onde ela está?

— Eu não a vi o dia todo, — disse Spencer. O que, pensando bem, era um pouco estranho, Melissa ultimamente tinha estado em casa sem parar, atendendo sua mãe em todas as necessidades.

— Gente, é melhor vocês virem aqui, — Emily murmurou. Ela estava em pé em frente a mesa de Melissa, olhando para algo na

tela do computador. Spencer e Ali correram. A única janela aberta era uma imagem jpeg. Era uma foto antiga de Ian e Ali juntos em pé, o braço de Ian em volta dos ombros de Ali. Atrás deles era o edifício de pedra redonda do teatro People's Light, e Spencer só poderia pensar que na marquise dizia Romeu e Julieta. Rabiscado sobre a foto três simples e frias palavras que Spencer definitivamente tinha visto antes.

Você está morta, vadia.

Hanna bateu a mão em sua boca. Spencer deu um grande passo para longe do computador. Ali se afundou na cama de Melissa.

— Eu não entendo. — Sua voz vacilou. — Essa é a minha foto. O que ela está fazendo aqui?

— Spencer e eu já vimos isso antes. — As mãos de Emily balançaram. — Foi através de Mona.

— Ela colocou isso na minha bolsa, — explicou Spencer, superando as náuseas. Ela cambaleou para a cadeira de Melissa e se sentou. — Eu pensei que ela tinha encontrado essa foto em seu diário e forjado a letra de Melissa.

Ali balançou a cabeça. Sua respiração acelerou.

— Mona não fez isso. Essa Polaróide apareceu em minha caixa de correio anos atrás com isto escrito nela.

Hanna apertou a mão no peito.

— Por que você não nos disse sobre isso?

— Achei que era uma brincadeira estúpida! — Ali levantou os braços, impotente.

Emily virou-se para o computador. Ela deu zoom no sorriso alegre de Ali.

— Mas se Mona não escreveu isso... E está no computador de Melissa... — Ela parou de falar.

Ninguém teve que completar a frase. Spencer passeou ao redor da sala, sua mente correndo a um milhão de quilômetros por minuto.

— Nós temos que dizer a Wilden sobre isso. Ele tem que encontrar Melissa e interrogá-la.

— Na verdade... — Ali estava olhando para algo na mesa de Melissa. — Talvez a gente não precise se preocupar com Melissa agora. — Ela segurava um panfleto. Na frente havia um logotipo que dizia A Reserva de Addison-Stevens.

Hanna empalideceu.

Elas desdobraram o panfleto sobre a cama de Melissa. Ele mostrou um mapa, destacando edifícios da instalação. Houve alguma informação sobre preços. Recortado na parte da frente estava um cartão de alguém chamado Dra. Louise Foster. Melissa teve um encontro com ela esta manhã.

— Dra. Foster, — Ali murmurou — Ela é uma das psiquiatras lá.

— Você já tentou o celular dela? — Emily perguntou, pegando o telefone portátil na cama.

Spencer discou para o telefone da Melissa.

— Direto para o correio de voz.

— Talvez Melissa decidiu se verificar. — Ali disse, traçando o retrato do saguão principal, com seu indicador. — Talvez ela percebeu o quão louco isso foi ficando e sabia que precisava de ajuda.

Spencer ficou olhando para os quadrados no mapa. Foi sem dúvida um pensamento reconfortante. Se Melissa estava indo se ajustar, era melhor ela fazer isso em um quarto acolchoado. Uma estadia no hospital psiquiátrico seria provavelmente a melhor coisa.

Uma estadia longa e agradável. De preferência para os próximos vinte anos.

22

TOMEM ESSA, VADIAS

Hanna estacionou seu Prius no meio-fio da casa de Ali, ajeitou o vestido, e depois entrou na BMW de Ali.

— Pronta? — Ali disse, sorrindo atrás do volante. Wilden a tinha ajudado discretamente obter uma licença, quando seus pais a tiraram do Preserve.

— Absolutamente — disse Hanna.

Seus olhos subiam e desciam pelo vestido roxo Lela Rose de Hanna, que tinha uma gola de babados e uma cintura apertada e terminava no meio da coxa. O vestido foi mesmo chamado de Anjo, porque parecia especialmente perfeito para Dia dos Namorados.

— Uf — Ali disse. Odeio te ver melhor do que eu esta noite. Vadia.

Hanna corou.

— Você é que parece incrível. — Vestida em um vestido vermelho de corte reto, Ali poderia aparecer na capa da Vogue.

Ali começou a dirigir o carro. Eram só as duas que iam ao baile juntas, Andrew Campbell acompanhava Spencer, e Emily tinha prometido ir com a irmã Carolyn. Ali havia dito a Naomi, Riley, e Kate que estava fazendo um entrevista exclusiva com a CNN hoje e as encontraria na pista de dança.

O carro afastou-se do meio-fio, deixando para trás a casa escura de Ali. Por um segundo, Hanna jurou que viu alguém escondendo-se atrás de um dos pinheiros na rua. Ela pensou novamente sobre a conversa que ela, Ali, Emily, e Spencer tiveram na casa de Spencer esta tarde. Poderia ser Melissa a perseguidora atrás do celeiro... e a assassina?

Quando passaram pelo sinaleira de Rosewood Day e pela estrada sinuosa para a escola, ela viu as meninas em vestidos de noite, muito elegantes desfilando por um tapete rosa que tinha sido colocado através da estrada de gelo. Alguns garotos estavam fazendo poses de estrelas de Hollywood como se estivessem na estreia de um filme.

Ali entrou em um espaço do estacionamento, pegou seu celular e apertou num botão de discagem rápida. Hanna ouviu a voz de um cara na outra linha.

— Tudo está pronto? — Ali sussurrou. — Todos estão recebendo as folhas? Bem. — Ela desligou o telefone e deu a Hanna um sorriso perverso. Brad e Hayden estavam nas portas entregando as cartas. Brad e Hayden eram dois calouros que ela enganou para ajuda-las.

Elas saíram do carro e seguiram para a festa. Enquanto Hanna e Ali passavam, Hanna notou um perfil familiar cinzelado. Darren Wilden. Que diabos ele estava fazendo aqui?

Polícia de bebados?

— Olá, Hanna — Wilden disse, olhando para ela, também. — Faz tempo que eu não a vejo. Tudo bem?

Estava olhando tão curiosamente que Hanna , perguntou-se ela cheirava a champagne.

Wilden às vezes se colocava no lugar de pai porque tinha saído com a mãe de Hanna por algum tempo.

— Eu não dirigi — ela retrucou.

Mas os olhos de Wilden estavam agora em Ali, que havia passado pelo tapete rosa.

— Você e Courtney são amigas? — Ele parecia assustado.

Courtney. Era uma loucura que ele ainda pensava que esse era o nome dela.

— Pois é.

Wilden coçou a cabeça.

— Estamos tentando fazer Courtney falar sobre a mensagem que recebeu de Billy na noite do incêndio. Talvez poderia convencê-la que isso é realmente importante.

Hanna puxou o lenço de seda apertado ao redor de seus ombros.

— Você que a resgatou na noite do incêndio. Por que você não pergunta, então?

Wilden olhou em toda a unidade no edifício principal de Rosewood Day, uma estrutura de tijolo vermelho que mais parecia uma antiga mansão do que uma escola.

— Não foi exatamente a primeira coisa em minha mente.

Havia uma expressão endurecida em seu rosto. Um sentimento de desconfiança girou na boca do estômago de Hanna enquanto ela de repente lembrou como Wilden tinha ultrapassado a toda velocidade um carro próximo quando ele levou-a até sua casa, há algumas semanas.

— Eu tenho que ir — exclamou Hanna, correndo para longe.

O interior da tenda era feita de rosas, vermelhos e brancos, com buquês de rosas por toda parte. Havia mesas para duas pessoas, espalhadas por todo o salão, completo com velas votivas, cupcakes, óculos em forma de coração e longos copos que Hanna reconheceu ser cidra espumante. A Sra. Betts, uma das professoras de arte, estava dando tatuagens temporárias em uma cabine no canto. Sra. Reed, a professora de Inglês do segundo ano, estava encostada na cabine do DJ, vestida com um vestido vermelho apertado e óculos de sol em formato de coração. Havia até um túnel do Amor, antiquado, do outro lado do ginásio. Os casais deslizavam através de um túnel iluminado com velas improvisadas em cisnes mecânicos.

Hanna não poderia deixar de se perguntar o que Mike estava fazendo naquela noite.

Algo a dizia que ele não estava aqui.

Ali agarrou seu braço.

— Olhe!

Hanna olhou para a multidão. Caras de gravata e garotas em vestidos rosas e brancos estavam olhando as folhas de papel que ela e Ali tinham imprimido essa manhã.

Os

sussurros começaram imediatamente.

Jade Smythe e Jenny Kestler cutucaram um ao outro. Dois meninos do futebol lamentaram o uso das estranhas palavras de Riley. Até o Sr. Shay, o velho e enrugado professor de biologia que estava comparecendo em cada evento de Rosewood Day, começou a rir.

— Kate quer ir para o Clube V! — Kirsten Cullen riu.

— Eu sempre soube que havia algo estranho com Naomi. — Gemma Curran disse.

— "Quando você toca em meus braços durante o bloqueio, eu sinto que há uma centelha de verdade entre nós." — Lanieller riu em voz alta, ao ler a carta de Riley para Christophe.

Ali se aproximou de Hanna.

— Outro problema resolvido por Ali D! — Seus olhos brilharam.

Hanna espiou Naomi, Kate, e Riley na entrada. Elas estavam vestidas em vestidos iguais, Kate de vermelho sangue, Naomi de branco virginal e Riley de cor nude. Elas desfilavam como princesas.

— Deusa Gay! — Alguém gritou. Riley olhou para cima, inclinando a cabeça como um cão.

— Ei, Naomi, você quer ver meu Speedo? — Outra voz falou. Naomi franziu a testa.

Um garoto entregou a Kate uma folha de papel rosa. Ela deu uma rápida olhada, mas então seu queixo caiu. Ela cutucou Naomi e

Riley. Naomi cobriu sua boca. Riley olhou ao redor da sala, procurando quem fez isso.

Os cochichos e as risadas aumentaram. Hanna deu de ombros, aproveitando a ocasião.

Ela foi direto para Kate.

— Eu pensei que deveria ter isso. — Ela deixou cair um anel de prata na palma frouxa de Kate. — É um anel de pureza. Você vai precisar dele quando se juntar ao Clube V.

A multidão riu atrás de Hanna. Hanna fez um sinal para Scott Chin, seu ex-amigo do anuario. Ele pulou com sua câmera e tirou uma foto do rosto horrorizado de Kate. Dessa vez, Hanna estava no lado correto da brincadeira. Eles riram com ela, não dela.

As bochechas de Kate se incharam, como se estivesse prestes a vomitar.

— Você fez isso, né? Você e Courtney.

Hanna encolheu os ombros com indiferença. Não fazia sentido negar.

Ela virou-se para Ali, querendo dar crédito a quem devia, mas Ali tinha ido. Kate pegou o papel amassado no chão, alisou, e colocou em sua bolsa Chanel.

— Vou dizer a Tom sobre isso.

— Diga — Hanna anunciou. — Eu não me importo. — E então ela percebeu: Não importava. O que Kate diria a seu pai? E se ele a castigasse novamente?

Mesmo se Hanna agisse pura e agradável pelo resto de seus dias, sua relação com seu pai nunca seria a mesma.

Riley agitou seus braços para cima e para baixo como uma galinha magricela.

— Eu entendo por que fez algo tão baixo, Hanna. Mas por que Courtney faria isso? Ela é nossa amiga.

Hanna encostou-se uma coluna decorada com serpentina vermelhas e brancas.

— Por favor. Vocês estavam esperando por isso há anos.

— Huh? — Naomi bufou. Seus peitos estavam quase saindo do seu pequeno decote.

A multidão estava cada vez mais relutante. Mais e mais piadas se espalhavam pelo salão e iam em direção a pista de dança.

— Courtney queria se vingar de vocês, obviamente — ela disse alto. — Pelo que fizeram a Ali.

Riley e Naomi trocaram um olhar horrorizado.

— Huh? — Riley exalou. Seu hálito cheirava a licor de banana.

Hanna olhou para elas sob seu nariz.

— Vocês fizeram algo para Ali. É por isso que ela se vingou de vocês. Esta é a maneira que Courtney revida.

O confete em forma de coração, de repente choveu magicamente do teto, pulverizando o cabelo loiro de Naomi. Ela não os tirou.

— Nós não fizemos nada para Ali. — Ela balançou a cabeça. — Em um momento, Ali era a nossa melhor amiga. Em seguida, ela agiu como se não nos conhecesse. Eu não sei por que ela nos deixou tão friamente, ou por que ela escolheu-as para nos substituir. Todos nós pensávamos que era uma brincadeira, Hanna. Você era uma perdedora.

Hanna se eriçou.

— Não foi uma brincadeira...

Naomi deu de ombros.

— Que seja. Ali estava louca e foi uma mentirosa, e a sua irmã, obviamente, é, também.

Elas são gêmeas idênticas, lembra-se? Elas compartilham tudo.

Os discos de luz se moveram acima da cabeça de Hanna. Ela arrotou, bebericando o champanhe. Seu corpo estava quente, depois frio. O que elas estavam dizendo não podia ser verdade.

Naomi e Riley estavam rígidas, esperando a resposta de Hanna. Finalmente, Hanna deu de ombros.

— Que seja — disse ela levemente. — Ambas sabem que fizeram algo terrível, mesmo que não admitam.

Hanna jogou o cabelo sobre o ombro e se virou.

— É o seu funeral! — gritou Naomi enquanto ela se afastava. Não que Hanna estivesse ouvindo.

23

MACHUCAR É TÃO BOM

A tenda de dança enorme do baile estava transbordando de gente no momento em que Emily chegou. As lâmpadas de calor foram colocadas ao longo das paredes, tornando o ambiente aconchegante, mas não exagerado, e um DJ com uma jaqueta de veludo vermelho estava no palco, misturando uma canção da Fergie com algo de Lil Wayne. Mason Byers estava balançando em torno de Lanie Iler, Big-band era seu estilo. Nicole Hudson e Kelly Hamilton, as bajuladoras do segundo ano de Naomi e Riley, estavam olhando uma para outra, irritadas porque usavam o mesmo vestido vermelho de babados. Um par de folhas de papel estava no chão, uma grande marca de sapato sobre elas. Emily pegou um. Parecia uma carta de amor para Sean Ackard. Estava assinada Kate Randall.

Emily ajeitou o vestido rosa pálido que Ali sugeriu para ela da BCBG. Ela tinha feito tudo para esta noite, secando os cabelos para ficarem lisos e brilhantes, emprestando de Carolyn, blush, e pó para fazer sua pele parecer brilhante e cintilante. Ela forçou seus pés

planos de nadadora em um par de sapatilhas Mary Jane vermelhas que ela tinha usado apenas uma vez para um banquete de esportes. Emily queria que Ali se deslumbrasse ao vê-la.

Um grupo de meninos girava na pista de dança. Andrew Campbell girou em torno de Spencer, as mãos entrelaçadas. Hanna tinha os braços no ar e estava fazendo uma dança sexy que Emily nunca poderia repetir. A garota ao lado dela estava com um lindo vestido rendado vermelho, os cabelos presos sedutoramente sobre sua cabeça. Ali. Então ela notou James Freed em pé atrás de Ali, serpenteando suas mãos ao longo de seus quadris, até a cintura, e perigosamente perto de seus peitos.

Demorou alguns segundos para Emily perceber o que estava acontecendo. Seu coração balançou. Mas no momento em que ela marchou para o círculo, James tinha saído e começou a dançar por conta própria, fazendo uma imitação de Justin Timberlake num movimento sobre o calcanhar.

— Ei, — Emily disse no ouvido de Ali.

Ali abriu os olhos.

— Ei, Em! — Ela continuou dançando.

Emily fez uma pausa, esperando. Certamente Ali olharia novamente. Certamente ela deixaria escapar um , oh meu Deus, você está incrível! Mas agora Ali estava sussurrando algo para Hanna. Hanna jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Para todos os namorados que estão aqui —, cantava o DJ enquanto uma música lenta de John Mayer começou a tocar.

Spencer abraçou a cintura de Andrew. Hanna dançou com Mason Byers. Emily olhou significativamente para Ali, mas ela não se virou. Ela caiu nos braços de James como se estivessem juntos a anos. Eles começaram a balançar com a música.

Um casal colidiu com Emily por trás. Ela cambaleou para o lado da pista de dança. Ali havia dito a ela... no outro dia na casa dela... Eu quis dizer o que eu disse sobre como me sinto sobre você. Um

suor frio penetrou por baixo do pescoço de Emily. Será que Ali quis dizer... ou não?

Os casais foram desaparecendo em uma pequena tenda que dizia
TUNEL DO AMOR

atrás. Rosewood Day fazia o passeio desde que Emily estava na quinta série, alugado de um parque de diversões. O passeio tinha cerca de 10 cisnes de plástico, grandes o suficiente para duas pessoas. Os cisnes eram tão velhos que seus bicos amarelos eram agora de um bronzeado ictérico, e muito da pintura em seus corpos brancos tinham descascado inteiramente.

A música lenta se arrastou por três minutos de agonia. Quando terminou, Ali e James se separaram, rindo baixinho. Emily pulou em seu caminho e pegou o braço de Ali.

— Eu preciso falar com você.

Ali sorriu. A luz do globo refletia em seus olhos.

— Claro. O que há?

— A sós.

Emily arrastou-a através da saída que dava para a escola e virou à esquerda para o banheiro das meninas. Todas as portas estavam abertas, e o banheiro cheirava a uma mistura de vários perfumes e maquiagem. Ali inclinou-se sobre a pia, e inspecionou seu rímel.

— Por que você está assim? — Emily desabafou antes de planejar totalmente o que ia dizer.

Ali inclinou a cabeça, encontrando os olhos de Emily no espelho.

— Como o quê?

— Você está me ignorando.

— Não, eu não estou!

Emily bateu os braços.

— Ali, sim, você está.

Os cantos da boca de Ali recuaram. Ela colocou um dedo sobre os lábios.

— Me chame de Courtney, lembra?

— Está bem. Courtney.

Emily virou-se e encarou o secador de mãos automático, olhando para seu reflexo distorcido no metal. Ele era como se tivessem dado dez passos para trás. Os membros de Emily começaram a tremer. Seu estômago agitado. Sua pele parecia que estava sob uma grelha quente.

Ela virou-se para enfrentar Ali novamente.

— Você sabe, amigas não ignoram amigas. Amigas não dão mensagens contraditórias umas às outras. E... e eu não acho que possa lidar com ser amigas, se as coisas vão ser as mesma que eram antes.

Ali parecia chocada.

— Eu não quero que as coisas sejam iguais. Eu quero que elas sejam melhores.

— Elas não estão melhores! — Manchas de suor apareceram sob os braços do novo vestido rosa de Emily. — Elas estão piores!

Ali apoiou em um quadril. Um olhar derrotado atravessou seu rosto.

— Nada é bom o suficiente para você, Em, — ela disse cansada, com os ombros afundando.

— Ali —, Emily murmurou. — Eu sinto muito. — Ela estendeu a mão e tocou o braço de Ali, mas Ali estremeceu e se afastou dela.

Mas, em seguida, Ali voltou, com os braços pendurados frouxamente em seus lados.

Muito lentamente, Ali deu um passo em direção à Emily. Seus lábios tremiam. Os cantos de seus olhos estavam molhados. Elas olharam uma para a outra por um momento cheio de estática, Emily

mal respirando. E então, Ali puxou Emily para uma cabine vazia e pressionou seus corpos. Beijaram-se e beijaram-se, o mundo se desvanecendo, a música cedendo até que era um eco maçante. Depois de um momento, elas se separaram, sem fôlego. Emily olhou para os olhos brilhantes de Ali.

— O que foi isso? —, Perguntou ela.

Ali estendeu a mão e tocou a ponta do nariz de Emily.

— Sinto muito, também, — ela sussurrou.

24

PESSOAS DESAPARECIDAS

Cerca de uma hora mais tarde, com o baile se aproximando do fim, Andrew e Spencer subiram em um cisne marfim e partiram em direção ao Túnel do Amor. A água debaixo deles cheirava a lavanda. Luzes de fadas foram espalhadas em torno da entrada do túnel. À medida que flutuavam na escuridão uma música suave de harpa abafou a música techno na pista de dança.

— Eu não posso acreditar que este passeio ainda funciona. — Spencer apoiou a cabeça no ombro de Andrew. Andrew enlaçou os dedos nos dela. — Eu não iria reclamar se ele quebrasse e encalhassemos aqui por umas horas.

— Ah, é? — Spencer provocou com socos de brincadeira no braço.

— Sim —. Os lábios de Andrew encontraram os dela, e ela o beijou de volta. A sensação de calor e de bem-estar lentamente pulsava através das veias de Spencer. Finalmente, tudo em sua vida estava certo, ela tinha um namorado, uma irmã fantástica e suas melhores amigas de volta. Ela quase não se sentia real.

O passeio terminou demasiado rápido, e Andrew ajudou Spencer a sair do cisne. Ela consultou o relógio. Ali queria que elas se encontrassem em seu carro em cinco minutos. Ela se inclinou para beijar Andrew.

— Vejo você amanhã —, ela sussurrou. Ela estava morrendo de vontade de lhe contar a verdade sobre Ali, mas ela prometeu manter a boca fechada.

— Divirta-se —, disse Andrew, beijando-a suavemente.

Spencer se virou e partiu para a porta, então chegou onde Ali tinha estacionado a BMW.

Ela era a primeira lá, então ela inclinou-se contra o tronco e esperou. Estava congelando lá fora e seus olhos começaram a lacrimejar. Emily chegou em seguida. Seu cabelo estava despenteado, a maquiagem borrada, mas ela parecia muito feliz.

— Ei —, ela falou. — Onde está Ali?

— Não está aqui ainda —, respondeu Spencer. Ela cruzou os braços sobre o peito, esperando Ali aparecer em breve. Seus pés estavam rapidamente se transformando em gelo.

Hanna chegou logo. Alguns minutos se passaram. Spencer tirou seu telefone celular e verificou a hora: 9:40. Ali havia instruído que iria encontrá-las às 9:30 em ponto.

— Vou mandar uma mensagem de texto, — Emily disse, ao digitar em seu telefone.

Um momento depois, o telefone de Spencer tocou alto, fazendo todas saltarem. Ela se lançou para ele, mas era seu número de telefone de casa.

— Você já viu Melissa? — A Sra. Hastings perguntou quando ela atendeu. — Eu não a vi durante todo o dia. Eu tentei o celular algumas vezes, também, mas ele foi direto para o correio de voz. Isso nunca acontece.

Spencer olhou em direção à tenda. Crianças corriam para o estacionamento, mas Ali não estava entre eles.

— Não tivemos quaisquer chamadas de um hospital? — Spencer disse ao telefone. Se alguém tinha se registrado na Reserva, a equipe teria de notificar a família para que não se preocupem, certo?

— Um hospital? — A voz da Sra. Hastings aumentou drasticamente. — Por quê? Ela está machucada?

Spencer apertou os olhos.

— Eu não sei.

A Sra. Hastings disse para Spencer chamá-la imediatamente se soubesse de Melissa, em seguida, desligou abruptamente.

Spencer podia sentir os olhos de suas velhas amigas sobre ela.

— Quem era? — Emily perguntou em voz baixa.

Spencer não respondeu. O *— Você está morta, vadia* fluía em sua mente mais uma vez. A última vez que ela tinha visto Melissa foi quando a irmã dela tinha levado ela para a escola e avisou para ter cuidado com Courtney. Depois disso, Melissa tinha estado estranhamente ausente. Ela estava na Reserva... ou estava em algum outro lugar? E se ela estava aqui, observando Ali nesse momento?

— Está tudo bem? — Hanna perguntou.

Havia um caroço do tamanho de uma bola de golfe na garganta de Spencer. Ela olhou em direção à tenda de novo, esperando desesperadamente ver a cabeça loira de Ali entre as multidões de crianças.

— Tudo bem —, ela murmurou, seu coração batendo mais rápido e mais rápido. Não tinha sentido ficar assustando todas ainda. *Vamos, Ali*, pensou freneticamente. *Onde está você?*

VERDADEIRAS CORES BRILHANDO ATRAVÉS

Depois de esperar cerca de quinze longos minutos na fila do banheiro feminino. Aria surgiu na pista de dança e procurou ao redor da sala por Noel. Ele tinha sido um cavalheiro a noite toda, dançou cada dança com ela, conseguindo vasos de ponche cor de rosa cada vez que ela sentia sede, já falando de como eles iriam em todos os bailes juntos, talvez eles poderiam até mesmo chegar no helicóptero de seu pai. Tudo parecia... certo.

Ela abriu caminho em direção ao bar, imaginando que Noel pudesse estar lá. Crianças gritavam ao seu redor, seus vestidos balançando. Com tanto vermelho, rosa e branco, Aria se sentiu como se estivesse em um gigante sistema circulatório. Algumas crianças olharam quando ela passou, com sorrisos em seus rostos. Um nó de meninas do segundo ano cutucou a outra e sussurrou. Mason Byers avistou Aria, com seus olhos arregalados, e se afastou. O coração de Aria começou a bater acelerado. O que diabos estava acontecendo?

E de repente, como se na sugestão, a multidão se afastou. No canto da tenda, junto à estação de imersão de chocolate, um casou se beijando parou. Um deles tinha cabelos penteados para trás escuro e usava um terno preto lindo. O outro era uma mulher esbelta magra, com o cabelo loiro mel com um toque francês. Seu vestido de coquetel vermelho justo em seus magros quadris. A superfície de sua pele brilhava, como se tivesse sido escovados com pó de diamante.

Aria assistia impotente como a música rodava romanticamente. Alguém soltou um grito alto.

O tempo encaixou na velocidade distorcida, como se uma chama de fogo se acendesse no estômago de Aria, Ali se separou de Noel, o rosto torcido com indignação. Ela bateu-lhe com força, com a mão fazendo um estalo no rosto dele.

— O que você está fazendo? — Ela gritou quando Aria correu.

— O que...? Noel balbuciou. Uma grande mancha vermelha apareceu onde Ali lhe deu um tapa. — Eu não...

— Aria é minha amiga! — Ali gritou. — Quem diabos você pensa que eu sou?

Então ela se virou, fechando seus olhos com Aria, e congelou. Seus lábios se separaram.

Noel se virou e viu Aria também. Seu rosto ficou branco como um papel. Ele começou a balançar a cabeça, como se a dizer que não sabia como estava ali, fazendo o que estava fazendo.

Aria olhou de Noel para Ali, os dedos se contorcendo de raiva.

O cheiro enjoativo de chocolate escuro da estação de fondue fluuava nas narinas de Aria. O foco oscilante na pista de dança passou Ali e Noel de azul para vermelho para amarelo.

Aria estava tão irritada que começou a bater os dentes.

A maçã de Adão de Noel se balançava. Ali estava em uma distância segura, balançando a cabeça. Ambos simpaticamente assustados.

— Aria, não é... — Noel começou.

— Você disse que não importa. — Aria interrompeu. Seu queixo tremeu, ela endureceu a si mesma, mas para não chorar. — Você disse que não gostava dela, Você quis que eu desse a ela uma chance.

— Aria, espere! — A voz de Noel rachou. Mas ela não o deixou terminar, girou em torno dos foliões boquiabertos. Lucas Beattie soltou um suspiro. Zelda Millings, que foi para a escola Quaker, mas sempre conseguia roubar as datas dos eventos de Rosewood Day, sorriu.

Deixe-os, Aria pensava. Ela não se importava.

Aria estava quase na porta quando ela sentiu uma mão em seu braço. Era Ali.

— Eu sinto muito. — Ela ofegava, sem fôlego. — Eu simplesmente... me asfixiava. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Aria continuou andando furiosa demais para falar. Seus instintos sobre Noel estavam certos o tempo todo. Ele era um típico jogador de lacrosse, da fraternidade, menino trapaceiro de Rosewood. Ele alegou ser diferente e ela comprou. Ela era tão estúpida. Ali ainda estava caminhando com Aria, de braços cruzados e cabeça baixa. Eu mudei, Ali tinha dito no poço dos desejos. Talvez ela tivesse.

Elas surgiram no ar gelado. Um bando de garotos ociosos perto de seus carros, fumando cigarros. Fogos de artifício estouravam atrás da majestosa escola, marcando o fim da dança. Do outro lado do estacionamento, Aria viu Spencer, Emily e Hanna encostadas em uma BMW.

Seus rostos brilharam quando viram Ali, e Ali acenou de volta.

Aria sabia o que suas velhas amigas esperavam e onde elas poderiam ir depois. De repente, ela percebeu o quanto ela queria se juntar a elas. O quanto ela queria voltar à forma como as coisas eram antes de todos os segredos e mentiras. Voltar para o início de quando elas se tornaram amigas e tudo estava cheio de possibilidades.

— Um, sobre a viagem de Poconos, — disse ela timidamente, sem ousar olhar Ali nos olhos. — Você acha que há espaço para mais um?

Os cantos da boca de Ali se abriram em um amplo sorriso. Ela saltou para cima e para baixo um pouco, e então jogou os braços em volta dos ombros de Aria.

— Eu pensei que você nunca pediria.

Ali puxou Aria em volta de todo o estacionamento, evitando uma mancha brilhante de gelo.

— Nós vamos ter um ótimo momento, eu prometo. Você vai esquecer tudo sobre o Noel. E amanhã, nós encontraremos alguém

mais sexy.

Elas foram para o inferior da colina, de braços dados.

— Olha quem eu encontrei! — Ali gritou, apertando o botão de desbloqueio em seu chaveiro. — Ela está vindo com a gente.

Todo mundo gritou. De repente, Aria ouviu um som estranho e abafado. Ela parou, encolhendo a mão sobre a porta do carro. Soou como uma batida, seguido de um chiado.

— Vocês ouviram isso? — Ela sussurrou, olhando ao redor do estacionamento. Casais cambaleavam até seus carros. Limusines roncando. As mães esperando por seus filhos em seus SUVs. Aria pensou sobre os Polaroides que elas encontraram na floresta. Aquele rosto fantasma, aparecendo na janela do celeiro. Ela procurou em torno por Wilden... Qualquer policial ou, pelos outros, mas todos haviam ido embora.

Ali parou.

— Ouvimos o que?

Aria esperou, ouvindo novamente. Entre a batida do baixo e os fogos de artifício explodindo, era difícil ouvir algo.

— Eu acho que não é nada, — ela decidiu. — Provavelmente são só algumas crianças conectando seus Commons.

— Vagabundas, — Ali deu uma risadinha. Ela abriu a porta e entrou graciosamente no banco do motorista. Spencer sentou ao lado dela, e Hanna, Emily, e Aria subiram na traseira.

Assim que o carro ganhou vida, Ali ligou a música tão alta que abafou os fogos de artifício. — Vamos, vadias! — Ela gritou. E elas foram.

UMA REINVENÇÃO DO PASSADO

A casa dos DiLaurentis em Poconos estava exatamente como Hanna lembrava: grande e desconexa, pintada de vermelho com revestimento de teca e janelas persianas brancas. A luz da varanda estava desligada, mas a lua estava tão grande e brilhante que Hanna podia ver cinco cadeiras de balanço brancas na varanda. Ela, Ali, e as outras costumavam se sentar sobre os balanços, revistas *Us Weekly* no colo, vendo o pôr do sol sobre o lago.

O carro rangiu na calçada e rolou até parar. Todas pularam e agarraram suas bolsas.

O ar da noite estava frio. Uma neblina pairava sobre o vale, tão fina e vaporosa como a respiração. Houve um ruído nos arbustos. Hanna ficou paralisada.

Uma longa cauda se moveu trêmula. Dois olhos amarelos brilharam. Um gato preto correu furtivamente através da entrada de automóveis para a floresta.

Ela deixou de segurar a respiração.

Ali destrancou a porta da frente e as levou para dentro. O lugar cheirava a cola de papel de parede antigo, pisos de madeira empoeiradas, e quartos fechados. Havia também um ligeiro odor que lembrava a Hanna o de um hambúrguer velho.

— Bebidas? — Ali disse, deixando cair suas chaves na mesa da casa de campo.

— Definitivamente — disse Spencer. Descarregando uma sacola de mantimentos com Cheez-Its, batatas fritas, M&M, Coca Diet, Red Bull, e uma garrafa de vodka. Hanna foi até o armário onde os DiLaurentis mantinham suas taças e tirou cinco copos de cristal.

Depois de fazer três vodkas com Red Bulls, todas entraram calmamente na sala de estudo. Estantes construídas cobriam as paredes. O closet estava ligeiramente aberto, revelando pilhas e

pilhas de jogos de tabuleiro antigos. A televisão que tinha apenas quatro canais ainda estava sobre o antiga caixa. Hanna olhou para o grande quintal, localizando imediatamente o local onde elas haviam construído a tenda das cinco e onde dormiam sob as estrelas. Ali apresentou-lhes suas pulseiras naquela tenda, fazendo-as prometer que iriam permanecer melhores amigas até o dia em que morressem.

Hanna caminhou para a lareira, notando um quadro prata de imagem familiar. Era a foto das cinco de pé ao lado de uma grande canoa, todas encharcadas. A mesma foto que costumava estar pendurada no antigo hall dos DiLaurentis. Ela tinha sido tirada na primeira vez que Ali as tinha convidado para Poconos, não muito tempo depois que elas se tornaram amigas. Hanna e as outras tinham criado um ritual secreto de tocar no canto da imagem, mas tinham ficado muito envergonhadas de dizer a Ali sobre isso.

Todas as outras também se agruparam em torno da foto. O gelo em seus copos tilintava.

— Lembra-se desse dia? — Emily murmurou. Seu hálito cheirava a vodka já.

—Essa cachoeira louca?

Hanna bufou.

— Sim, você ficou louca.

Foi sua primeira viagem em uma canoa nova que o Sr. DiLaurentis tinha comprado da loja local de acessórios esportivos. Todas tinham começado a remar freneticamente para começar, mas depois todas estavam cansadas e entediadas e deixaram a corrente levá-las.

Quando o rio começou a ficar difícil, Spencer queria tentar montar as corredeiras. Então Emily viu a pequena cachoeira em frente e exigiu que elas abandonassem a canoa.

Spencer cutucou as costelas de Emily.

— Você estava como,||As pessoas morrem se passar por cima de cachoeiras em uma canoa! Deveríamos nadar de volta para a praia!||

— E depois você derrubou todas nós sem nos dizer, — Aria disse, balançando-se com risadinhas. — Essa água era tão fria!

— Eu estive tremendo por dias — Emily concordou.

— Nós éramos tão jovens — Hanna sussurrou, concentrando-se especialmente em seu rosto gordinho. — Apenas algumas semanas antes disso, estávamos entrando as escondidas em seu quintal tentando roubar sua bandeira, Ali.

— Sim — disse Ali distraidamente. Hanna olhava, esperando que Ali contribuísse com uma lembrança, mas Ali só começou a pegar os garfos de trança francesa, colocando cada um na mesa de vidro.

Talvez fosse errado trazer o dia da Cápsula do Tempo. Courtney aparentemente tinha estado em casa essa semana, mudando do Radley para o Reserve. Provavelmente incentivava todos os tipos de lembranças ruins. Hanna novamente olhou para a foto. As coisas tinham sido tão diferentes. Quando tinha voltado para dentro da canoa, a camisa encharcada muito grande de Hanna havia aderido a cada pedaço de pele e cada grama de gordura. Não muito mais tarde, Ali começou a comentar sobre como Hanna comia mais do que todas elas, e que Hanna não praticava esporte, e que sempre foi a segunda na hora do almoço. Uma vez, no Shopping King James, ela até brincou que elas deveriam ir ao Faith 21-Forever 21 plus-size apenas para —olhar ao redor.||

De repente, as palavras de Naomi passaram pela mente de Hanna.

Todo mundo dizia que Ali te escolheu como uma brincadeira. Você era uma grande perdedora.

Hanna encostou-se contra o aparador, quase derrubando uma placa decorativa adornada com uma impressão do Passeio da Independência. Sua boca estava pegajosa com vodka, e suas pernas pendiam soltas e livres.

Ali se virou e jogou algo branco e macio para cada uma das meninas.

— Hora da hidromassagem! — Ela bateu palmas. — Façam coquetéis frescos e novos enquanto eu vou lá fora ligá-la.

Tomando sua bebida, Ali desapareceu pela sala e saiu para a varanda dos fundos, seu rabo de cavalo loiro subindo e descendo. Hanna olhou para os objetos que Ali tinha jogado, uma macia toalha branca Frette e um biquíni com estampa de pontinhos Marc Jacobs. Ela levantou a parte superior e inferior do biquíni para a luz, admirando o tecido brilhante e laços prateados.

Hanna se levantou, sentindo-se subitamente refortificada. Boa tentativa, vadias. A etiqueta no interior do biquíni lia-se tamanho zero.

Hanna sorriu para si mesma, lisonjeada e surpresa. Foi o melhor elogio que alguém poderia ter lhe dado.

27

MELHORES AMIGAS PARA SEMPRE

O álcool definitivamente havia ido para a cabeça de Emily. Ela estava no pequeno banheiro do primeiro piso de estilo holandês da Pensilvânia somente com seu biquíni fio dental, inclinando de um lado para o outro, avaliando seus bíceps tonificados, sua cintura fina e seus ombros bem torneados.

— Você é gostosa, — ela sussurrou para seu reflexo. — Ali quer você. — Ela começou a rir.

Ela não só estava bêbada de vodka, ela também estava bêbada de Ali. Foi emocionante estar de volta a Poconos. E beijar Ali no baile? Emily não tinha certeza de quando ela se sentiu tão feliz em toda sua vida.

Emily saiu do banheiro, com uma toalha macia branca enrolada em volta da cintura.

Pegou um coquetel meio bêbada da mesa de buffet e pulou para a varanda de três estações. Era exatamente como ela se lembrava, o cheiro avassalador de terra e umidade, os gnomos de jardim de pedra no canto, e a peculiar, mesa lascada de azulejos que a Sra. Dilaurentis tinha encontrado em uma venda. Emily queria ver Ali lá, ela queria dar um beijo em Ali em segredo antes dos outros chegarem. Mas o quarto estava vazio.

— Que frio! — Emily gritou com os dedos dos pés descalços batendo no chão gelado.

A lâmpada de calor tinha sido colocada perto da porta, e a grande tampa verde de plástico tinha sido puxada para fora da banheira de água quente. O motor gemeu alto. Bolhas azuladas subiram para a superfície da banheira. Quando Emily tocou a água, ela gritou de novo. Estava gelada. A banheira provavelmente não tinha sido utilizada nos últimos anos.

Hanna, Spencer e Aria surgiram na varanda. Enquanto esperavam Ali se trocar, Hanna arrastou os alto falantes do iPod para a sala de estar e colocou Britney Spears, que elas adoravam dançar na sétima série. Todas elas cantaram a música, como nos velhos tempos.

Emily tirou a toalha, deslizando-a sedutoramente para baixo do seu corpo de biquíni. Hanna desfilou na varanda de cima para baixo como se estivesse na passarela, fazendo uma pausa no final da sala para posar. Spencer fez altos chutes no estilo Rockette. Aria tentou imitá-la e quase acertou uma samambaia morta. As meninas se dobraram de rir, envolvendo seus braços ao redor um do outro. Elas se encostaram ao lado da banheira de água quente, ofegante.

— Eu não posso acreditar que nós não nos falamos durante anos,
— Spencer deixou escapar. — O que tinha de errado com a gente?

Aria acenou com a mão com um desinibido florescer.

— Nós fomos estúpidas. Deveríamos ter ficado amigas.

O rosto de Emily ficou vermelho.

— Sério, — ela sussurrou. Ela não tinha ideia se os outros se sentiram da mesma forma que ela.

Hanna escovou um par de folhas mortas para fora de uma das cadeiras ao ar livre e se sentou.

— Eu perdi vocês.

— Não, você não o fez. — Spencer apontou para ela, bêbada. — Você tinha Mona.

Todas ficaram em silêncio, ruminando sobre o que Mona tinha feito a elas. Emily sentiu um nó na garganta quando viu Hanna estremecer e virar. Foi ruim o suficiente que Mona havia atormentado Emily, mas Mona tinha sido a melhor amiga de Hanna.

Emily se adiantou e colocou os braços em torno de Hanna.

— Sinto muito, — ela sussurrou. Spencer moveu para perto, e depois Aria.

— Ela era insana, — Spencer murmurou.

— Eu nunca deveria ter perdido o contato com vocês, — Hanna murmurou no ombro de Spencer.

— Está tudo bem, — exclamou Emily, acariciando os cabelos de Hanna, longos e sedosos. — Você nos tem agora.

Elas ficaram deste jeito até que a música acabou. O ofurô gemeu. Um estrondo soou de dentro da casa. Spencer olhou para cima, franzindo a testa.

— Ali está demorando muito para se trocar.

Todas colocaram a toalha em torno de seus ombros e entraram. Elas se moveram pela sala e pela cozinha.

— Ali? — Hanna chamou. Nenhuma resposta. Emily enfiou a cabeça dentro do banheiro de onde ela tinha acabado de sair. A

água escorria da torneira. O calor da ventilação fez a cauda do papel higiênico flutuar no ar.

— Ali? — Aria chamou na sala de estar formal. Folhas tinham sido estendidas sobre as cadeiras, fazendo com que elas se parecessem fantasmas indolentes. Todo mundo ficou imóvel, ouvindo.

Spencer fez uma pausa na cozinha.

— Talvez eu não devesse estar trazendo isso agora, mas minha mãe ligou mais cedo.

Minha irmã continua desaparecida...

— O que? — Emily parou ao lado do fogão.

— E se ela nos seguiu? — A voz de Spencer balançou. — E se ela está aqui?

— Ela não pode estar aqui. — Hanna tomou um fortificante gole do seu coquetel — Spencer não há nenhuma maneira.

Spencer colocou o suéter pela sua cabeça e foi em direção a porta que dava para o pátio lateral. Emily agarrou seu moletom e seu jeans, os colocou, e a seguiu. A velha, porta lateral enferrujada rangeu quando ela abriu. O céu estava brilhante com estrelas. A única outra luz era um único feixe de ouro da garagem. O BMW preto estava estacionado na garagem. Os olhos de Emily tremulavam para frente e para trás, procurando desesperadamente uma sombra de mudança. Ela tirou seu telefone, perguntando se eles deveriam chamar alguém. Sua tela disse sem serviço disponível. Todo mundo olhou para seus telefones, também, e balançaram a cabeça.

Todos eles estavam fora de área.

Emily estremeceu. Isso não pode estar acontecendo. De novo não. Se enquanto elas estavam no sol, na varanda, tendo um grande momento, e algo terrível tivesse acontecendo com Ali? Era como uma repetição da sétima série: Durante alguns minutos elas se

sentaram no celeiro, estupidamente hipnotizadas, enquanto uma menina havia sido assassinada.

— Ali! — Emily gritou. O nome ecoou na noite. — Ali! — Ela chamou de novo.

— O que? — Veio uma voz.

Todos chicoteando ao redor. Ali estava parada na porta da cozinha, ainda vestida com calça jeans e capuz de caxemira. Ela estava olhando para elas como se elas fossem loucas.

— Onde vocês foram? — Ali riu. — Eu só fui verificar a temperatura da banheira de água quente, eu não pude encontrá-las em lugar nenhum! — Ela fingiu limpar o suor da testa.

— Eu estava tão assustada.

Emily caminhou de volta para a casa, respirando um longo suspiro de alívio. Mas, Ali segurou a porta para ela, dando-lhe um sorriso enorme e brilhante. Emily ouviu um ramo estalar atrás. Ela congelou e olhou por cima do ombro, certa de que iria ver um par de olhos olhando para ela na densa floresta.

Mas tudo estava calmo e silencioso. Não havia ninguém.

28

OS SONHOS PODEM VOLTAR

Spencer e as outras seguiram Ali para dentro da casa.

— O ofurô está muito frio, — Ali decidiu. — Mas há muitas outras coisas para fazer.

Spencer jogou sua toalha de banho na mesa da cozinha, entrou na sala e sentou-se no sofá de couro. Sentia sua pele entorpecida, tanto do frio quanto do medo de que algo poderia ter acontecido com Ali. Uma sensação desconfortável incomodava-a, também, que

ela não conseguia descrever. Como Ali não tinha escutado quando elas estavam chamando por ela?

Como elas não tinham visto ela ir para a varanda e testar a água do ofurô? O que foi batida que tinham ouvido dentro da casa? E onde estava Melissa, afinal?

As outras meninas se reuniram ao redor da sala. Ali se sentou na cadeira de vime que costumavam chamar de "A cadeira da Duquesa": qualquer garota que elas consideravam a "Duquesa" tinha que se sentar na cadeira e mandar as outras fazer o que ela quisesse o dia todo.

Hanna sentou no velho divã amarelo perto da TV. Emily sentou com as pernas cruzadas no sofá de couro, desocupado, distraidamente colocando o dedo em um pequeno buraco no estofamento.

Aria sentou no sofá ao lado de Spencer e puxou um travesseiro de cetim estampado contra o peito.

Ali enrolou suas mãos em torno dos braços torcidos e frágeis da Cadeira da Duquesa e respirou profundamente.

— Então. Agora que a idéia do ofurô fracassou, eu tenho uma proposta para vocês.

— O quê? — Perguntou Spencer.

Ali mudou o seu peso, fazendo com que o vime rangisse.

— Já que a nossa última festa do pijama foi tão ruim, acho que devemos eliminá-la de nossas mentes para sempre. Gostaria de recriá-la. Menos alguns detalhes, claro.

— Como o teu desaparecimento? — Emily disse.

— Naturalmente. — Ali enrolou um pedaço de cabelo em torno de seu dedo. — E, bem, para ser precisa, eu tenho que hipnotizá-las.

A pele de Spencer ficou fria. Emily deixou cair seu copo na mesa. Hanna congelou, um punhado de seu Cheez-Its a meio caminho da

boca.

— Uh... — Começou Aria.

Ali levantou uma sobrancelha.

— Quando eu estava no hospital, eu fui a todos os terapeutas. Um deles disse-me que a melhor maneira de acabar uma terrível lembrança é recriando-a. Eu realmente acho que isso vai me ajudar... — Suspirou. — Talvez, isso ajudará todas nós.

Spencer esfregou os pés juntos, tentando aquecê-los. Um vento repentino assobiou ao lado de fora. Ela olhou novamente para a foto delas ao lado da canoa. Recriar a hipnose soou terrível, mas talvez Ali estivesse certa. Depois de tudo o que tinham passado, talvez fosse necessário fazer algo para superar de uma vez por todas.

— Eu jogo — decidiu.

— Sim, eu estou dentro também — decidiu Emily.

— Claro — disse Hanna.

Ali olhou otimista para Aria e Aria concordou relutantemente.

— Obrigada. — Ali saltou sobre seus pés. — No entanto, vamos fazê-la no quarto acima. É mais íntimo. Melhor do que o celeiro.

Elas seguiram pelas escadas atapetadas de cor rosa para o segundo andar .

Uma enorme lua pálida brilhando através da janela circular no chão. O pátio estava vazio, os pinheiros formavam uma espessa barreira entre a casa e a estrada. Tinha uma lagoa artificial na esquerda, embora já estivesse sido esgotada pelo inverno. Agora, havia apenas uma vala seca e profunda.

Ali levou-as para a parte de trás do quarto. A porta estava entreaberta, como se alguém tivesse estado ali recentemente. Spencer lembrou das cortinas de renda Queen Anee e das camas de cobre individual. Seu nariz se contraiu. Ela esperava que o quarto estivesse impregnado de ar refrescante com cheiro de lilás e talvez mofo, mas havia um cheiro podre.

— Que cheiro é esse? — Perguntou ela. Ali franziu o nariz também. — Talvez haja alguma coisa morta no interior das paredes. Você se lembra quando isso aconteceu no verão, entre o sexto e sétimo ano? Acho que foi um guaxinim.

Spencer exauriu seu cérebro, mas não conseguiu se lembrar de nada parecido com cheiro disso antes.

Então Aria congelou.

— Você ouviu isso?

Todas ficaram tensas, ouvindo.

— Não... — Sussurrou Spencer.

Os olhos de Aria estavam arregalados.

— Eu acho que ouvi alguém tossindo.

— Tem alguém lá fora?

Ali afastou uma ripa de madeira das persianas. A estrada estava deserta.

Havia pegadas na areia, onde elas tinham deixado a BMW.

— Nada — Ali sussurrou.

Todas soltaram um longo suspiro.

— Estamos imaginando coisas — disse Spencer. Precisamos nos acalmar.

Elas se sentaram sobre o tapete redondo no chão. Ali tirou seis velas de baunilha de um saco plástico e colocou nas mesas de cabeceira e na cômoda. O fósforo emitiu um som ao acender. O quarto já estava escuro, mas Ali torceu as persianas fechadas e puxou as cortinas apertando-as. As velas projetando misteriosas sombras na parede.

— OK — Ali disse. — Hum, apenas relaxem.

Emily riu sem se preocupar. Hanna suspirou. Spencer tentou fazer seus braços relaxarem, mas o seu sangue ainda zumbia em

seus ouvidos.

Reviveu o momento em que Ali hipnotizou-as muitas vezes em sua mente. Toda vez que pensava sobre isso, seu corpo retorcia em pânico.

Está bem, disse a si mesma.

— A frequência cardíaca está abaixando — Ali cantou. Pensem em coisas tranquilas.

Eu vou contar para trás a partir de cem e quando tocá-las, vocês estarão em meu poder.

Ninguém falou. As velas tremulavam. Spencer fechou os olhos enquanto Ali começou a contar.

— Cem, 99... 98...

A perna esquerda de Spencer se contraiu, depois a direita. Tentou pensar em coisas tranquilas, mas era impossível não voltar para a noite em que tinham feito isso. Ela estava

sentada no tapete redondo do celeiro de sua família, irritada porque Ali havia convencido-as novamente por algo que não queriam fazer. E se a hipnose de Ali a fez deixar escapar que beijou Ian... e Melissa ouviu? Melissa e Ian haviam acabado de estar no celeiro, poderiam estar por perto.

E talvez, apenas talvez, Melissa estivesse por perto. Como na janela ... com uma câmera.

— Oitenta e cinco, oitenta e quatro... — Ali cantava alegremente.

Sua voz desapareceu mais e mais até que soou como se estivesse sussurrando do final de um túnel muito longo. Então veio a luz manchada aos olhos de Spencer. Soando distorcida e retorcida. O cheiro de terra e pipoca de microondas fez cócegas no seu nariz. Respirou longa e profundamente, tentando imaginar o ar entrando e saindo dos seus pulmões.

Quando a visão de Spencer se focou, ela percebeu que estava no antigo celeiro da família. Ela sentou-se no tapete, velho macio que

seus pais haviam comprado em Nova York.

Ela olhou para suas amigas. O estômago de Hanna inchou. Emily tinha ossos finos e sardentos.

Aria tinha mechas rosas nos cabelos. Ali estava na ponta dos pés entre elas, tocando suas testas com o polegar. Quando chegou a Spencer, Spencer levantou de um salto.

— Está escuro aqui, — ouviu dizer. As palavras saíram de sua boca, além de seu controle.

— Não, — Ali disse. — Tem que ser escuro. É assim que funciona.

— Nem sempre tem que ser do jeito que você quer, sabia Ali? — Spencer disse.

— Feche, — Ali disse, cerrando os dentes.

Spencer se esforçou para deixar a luz entrar no quarto. Ali soltou um gemido de frustração. Mas quando Spencer olhou para Ali, percebeu que Ali não estava apenas com raiva.

Ela havia congelado no lugar, com o rosto desfigurado e de um pálido fantasmagórico, seus olhos arregalados. Era como se visse algo horrível.

Spencer voltou-se para a janela, uma sombra capturando sua visão. Era um pequeno fragmento de uma memória, apenas nada. Spencer agarrou-se à imagem, desesperada para se lembrar o que realmente tinha acontecido. E depois... ela viu. Era um reflexo de Ali ... exceto que usava um capuz e carregava uma grande câmera. Seus olhos demoníacos e sem piscar, fora para o assassinato. Era alguém que Spencer conhecia bem. Ela tentou dizer seu nome, mas seus lábios não se mexiam. Sentia que estava se afogando.

A lembrança estava passando em frente sem ela.

— Vá, — ouviu-se ordenar a Ali.

— Bem, — Ali disse.

— Não! — disse Spencer ao seu antigo eu. — Chame Ali de volta! A Mantenha no quarto! É... Sua irmã está lá fora! E quer ferir Ali!

Mas a memória avançou, fora do alcance de Spencer. Ali estava na porta agora. Ela se virou, dando uma boa olhada em Spencer. Spencer deixou escapar um grunhido.

De

repente, Ali não parecia muito com a garota que estava com elas agora.

Então os olhos de Spencer caíram para o anel de prata no dedo da garota. Ali tinha dito que não estava usando um anel naquela noite, mas lá estava ele.

Só que, em vez de um A no centro, tinha um C.

Por que Ali tinha o anel errado?

Houve uma batida na janela, e Spencer virou. A garota lá fora sorriu ameaçadoramente, correndo a mão sobre o rosto em formato de coração estranhamente idêntico. Ela levantou o dedo anular da mão direita. Ela tinha também um anel, o dela com A. Spencer sentia como se sua cabeça estivesse prestes a explodir. Ali estava lá fora... e Courtney ali dentro? Como isso tinha acontecido?

Minha memória está pregando peças em mim, ela disse. Isso não aconteceu. É apenas um sonho.

A Ali na porta se virou, com a mão na maçaneta. De repente, a sua pele começou a desbotar do rosa ao pálido do branco ao cinza.

— Ali? — Spencer chamou cautelosamente. — Você está bem?

A pele de Ali começou a descascar.

— Eu pareço estar bem? — Retrucou. Ela balançou a cabeça em direção a Spencer. Eu tenho tentado dizer-lhe ...

— Tentando me dizer? — repetiu Spencer. — O que você quer dizer?

— Todos os sonhos que teve de mim. Não se lembra?

Spencer piscou.

— Eu...

Ali revirou os olhos. Sua pele estava descascando mais rápido agora, revelando músculos viscosos e ossos branqueados. Seus dentes caíram ao chão, como bolotas. Seu cabelo mudou de loiro dourado para cinza claro. Então começou a desmoronar.

— Você realmente é mais burra do que eu pensava, Spencer — ela sussurrou. Você merece isso.

— Mereço o quê? — Spencer gritou.

Ali não respondeu. Quando ela girou a maçaneta, sua mão descascou até cotovelo, tão frágil como uma flor seca. Ela caiu no chão de madeira e rapidamente virou pó dissolvido. Em seguida, a porta bateu fortemente, a força ressoando através do corpo de Spencer. Parecia perto.

Real. Memória e realidade colidiram.

Os olhos de Spencer se abriram. O quarto estava abafado, o suor escorria pelo seu rosto. Suas ex amigas sentadas com as pernas cruzadas sobre o tapete, os seus rostos suaves e relaxados, com os olhos fechados.

Elas pareciam... mortas.

— Garotas? — Chamou Spencer. Não houve resposta. Queria estender a mão e tocar Hanna, mas estava com medo.

O sonho voltou em seu cérebro. *Eu tenho tentado dizer-lhe*, disse a garota da visão. A que parecia com a Ali que ela se lembrava... mas a menina usava o anel de Courtney. *Todos os sonhos que teve sobre mim. Não se lembra?*

Spencer lembrou um monte de sonhos sobre Ali. Às vezes, sonhava com duas Alis diferentes.

— Não — Spencer sussurrou perigosamente. Ela não entendia isso. Piscou no escuro, procurando sua quarta amiga. — Ali? — Gritou.

Mas Ali não respondeu. Porque Ali tinha ido embora.

29

A CARTA DEBAIXO DA PORTA

Aria escutou um barulho e despertou. A metade das velas já tinha queimado. Um cheiro podre enchia o ar. Suas três antigas melhores amigas estavam sentadas no tapete, olhando para ela.

— O que está acontecendo? — Perguntou. Onde está Ali?

— Não sei — Emily parecia aterrorizada. — Ela... desapareceu.

— Talvez isso seja parte da recreação? — Hanna sugeriu meio atordoada.

— Acho que não, meninas — a voz de Spencer tremeu. Acho que algo está realmente errado.

— É claro que algo está errado! — Exclamou Emily. — Ali se foi!

— Não — disse Spencer. Eu acho que... Acho que algo está errado com Ali.

Aria ficou boquiaberta.

— Ali? — Emily bombardeou.

— O que você quer dizer? — Hanna exigiu.

— Eu acho que a garota na janela do celeiro era a irmã de Ali — sussurrou Spencer, sua voz cheia de soluços. Eu acho que ela é que a matou.

Hanna franziu a testa.

— Eu pensei que você disse que era Melissa.

— E ninguém matou Ali — Emily disse, apertando os olhos. — Ela está aqui.

Mas Aria olhou para Spencer, uma pequena idéia formando em sua cabeça. Pensou nas Polaroids novamente. Poderia ter sido um rosto DiLaurentis refletido na janela.

— Oh meu Deus, — sussurrou Aria, lembrando o que o assustador medium lhe disse algumas semanas atrás, enquanto ela estava em cima do buraco onde o corpo de Ali foi encontrado: *Ali matou Ali.*

Uma explosão trovejou abaixo. Todas pularam e correram de volta para o canto, abraçando-se firmemente.

— O que foi isso? — Sussurrou Hanna.

Houve um pouco mais de barulhos e deslizamentos, em seguida, silêncio. Aria ousou olhar ao redor para o resto do quarto. Alguém devia ter aberto as cortinas, porque a lua se derramava pela janela no chão.

Foi então que ela percebeu algo que não tinha visto antes. A alguns centímetros da porta, havia um envelope branco.

— Ei, garotas? — Ela gritou, apontando um dedo trêmulo para o envelope.

Todas olharam para ela, também petrificadas. Finalmente, Spencer o pegou da terra.

Seus dedos tremiam. Ela segurou a frente do envelope para as outras poderem ver.

Para: As Quatro Vadias.

De: A.

Emily caiu de joelhos.

— Oh, meu Deus. É Billy. Ele está aqui.

— Não é Billy — retrucou Spencer .

— Então é Melissa — Emily adivinhou descontroladamente.

Spencer abriu a carta. Linhas e linhas cobriam a página. Enquanto lia, tinha a boca torcida.

— Oh, meu Deus.

Hanna estreitou os olhos.

— Isso não pode ser real.

Um nó frio e forte congelou a certeza no estômago de Aria. Havia algo errado.

Respirando fundo, inclinou-se e também leu.

Era uma vez duas bonitas garotas chamadas Ali e Courtney, mas uma delas estava louca. E como vocês sabem, com algumas reviravoltas mágicas do destino, Ali se tornou Courtney por um tempo. Mas o que não sabem é que Courtney se tornou Ali também.

Vocês ouviram direito, Pequenas Perdedoras ... e tudo por causa de vocês.

Lembram quando espreitavam no meu quintal pela bandeira da Capsula do Tempo? E se lembram da garota que conversou com vocês? Essa não era eu. No momento em foram tão astutamente descobertas, Courtney estava em casa para sua mudança de Radley para o Preserve naquele fim de semana. E oh, a pobre Courtney não queria ir. Ela tinha a sua pequena, e desordenada vida de loucura em Radley ... e não queria começar em um novo

hospital.

Se tivesse que começar de novo em algum lugar, seria em Rosewood. E ela fez. Ela

deveria ir para o Preserve na manhã em que as viu rondando ao redor do meu pátio ... E

ela rapidamente agarrou essa oportunidade. Em um momento, ela e eu estávamos discutindo, eu estava tão feliz por ela estar indo, e no momento seguinte estava no pátio, fingindo ser eu e falando com vocês como se fossem melhores amigas. Falando da minha bandeira, como se não fosse ela que tivesse roubado primeiro e arruinado a minha obra-prima com o seu estúpido poço dos desejos. Como eu ia saber que todos, minha mãe, meu pai, meu irmão poderiam pensar que era eu que estava lá fora, e Courtney dentro? Como eu ia saber que minha mãe me segurou na sala e disse "é hora de ir, Courtney"? Eu implorei dizendo que eu era Ali, mas minha mãe não acreditou em mim, tudo porque Courtney pegou meu anel com o "A" de Ali, quando eu não estava olhando. Minha mãe gritou para a garota que não era Ali dizendo que estávamos indo, e a garota que não era Ali virou, sorriu e disse: "Adeus!"

E nós partimos. Courtney teve a minha vida perfeita e eu sua vida destruída. Algo

parecido com isso.

Ela estragou tudo. Ela colocou seus lábios sobre Ian Thomas. Foi quase presa por

cegar a fresca da Jenna Cavanaugh. Abandonou Naomi e Riley , as melhores garotas da

escola. Porém a pior coisa em meu nome, foi eleger quatro novas melhores amigas no lugar. As garotas que eu sabia que não iria olhar duas vezes, as garotas que não eram de

forma alguma especiais. As garotas que ela sabia que iriam cair sobre ela, desesperadas com a chance de estar em seu clube exclusivo. As garotas que a ajudariam obter tudo
o

que ela queria.

Alguma dessas senhoritas soa familiar?

Mas não se preocupem. Este conto de fadas ainda pode ter um final feliz para mim.

Eu vi minha irmã pagar pelo que fez. E agora, vocês também.

Tentei queimá-las. Tentei deixa-las loucas. Eu tentei fazer vocês parar. Até me meti com vocês esta semana — surpresa! Eu me atirei sobre o namorado de Aria. Enviei a pobre Hanna ingressos falsos para um desfile de modas. Deixei Em acreditar que havia um “Viveram felizes para sempre” para nós, depois de tudo. Beijando-a! E Spencer...

Tenho uma surpresa para você. Olhe com atenção! Está bem debaixo do seu nariz.

Acho que eu deveria agradecer a Courtney pelo meticuloso detalhe em seu diário.

Me ajudou tanto e a Mona também. Tudo isso nos levou a este grande momento. A cortina está prestes a abrir, vadias, e o show está prestes a começar. Preparem-se para conhecer o seu criador. Não vai demorar muito agora.

Beijos!

A (a verdadeira)

Ninguém disse nada durante algum tempo. Aria leu a carta várias vezes antes de afundar. Ela cambaleou para trás, tropeçando desajeitadamente na mesa.

— Ali escreveu isso? Nossa Ali?

— Não é a nossa Ali — disse Spencer em uma voz calma. — É... a verdadeira Ali.

Nossa Ali era... Courtney. A garota que você conhecia está morta.

— Não — a voz de Emily se afogou. — Não é possível. Acho que não.

De repente, ouviu-se um riso do outro lado da porta. Todo mundo saltou. A pele de Aria eriçou.

— Ali? — Spencer gritou.

Não houve resposta.

Aria sentiu o celular no bolso, mas a tela ficava marcando Serviço não disponível. Não havia telefone fixo nesse quarto. Mesmo se abrissem a janela e gritassem, essa propriedade era tão distante que ninguém escutaria.

Os olhos de Aria estavam irrigados pelo odor nocivo que havia impregnado no quarto.

De repente, surgiu um novo cheiro. Aria ergueu a cabeça, seu nariz se contraindo. Emily, Hanna e Spencer arregalaram seus olhos. Todas elas perceberam o que era ao mesmo tempo. Foi então que Aria viu uma fumaça branca esvoaçante através das aberturas.

— Oh, meu Deus — ela sussurrou, apontando. Alguma coisa está pegando fogo.

Aria correu para a porta e puxou a maçaneta. Ela virou-se rapidamente, com o rosto arrasado. Não precisava dizer nada para as outras, elas já sabiam. A porta estava trancada. Elas estavam presas.

30

A VIDA ACABA COM UM GOLPE,

NÃO COM UM SUSPIRO

A sala começou a ficar cheia de ondas de fumaça preta. A temperatura estava baixa, mas em constante aumento. Emily arrancou a guilhotina da janela, mas ela não se abriu.

Ela pensou em quebrar o vidro, mas estava no quarto atrás da casa, que estava em uma encosta íngreme para baixo. O salto iria quebrar as pernas delas, se não pior.

Do outro lado da sala, Spencer, Aria e Hanna estavam batendo seus ombros contra a porta, tentando derrubá-la. Quando não conseguiram, entraram em colapso sobre a cama, ofegante.

— Nós vamos morrer, — Hanna sussurrou. — Ali está tentando nos matar.

— Não é ela — Emily parou. Ela estava prestes a dizer que não era Ali. Ali não podia.

Billy tinha escrito uma nota, se passando por Ali. E se ele não tinha, então Melissa tinha. Melissa havia ridicularizado elas momentos atrás, rindo de tudo que elas haviam deduzido. Melissa tinha matado a irmã de Ali. Melissa havia colocado esse fogo. Ou se não foi Melissa, ou Billy, alguém mais.

Apenas não Ali. Nunca Ali.

O ar estava ficando tão espesso com a fumaça que estava ficando difícil de ver. Hanna se inclinou e começou a tossir, e Aria soltou um gemido tonto. Spencer arrancou o lençol de cima da cama e empurrou-o sob a fresta na porta para impedir que mais fumaça entrasse, como tinha sido ensinado na aula de segurança contra incêndio na sétima série.

— Provavelmente nós só temos alguns minutos aqui até que o fogo atinja a porta.

Emily correu para o canto da sala, batendo contra a porta do armário. De repente, ela ouviu um grito, pequeno e fino. Ela

congelou, todos se viraram, ouvindo isto, também. Ali?

Emily pensou.

Mas os gritos vinham de um lugar muito próximo. Emily encarou o armário.

— Alguém está lá!

Spencer saiu disparada para a frente e girou a maçaneta. O cheiro fluía pútridas e poderosas ondas. Emily amordaçada, a boca coberta com o fundo da sua camisa.

— Oh meu Deus, — Spencer gritou. Então Emily olhou para baixo e gritou mais alto do que ela tinha gritado antes. Um cadáver podre espalhado no fundo de um armário quase vazio.

As pernas estavam dobradas em um ângulo desfigurado, e a cabeça pendia para a esquerda, descansando em cima de uma caixa de sapatos adidas. A pele era de um amarelo pálido, e havia uma horrível substância cremosa que foi deixada nas bochechas. A pele e o músculo ao redor da boca apodreceu e tinha um buraco vazio. O cabelo dourado bonito parecia uma peruca, e na testa fervilhava de vermes.

Era Ian Thomas.

Emily não parava de gritar e fechou os olhos, mas a imagem aparecia como uma marca na parte de trás da pálpebra. Então, alguma coisa disparou para frente e tocou-lhe o pé. Ela atirou para trás e tentou fechar a porta;

— Pare! — Spencer gritou. — Emily, espere! — Emily congelou, choramingando.

Spencer colocou a mão ao redor dela e puxou um outro corpo do armário, alguém que quase tinha sido esmagada pelo corpo de Ian. Emily engasgou. Era uma menina, a boca amordaçada.

Melissa. Seus olhos azuis olhavam para elas implorando.

Todos ajudaram a desatar as cordas em torno de seus pulsos e tornozelos grossos e retiraram a fita adesiva de sua boca. Melissa

imediatamente se dobrou e começou a tossir.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela desabou em Spencer, seus soluços torturados e aterrorizados.

— Você está bem? — Spencer chorou.

— Ela me raptou e me jogou no porta malas do carro, — Melissa tossiu. — eu acordei algumas vezes, mas ela continuava me drogando para me nocautear. Quando acordei outra vez, eu estava em... — Ela parou de falar, seus olhos a correr para o armário semiaberto. Seu rosto contorcido de dor.

Então, Melissa cheirou o ar. A fumaça subia para o cômodo tão rápido, uma névoa cinza começara a girar. Melissa começou a tremer.

— Nós todas vamos morrer.

Todos correram para o centro do quarto mantendo umas as outras. Emily tremia incontrolavelmente. Ela podia sentir o coração de alguém batendo contra o seu.

— Vai ficar tudo bem, — Spencer disse várias vezes no ouvido de Melissa. — Precisamos encontrar uma maneira de sair daqui.

— Não há nenhuma maneira. — Os olhos de Melissa estavam cheios de lágrimas. — Você não vê?

— Espere um minuto. — Aria ficou de pé. Ela olhou ao redor da sala, intrigada, a testa franzida. — Acho que este é o quarto com a passagem que leva para a cozinha.

— O que você está falando? — Hanna perguntou.

— Não se lembra? — Aria gritou. — Nos escondíamos aqui para assustar Jason.

Aria marchou até a cômoda e empurrou-o para fora do caminho. Para o espanto de Emily, havia uma pequena porta, sobre a altura de um Golden retriever. Aria puxou o trinco e chutou-a abrindo. Revelando um túnel escuro. Melissa suspirou.

— Venha, — Spencer pediu, arrastando-a pela mão e pelo joelho e entrando pela porta pequena. Ela arrastou sua irmã através dela. Aria foi depois, em continuação, Hanna. O

estomago de Emily saltou. O túnel fedia a putrefação do corpo de Ian.

— Emily, — a voz de Spencer ecoou muito longe. — Depressa!

Emily respirou profundamente, cruzou os ombros, e se arrastou para dentro. O túnel tinha cerca de dez metros de comprimento e deu em uma pequena sala do tamanho do armário e parecia que tinha ficado fechada por anos. Havia pilhas de pó e toneladas de insetos mortos nos cantos e uma grande mancha de água no teto. Aria tentou o botão para a porta do fundo que levava para uma escada de madeira bamba, mas ela não se moveu.

— Está preso, — Ela sussurrou.

— Não pode ser, — Spencer insistiu. Ela jogou o ombro contra ele em desespero.

Emily, Aria, e Hanna juntaram-se a ela. Finalmente, a madeira lascada, deu jeito. Emily soltou um som de alívio que era uma mistura entre um suspiro e um gemido.

Elas saíram em disparada para as escadas e abriram a terceira porta. O calor correu para elas, seus olhos e peles ardendo. A sala estava cheia de plumas de fumaça espessa e nociva.

Emily se atrapalhou ao redor da ilha da cozinha, tentando se orientar. Ela cambaleou em direção da porta da frente. Uma sombra se moveu do lado esquerdo dela, dentro e fora da névoa nociva. Alguém estava martelando as janelas fechadas, Então não havia nenhuma forma de sair.

Ali se virou e olhou para Emily como se tivesse visto um fantasma. O martelo caiu desajeitadamente no chão. Seus olhos eram de ardósia cinza e frio, a boca semi deformada em um sorriso. Um soluço subiu no peito de Emily. De repente, ela sabia que essa

menina tinha escrito a nota. E que era tudo verdade. Seu coração se partiu em mil pedaços.

Ali se virou e correu para a porta, assim como Emily se atirou para a frente, agarrando o braço de Ali e girando ao redor dela. A boca de Ali fez um O de surpresa. Emily a agarrou rudemente pelos ombros, seu aperto era forte.

— Como você pôde fazer isso? — Emily exigiu.

Ali tentou ficar livre. Os olhos dela fervilhavam com repugnância.

— Eu já disse a você, — ela respondeu asperamente. — vocês arruinaram minha vida, cadelas. — Nem sequer souo como a voz dela.

— Mas... eu te amei, — Emily guinchou, os olhos cheios de lágrimas.

Ali soltou uma risadinha perversa.

— Você é uma perdedora, Emily.

Parecia que ela tinha fincado um espeto longo e reto através do coração de Emily. Ela apertou com força os ombros de Ali, querendo que ela soubesse o quanto doía. Como você pode dizer isso? Ela estava prestes a gritar. Como você pode nos odiar tanto? Mas uma explosão gigante então encheu o ar, cegando-a momentaneamente. Havia uma luz branca brilhante e uma onda de calor. Emily cobriu a cabeça e os olhos e com a força da explosão ergueu do chão. Ela sentiu um estalo, então um acidente. Ela aterrissou duro sobre seu ombro, seus dentes golpearam juntos.

O mundo era branco por um momento. Calmo. Vazio. Quando Emily abriu os olhos novamente, o som e o calor, e a dor voltaram. Ela estava deitada perto da porta da frente, uma poça de sangue pela boca. Desesperada, ela se atrapalhou para a maçaneta. Ela queimou com o toque, mas acabou. Ela se arrastou até a varanda e depois para o gramado, espalhando-se na grama molhada e fria.

Quando Emily abriu os olhos novamente, alguém tossia próximo a ela. Spencer e a irmã se desabaram sobre a grama nas proximidades. Aria estava perto do castanheiro grande, amassado ao lado dela. Hanna estava perto da calçada, lentamente empurrando-se a uma posição sentada.

Emily olhou de volta para a casa grande. Grande nuvem de fumaça saía em cada greta.

Chamas saltaram do telhado. Uma nuvem passou em frente à janela da sala. E então houve um estalo de trovão; e toda casa explodiu.

Emily gritou, seus olhos rapados, e enrolado em uma bola. Basta contar até cem, ela disse a si mesma. Basta fingir que você está nadando. Apenas mantenha seus olhos fechados até que isso acabe. O ar estava quente e sujo, e o som era mais forte do que mil aviões decolando.

Um par de faíscas choveu sobre os ombros de Emily, como quentes broches de pressão sobre sua pele.

As explosões continuaram por mais alguns segundos. Quando eles se aclamavam, Emily separou os dedos e olhou para fora de suas mãos. A casa era nada mais que uma montanha gigante de fogo.

— Ali, — ela sussurrou, mas a palavra imediatamente foi engolida com a chaminé que caiu no chão. Ali ainda estava dentro.

31

AS PEÇAS RESTANTES

Spencer estava tossindo no gramado a uma distância segura da casa, Melissa estava gelada ao lado dela. A estrutura queimava de forma constante, um inferno de amarelo e laranja. De vez em

quando, uma mini explosão cuspiu faíscas altas no céu. O segundo andar, onde tinham estado presas recentemente, não passava de uma carcaça frágil em chamas.

As outras meninas se arrastaram até elas.

— Estão todas bem? — Spencer gritou. Emily assentiu. Hanna tossiu um sim. Aria tinha o rosto nas mãos, mas disse que estava bem. Um vento cortante chicoteou em torno de suas faces. Estava pesado com o cheiro de madeira carbonizada e cadáveres.

— Eu não consigo tirar a carta da minha cabeça, — Emily disse em um tom monótono, tremendo na sua camisola fina. — Ali estava com tanta raiva de sua irmã por trocar de lugar e mandá-la embora que a matou.

— Sim —, disse Spencer, deslocando seu peso no terreno acidentado.

— Ian não tinha nada a ver com isso. Billy não sabia, também. Ali só precisava culpar alguém. E então ela iria nos matar. — Foi como se Emily precisasse dizer tudo isso em voz alta para convencer-se de que tinha realmente acontecido.

— Foi Courtney que falou com a gente quando tentamos roubar a bandeira da cápsula do tempo. Era a única maneira de fazer seus pais acharem que ela era a gêmea sã... — Aria disse em igual descrença, limpando a fuligem de seu rosto. — E Courtney nos escolheu para seu projeto de caridade, porque ela não podia ser amiga de Naomi e Riley. Ela não as conhecia, ela só conhecia a nós.

— Naomi e Riley disseram que Ali as abandonou sem nenhuma razão, — Hanna suspirou.

Spencer abraçou os joelhos. Outra faísca subiu alta no ar. Um esquilo apavorado deslizou para baixo numa árvore próxima e se foi pelo gramado.

— Quando Ian veio na minha varanda, ele disse que estava à beira de descobrir um segredo que iria deixar Rosewood de cabeça

para baixo. Ele deve ter sabido que Courtney estava em casa naquele fim de semana.

— E Ali devia saber que acharíamos que Jason ou Wilden começaram o fogo, — Hanna lamentou. — Exceto que o incêndio não saiu como planejado, e ela se machucou. Então ela chamou Wilden, e ele a levou para longe, pensando que estava seguindo ordens de seus pais para ficar oculta. Mas realmente, ela saiu para fazer-nos parecer mais loucas.

— E eu acho que Ali colocou essas fotos no laptop de Billy, — Spencer continuou, encolhendo-se quando algo dentro da casa estalou. Ela olhou para Melissa, que segurava o rosto com as mãos, soluçando em silêncio. — Ela também tinha chamado a polícia para dizer que Billy matou Jenna.

— Mas ela matou Jenna —, disse Aria.

Todo mundo ficou em silêncio. Spencer fechou os olhos, tentando imaginar Ali levando a bonita, tímida e cega Jenna Cavanaugh e jogando-a na vala. Era horrível demais para compreender.

— Lembram-se de uma foto enviada para Emily de Ali, Courtney, e Jenna juntas? — Spencer disse depois de um momento. — Jenna era a única pessoa além da família de Ali e Wilden que sabia que eram gêmeas. Talvez Jenna suspeitasse da primeira troca. Ela conheceu Courtney no mesmo fim de semana que aconteceu. — Ela inclinou sua cabeça. — Mas por que Ali nos enviou a foto se ela não queria que a gente soubesse o que Jenna sabia?

— Porque ela podia, — Hanna respondeu. — Talvez ela achasse que Jenna nunca fosse dizer nada. E, em seguida, quando parecia que Jenna contaria, ela... — Ela parou, enterrando o rosto nas mãos. — Você sabe.

Melissa levantou o rosto dela com um gemido. Ele estava coberto com listras grossas de cinzas e sujeira. Havia um corte em seu ombro e queimaduras de corda em suas mãos e pés. Ela cheirava a carne podre de Ian. Spencer sentiu náusea.

Spencer estendeu a mão para limpar uma faixa de cinza do cabelo de sua irmã. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela não podia acreditar o quão errada ela tinha sido a respeito de Melissa. Como havia se equivocado.

— Por que Ali quis te machucar?

Melissa apoiou-se, protegendo os olhos das chamas brilhantes. Ela tossiu, depois limpou sua garganta.

— Quando Jason me contou sobre as gêmeas anos atrás, ele disse que Ali e Courtney não tinham contato, que elas se odiavam. — Ela delicadamente esticou o pescoço e revirou os ombros. — Então, quando você me disse que Courtney comentou que Ali disse a ela muitas coisas sobre vocês, eu tive suspeitas.

Houve um crack dentro da casa, e as meninas instintivamente se viraram. Parte do segundo andar caiu no chão com um gemido.

— Eu conversei com Wilden —, disse Melissa mais alto que o ruído. — Ele disse que eles estavam um pouco preocupado com Courtney quando ela veio pela primeira vez para casa do hospital, especialmente depois que vocês disseram que viram o corpo de Ian. Jason se perguntou se Courtney matou Ian em vingança para ele matar Ali.

— Ela o assassinou. — Aria empurrou um galho na terra encharcada. — Embora não fosse por vingança.

As vidraças de vidro grandes na marquise dos DiLaurentis estalou e quebrou. Vidro choveu sobre o gramado, e as meninas cobriram suas cabeças.

— Mas Courtney tinha um alibi para aquela noite, — Melissa continuou, roçando um pedaço de cabelo encharcado de sangue de seus olhos. — E então Billy veio junto, e de repente tudo parecia fazer sentido.

Aria se aconchegou em Hanna.

— Mas quando Courtney apareceu —, disse Melissa, puxando as mangas de seu suéter de cashmere imundo sobre suas mãos, — Eu não conseguia parar de pensar em todas as inconsistências no caso de Billy.

O fogo crepitava por alguns momentos. Algo caiu de trás da casa. Emily encolheu, e Spencer agarrou a mão dela.

— Eu segui Courtney... Ali... muito —, admitiu Melissa. — Mas só quando fui para a Reserva que eu soube com certeza o que tinha acontecido.

O queixo de Spencer caiu. O panfleto da Reserva que ela tinha visto no quarto de Melissa. A consulta com o terapeuta.

— Então foi por isso que você foi lá?

Um fluxo de faíscas irrompeu a partir do topo da casa para o ar.

— Eu conversei com a antiga colega de quarto de Ali, Iris, — Melissa disse. — E ela sabia de tudo, até que você estava indo para ser sua companheira de quarto, Hanna".

— Oh Deus, — Hanna gemeu, com os ombros encolhidos.

Spencer colocou as palmas das mãos no topo da cabeça. Elas tinham perdido tantas pistas. Ali havia estabelecido uma brilhante armadilha... e elas tinham caminhado direto para ela. Ela olhou para a irmã.

— Por que você não me disse essas coisas sobre a Reserva mais cedo?

— Eu só fui lá esta manhã. — Um vapor branco saiu da boca de Melissa. Estava ficando mais frio lá fora a cada segundo. — Eu estava no meu caminho para a delegacia depois, mas alguém me atacou no estacionamento. Quando acordei, eu estava no portamalas. Eu reconheci a voz de Ali.

Spencer ficou olhando fixamente a casa pegar fogo. Ali deve ter agarrado Melissa depois que ela se aproximou de Spencer para se

arrumarem para o baile. Ela nunca deveria ter dito a Ali que Melissa a tinha avisado para se afastar...

Em seguida, outro pensamento a atingiu.

— Você disse que Ali jogou você no porta-malas de seu carro?

Melissa assentiu, soltando uma folha seca, queimada de seu cabelo loiro emaranhado.

— Você estava lá no caminho até aqui —, Spencer engasgou, sua espinha pressionando o tronco da árvore. — Você estava conosco o tempo todo.

— Eu sabia que tinha ouvido alguma coisa, — Aria sussurrou.

Elas ficaram em silêncio por alguns instantes, olhando confusamente a casa. O fogo crepitava e sibilava. Ao longe, outro som emergiu. Pareciam sirenes.

Melissa se esforçou para sentar, ainda encostada na árvore grande.

— Posso ver o bilhete que ela escreveu para vocês?

Spencer checkou em seu suéter, procurando a carta, mas os bolsos estavam vazios. Ela olhou para Emily.

— Você está com ela?

Emily balançou a cabeça. Aria e Hanna olharam confusas também.

Todas se voltaram para a casa em ruínas. Se a carta escorregou das mãos de Spencer, não era nada mais do que cinzas agora.

Só então, um caminhão de bombeiros gritou até a calçada. Três bombeiros pularam para fora e começaram a desenrolar as mangueiras para o lago. Um quarto bombeiro correu para as meninas.

— Vocês estão bem? — Ele imediatamente pediu uma ambulância e a polícia. — Como isso aconteceu?

Spencer olhou para as outras.

— Alguém tentou nos matar —, disse ela. E então ela explodiu em lágrimas.

— Spence, — Emily disse, tocando no ombro de Spencer.

— Está tudo bem, — Aria arrulhou. Hanna abraçou-a, também, e assim o fez Melissa.

Mas Spencer não conseguia parar de chorar. Como não suspeitaram que Ali estava por trás disso? Como tinham sido tão cegas? Ali havia dito um monte de coisas certas, também, exatamente o que todas queriam ouvir: eu perdi vocês, meninas. Sinto muito. Eu quero que as coisas mudem. Ela disse a Spencer que ela era a irmã que sempre quis ter.

Spencer havia sido uma boneca em suas mãos. Todas foram... e elas quase morreram por isso.

O bombeiro com o walkie-talkie no bolso voltou, e as meninas partiram.

— A ambulância está a caminho —, disse ele, e acenou para as meninas segui-lo.

Enquanto subiam a encosta, passando longe da casa, Spencer cutucou o braço de sua irmã.

— Você tinha que descobrir isso antes de mim, não é? — brincou ela, enxugando as lágrimas. Até nisso Melissa havia ganhado dela.

Melissa corou.

— Estou feliz que você está bem.

— Estou feliz que você esteja bem, também —, disse Spencer de volta.

A casa latente assomou à distância. Camas, cadeiras e cômodas atravessaram o frágil piso para o primeiro andar, levantando nuvens de fogo. Emily olhou fixamente para as chamas como se procurasse alguma coisa. Spencer tocou em seu braço.

— Você está bem?

Emily mordeu seu lábio inferior. Ela olhou para o bombeiro.

— Havia alguém na casa quando ela explodiu. Existe alguma chance de que ela esteja...?

O bombeiro olhou para os restos da casa e coçou o queixo áspero. Ele balançou a cabeça gravemente.

— Ninguém poderia ter sobrevivido ao fogo. Sinto muito, meninas, mas ela se foi.

32

HANNA MARIN,

VERDADEIRAMENTE FABULOSA

— Aqui vamos nós. — Hanna colocou uma bandeja com quatro cafés quentes sobre a mesa. — Um cappuccino desnatado, um latte regular, e um café au lait com leite de soja.

— Doce —, Aria disse, pegando um pacote de açúcar. Ela o rasgou com suas unhas pintadas de amarelo-neon. Aria dizia a Hanna e as outras que a cor amarelo-neon era a mais quente na Europa, mas ninguém tinha sido corajosa o suficiente para experimentá-lo ainda.

— Já era hora, — Spencer resmungou, tomando um gole ávido de seu cappuccino. Ela tinha estado estudando para o grande pré-exame da AP de economia por toda a semana e tinha tomado apenas um aquela noite.

— Obrigada, Hanna. — Emily ajustou sua blusa plissada da Free People. Hanna tinha finalmente conseguido que ela parasse de usar camisetas de natação por baixo da jaqueta de Rosewood Day.

Hanna sentou-se e olhou ao redor da mesa, as pilhas de livros e notas da AP de economia de Spencer, o iPod de Aria, provavelmente cheio de estranhas bandas escandinavas e o livro de quiromancia de Emily, que prometia ensinar a adivinhar o futuro. Era como nos velhos tempos... só que melhor.

Um boletim de notícias brilhou na TV de plasma na parede traseira do Steam. Uma repórter familiar estava na frente de uma pilha ainda mais familiar de escombros. A polícia ainda procura entre os escombros dos DiLaurentis, a legenda dizia. Hanna tocou o braço de Aria.

— Os trabalhadores do resgate ainda estão vasculhando os escombros queimados da casa que pertenceu à família de Alison DiLaurentis, procurando pelos restos da verdadeira Alison —, a repórter loura gritou por cima do som de máquinas pesadas. — Mas eles estão dizendo que levará semanas antes que possam ter certeza que Alison morreu no incêndio.

O bombeiro que as tinha resgatado na noite do fogo apareceu na tela.

— Eu estava lá momentos depois que a casa explodiu —, disse ele. — É muito possível que o corpo de Alison tenha se incinerado instantaneamente.

— Como de costume, a família DiLaurentis não pode ser contatada para comentários —, acrescentou a repórter.

A transmissão foi cortada para um comercial de All That Jazz, o musical da Broadway, no restaurante temático do Shopping King James. Hanna e suas amigas bebiam em silêncio, olhando para o gramado. A neve tinha finalmente derretido, e um par de narcisos ambiciosos havia brotado nos canteiros próximos ao mastro.

Cinco semanas se passaram desde que Ali quase as matou. Assim que chegaram em casa de Poconos, Wilden e os outros detetives do Departamento de Polícia de Rosewood tinham aberto uma investigação oficial sobre Ali. Sua casa de cartas desmoronou ridiculamente rápido: A polícia encontrou cópias das mensagens de

A para as meninas em um telefone celular por baixo do deck atrás da nova casa dos DiLaurentis. Eles descobriram que o laptop encontrado no caminhão de Billy tinha sido adulterado. Eles analisaram as Polaroides que Aria tinha encontrado na floresta e determinaram que o reflexo nas janelas foi de uma das irmãs DiLaurentis. Não ficou claro por que Ali tinha tirado as fotos, exceto que ela estava obcecada com a vida que sua irmã tinha roubado dela, mas ela deve ter enterrado as fotos logo depois de empurrar a irmã no buraco, livrando-se da prova.

Houve uma conversa de prender a família DiLaurentis como cúmplices dos crimes de Ali, mas o Sr. e a Sra. DiLaurentis e até mesmo Jason haviam fugido da área sem deixar vestígios. Hanna tomou outro gole de seu café, deixando o líquido quente lavar mais de sua língua. Se eles tivessem suspeitado o tempo todo que uma irmã tinha matado a outra? Foi por isso que eles rapidamente a levaram de volta para o hospital psiquiátrico depois que elas pensaram que Ali havia desaparecido? Ou será que o Sr. e a Sra. DiLaurentis desapareceram simplesmente por vergonha e horror que sua filha, linda e perfeita, tinha feito coisas tão bárbaras?

Quanto à Hanna e as outras, a sequela de Ali tinha sido uma loucura. Repórteres bateram em suas portas todas as noites. As meninas viajaram para Nova York para uma entrevista no Today Show e tiraram uma foto para a People. Elas assistiram a um concerto de gala da alta sociedade promovido pela Orquestra de Filadélfia para arrecadar dinheiro para a Fundação Jenna para cães guia e uma nova bolsa criada em nome de Ian Thomas.

Mas as coisas tinham começado a se acalmar, e a vida quase voltou ao normal.

Hanna tentou não pensar sobre o que havia acontecido com Ali, mas isso era como pedir para ela passar um dia todo sem contar calorias, sem sentido. Todo esse tempo, Hanna tinha pensado que Ali a havia escolhido porque ela tinha visto alguma faísca especial em Hanna que simplesmente precisava ser nutrida e encorajada. Mas ela tinha feito amizade com ela pelas razões exatamente

opostas. Hanna não havia sido especial, era... uma piada. A manobra de vingança.

A graça salvadora era que Ali tinha feito isso à todas elas, não só a ela. E agora que Hanna sabia que as duas irmãs eram loucas, será que ela realmente queria ser escolhida por qualquer uma delas?

Aria inclinou sua xícara de café até o momento que Hanna podia ver a marca de papel reciclado na parte inferior.

— Então, quando chega a mudança?

Hanna se endireitou.

— Amanhã.

— Você deve estar feliz. — Spencer amarrou os cabelos para trás em um rabo de cavalo frouxo.

— Você não sabe o quanto.

Essa foi a outra grande notícia: Poucos dias depois de Ali quase as matou, Hanna tinha recebido um telefonema enquanto estava descansando assistindo Oprah na cama.

— Estou no aeroporto da Filadélfia —, sua mãe gritou na outra extremidade. — Vejo você em cerca de uma hora.

— O quê? — Hanna gritou, Dot levantou de sua cama para cães Burberry. — Por quê?

A Sra. Marin pediu uma transferência de volta para o escritório da agência de publicidade da Filadélfia.

— Desde que você ligou sobre os ingressos do desfile de moda, eu estive preocupada com você —, explicou ela. — Então eu falei para o seu pai. Por que você não me disse que ele te enviou para um hospital psiquiátrico, Hanna?

Hanna não sabia como responder – não era exatamente algo que ela poderia ter escrito em um e-mail ou na parte de trás de um

postal de Rosewood! E de qualquer maneira, ela deduziu que sua mãe já sabia. Será que eles não tem People em Cingapura?

— É absolutamente lamentável! — A Sra. Marin vociferou. — No que ele estava pensando? Ou talvez ele não estava pensando. Tudo o que ele se preocupa é naquela mulher e sua filha.

Hanna suspirou e houve estática na linha. A Sra. Marin disse: — Eu estou mudando de volta, mas as coisas precisam mudar entre nós. Sem regras mais relaxadas. Sem me olhar de outra maneira. Você precisa ter um toque de recolher e limites, e precisamos conversar sobre as coisas. Como se alguém tenta internar você. Ou se um amigo louco tenta matá-la. Ok?

Um caroço se formou na garganta de Hanna.

— Okay. — Pela primeira vez na sua vida, sua mãe tinha dito exatamente o que Hanna precisava ouvir.

Tudo depois aconteceu tão rápido. Havia argumentos, discussões, e choro (das partes de Kate e Isabel), mas a mãe de Hanna era firme. Ela ficaria, Hanna ficaria, e Tom, Isabel, e Kate teriam que ir. A caça à casa começou naquele fim de semana, mas, aparentemente, Kate foi uma diva total e descartava cada propriedade que olhavam. Como o processo estava demorando muito, eles estavam indo se mudar para uma casa no leste de Hollis, o distrito mais descuidado e hippie de Rosewood, enquanto eles continuavam a olhar.

Um flash de cabelo louro chamou a atenção de Hanna, do outro lado do café. Naomi, Riley e Kate entraram desfilando e se sentaram em uma das mesas mais próximas da porta, e deram à Hanna um sorriso obscuro. Perdedora, Naomi articulou. Vadia, Riley continuou.

Não que Hanna realmente se importasse. Mais de um mês se passou desde que Hanna perdeu seu status de rainha, e todas as coisas que ela mais temia não aconteceram. Ela não tinha ganhado de volta instantaneamente o peso que ela tinha perdido. Ela não tinha acordado e encontrado seus dentes amarelados e tortos. Na verdade, ela tinha perdido dois quilos, não tendo a compulsão aflita

sempre que outra garota roubava um pouco do seu poder. Sua pele e seu cabelo brilhavam. Rapazes de outras escolas ainda a cobiçavam no Rive Gauche, e Sasha da Otter ainda tinha roupa para ela. Hanna havia começado a se perguntar se não foi a popularidade que a fez realmente linda, mas algo muito mais profundo. Talvez ela realmente fosse a fabulosa Hanna Marin, depois de tudo.

O sinal do fim das aulas tocou e todos saíram das salas de aula. O estômago de Hanna se apertou quando ela notou um garoto alto de cabelos negros andando sozinho em direção à ala de arte. Mike.

Ela virou sua xícara de café semi-vazia entre as mãos, levantou-se e começou a atravessar o café.

— Indo para ver o conselheiro da escola Psicose? — Kate brincou enquanto ela passava.

Mike viu Hanna quando ela se aproximou. Seu cabelo preto estava despenteado, e tinha um lindo e incerto sorriso no rosto. Antes que ele pudesse dizer uma palavra, Hanna marchou até ele e beijou-o na boca. Ela colocou os braços ao redor dele, e Mike rapidamente fez o mesmo. Alguém gritou.

Hanna e Mike se separaram, respirando com dificuldade. Mike olhou em seus olhos.

— Hum... oi!

— Oi, pra você, — Hanna sussurrou.

No dia que Hanna voltou a Rosewood dos Poconos, ela tinha ido direto para a casa dos Montgomery e pediu para Mike aceitá-la de volta. Felizmente, Mike perdoou Hanna por terminar com ele, mas acrescentou:

— Você tem que me ressarcir. Eu acho que mereço um par de stripteases, certo?

Ela se inclinou para beijar Mike novamente quando seu telefone celular tocou.

— Mantenha esse pensamento", disse ele, colocando o telefone no ouvido, sem dizer olá. — Tudo bem —, disse ele um par de vezes. Quando desligou, seu rosto estava pálido.

— O que foi? — Hanna perguntou.

Mike olhou todo o café à procura de Aria.

— Foi meu pai —, ele a chamou. — Meredith está em trabalho de parto.

33

ARIA MONTGOMERY, A TÍPICA MALUCA DE ROSEWOOD

Aria pedira a suas velhas amigas para ir com ela para o Hospital Rosewood Memorial, e agora as quatro e Mike se sentaram na sala de espera fora da sala de Partos. Uma hora tinha se passado desde que eles haviam ouvido algo, eles tinham lido todo o estoque da sala de espera de Glamour, Vogue Car & Driver, e Good Housekeeping, e tinham baixado cerca de cem aplicativos para o iPhone. Byron estava escondido na sala de parto, fazendo a sua coisa de eu-vou-ser-pai-de-novo. Foi bizarro ver seu pai tão entusiasmado sobre o parto. Aparentemente, quando Aria e Mike nasceram, Byron tinha desmaiado na primeira vista de sangue e teve que passar o resto da noite no pronto-socorro recebendo soro intravenoso para manter sua pressão arterial alta.

Aria olhou através do quarto para uma pintura de uma indescritível vista de um deserto e suspirou.

— Você está bem? — Emily perguntou.

— Sim, — respondeu Aria. — Só que eu acho que minha bunda está dormente.

Emily deu um olhar preocupado para Aria. Mas Aria tinha certeza de que ela estava bem sobre isso, não como era convencional. Um dia depois que Aria havia tentado se matar, Aria tinha recebido um telefonema em seu celular de sua mãe. Ela estava em prantos, devastada por algo terrível que quase havia acontecido a Aria.

Aria tinha admitido porque ela ficou fora, que ela queria dar uma chance para Ella ser feliz com Xavier. Ella tinha respirado e gritou: — Que bosta! Aria, você deveria ter me avisado imediatamente.

Ela prontamente terminou com Xavier e as coisas entre Aria e sua mãe voltaram lentamente ao normal. Agora, Aria voltou a passar metade do seu tempo com Ella, metade do seu tempo com Byron e Meredith. Ela e Ella haviam conversado um pouco sobre o novo bebê iminente. Embora Ella parecesse um pouco triste com isso, ela disse que era como a vida seguiu.

— A maioria das coisas não funcionam do jeito que você quer, — disse Ella. Aria sabia disso muito bem. Praticamente a única coisa que ela aprendeu com a experiência de Ali era que as coisas estavam muito boas para ser verdade.

Inclusive a própria Ali.

Byron empurrou a porta da sala de espera. Ele usava um uniforme azul, uma máscara facial, e uma dessas estranhas toucas anti-germe de chuveiro.

— É uma menina, — ele disse sem fôlego.

Todo mundo deu um pulo.

— Podemos vê-la? — Aria perguntou, pendurando a bolsa de pele no ombro.

Byron concordou e as levou para o corredor silencioso até que chegaram a uma sala com uma grande janela. Meredith sentou-se apoiando na cama. Seu cabelo estava emaranhado em sua cabeça, mas sua pele brilhava. Em seu braço estava um pacote pequeno rosa. Aria entrou e olhou para a pequena criatura. Os olhos da menina eram pequenas fendas, o nariz não era nada mais que um

botão, e ela usava um gorro rosa em sua cabeça. Ugh, Aria definitivamente teria que tricotar algo para ela.

— Você quer segurar a sua irmã? — Meredith perguntou.

Irmã.

Aria aproximou timidamente. Meredith sorriu e colocou a recém-nascida nos braços de Aria. Ela estava quente e cheirava a pólvora.

— Ela é linda, — Aria sussurrou. Atrás dela, Hanna suspirou de prazer. Spencer e Emily fizeram ruídos de arrulho. Mike olhou espantando.

— Como ela vai chamar? — Aria perguntou.

— Nós ainda não decidimos. — Meredith franziu os lábios timidamente. — Nós pensamos que você gostaria de nos ajudar a escolher.

— Sério? — Aria suspirou tocada. Meredith assentiu.

Uma enfermeira bateu à porta.

— Como estão todos? — Aria deu o bebê à enfermeira, que apertou um estetoscópio no peito pequeno dela.

— Nós devemos ir, — disse Spencer, dando um abraço em Aria. Hanna e Emily empilhadas, também. Elas costumavam fazer abraços em massa, era como estar de volta a sexta e sétima série, especialmente depois de que algo enorme havia acontecido. Claro, costumava a ser um abraço em massa de cinco garotas, mas Aria decidiu não pensar em Ali. Ela não queria estragar o momento.

Depois de suas amigas terem desaparecido pelas portas duplas, Mike deu a mão a Hanna, Aria retornou à sala de espera e se afundou no sofá mais próximo da TV.

Previsivelmente, a notícia falava acerca de como o corpo de Ali ainda não havia sido encontrado nos destroços de Poconos. Um repórter estava entrevistando uma mulher de Kansas, que tinha começado um grupo no Facebook alegando que Ali ainda estava viva.

— Vocês, pessoas, não pensam que é estranho não ter encontrado um dos dentes ou ossos no fogo? A mulher deu uma gargalhada, os olhos redondos e enlouquecidos. — Alison está viva. Marque minhas palavras.

Aria pressionou o controle remoto para mudar de canal. Não havia como Ali ainda estar lá. Ela tinha ido para baixo da casa e isto foi tudo.

— Aria? — Disse uma voz.

Aria olhou para cima.

— Oh, — disse ela fracamente, levantando-se. Seu coração começou a bater forte. — O-oi.

Noel Kahn parou na porta, vestia uma camiseta preta surrada e jeans justos. Aria podia sentir o cheiro da pele por trás da sala, uma mistura de sabão e especiarias. Eles mal tinham se falado desde a dança do dia dos namorados, e Aria tinha pensado que as coisas com ele estavam arruinadas para sempre.

Noel atravessou a sala e se sentou em uma das cadeiras irregulares.

— Mike me mandou uma mensagem sobre sua irmã. Parabéns.

— Obrigada, — disse Aria. Seus músculos endurecidos pareciam no lugar, como argila, após ter sido colocada ao fogo.

Um grupo de médicos com uniforme azul passou pela sala de espera, seus estetoscópios golpeando contra o peito. Noel colocou o dedo em um pequeno buraco no joelho de seus jeans.

— Eu não sei se isso importa, mas eu não beijei Courtney. Ali. Quem quer que fosse.

Ela me beijou.

Aria acenou com a cabeça, com um nó na garganta. Assim como Ali havia deixado seus motivos claros, era óbvio o que tinha acontecido. Ali estava desesperada para que Aria fosse a Poconos, não porque ela queria ser amiga de Aria, mas porque ela queria que

todas as meninas estivessem juntas para que ela pudesse matá-las de uma só vez.

— Eu sei, — respondeu Aria, olhando para a caixa de brinquedos no canto da sala de espera. Estava cheio de livros ilustrados com orelhas de cachorro, bonecas feias com fios de cabelo e legos incompatíveis. — Eu realmente sinto muito. Eu deveria ter confiado em você.

— Eu perdi você, — disse Noel silenciosamente.

Aria criou coragem para olhar para cima.

— Eu perdi você também.

Muito lentamente, Noel levantou da cadeira e sentou-se perto dela.

— Para o registro, você é a pessoa mais bonita e interessante que eu já conheci. Eu sempre pensei em você, inclusive na sétima série.

— Você é um mentiroso. — Aria deu um meio sorriso.

— Eu jamais mentiria sobre algo assim, — disse Noel severamente.

E então ele se inclinou e a beijou.

34

A BONITA E IMPERFEITA VIDA

DE SPENCER HASTINGS

Andrew Campbell pegou Spencer no hospital em seu Mini Cooper e a levou para casa. As notícias do KYW retransmitiam a mesma

informação sobre como a polícia não tinha encontrado qualquer evidência do corpo de Ali em meio aos escombros.

Spencer pressionou a testa contra a janela e fechou os olhos.

Andrew parou e estacionou seu Mini Cooper próximo ao meio-fio

— Você está bem?

— Eu preciso de um minuto — Spencer murmurou.

À primeira vista, a rua era brilhante e colorida, todas as casas grandes e impressionantes, todos os quintais cercados e cuidados, e todas as calçadas pavimentadas com pedra azul ou tijolo. Mas se Spencer olhasse mais de perto, as imperfeições eram evidentes. A casa dos Cavanaugh tinha estado escura desde a morte de Jenna, com uma placa de A VENDA no jardim da frente. O carvalho onde tinha estado a casa na árvore de Toby era agora um tronco podre. O buraco onde tinha sido encontrado o corpo de Jenna estava cheio de terra negra espessa. O santuário de Jenna permaneceu na calçada, tão cheio que cobria a calçada dos vizinhos e o quintal. O santuário de Ali, no entanto, tinha sido desmontado. Spencer não tinha idéia do que aconteceu com todas as fotos e bichos de pelúcia e velas... eles desapareceram durante a noite. Ninguém queria lembrar mais de Alison DiLaurentis. Ela já não era mais a queridinha de Rosewood.

Spencer olhou para a grande Victoria no canto da rua sem saída.

— Você é Spencer, certo? — Havia perguntado Ali no dia em que Spencer tinha ido até o quintal dos DiLaurentis para roubar o pedaço da bandeira da Cápsula do Tempo. Spencer pensou que Ali fingiu não saber quem era Spencer... mas realmente não tinha idéia. Courtney teve que aprender tudo sobre a vida de Ali... rápido.

Spencer também podia ver o celeiro em ruínas na parte de trás de sua casa, arruinado para sempre pelo fogo que Ali tinha começado. *Tentei queimá-las. Eu tentei pará-las. E agora, aqui estamos nós.*

A noite, em que Ali desapareceu, quando Spencer e Ali tiveram aquela briga terrível, a Ali que ela sabia que saiu furiosa, provavelmente para encontrar-se com Ian. A verdadeira Ali, cuja vida tinha sido roubada, a estava esperando.

Eu vi duas loiras na floresta, contou Ian a Spencer na varanda de trás antes do julgamento. Spencer tinha visto a loira também. No início, ela tinha pensado que era Ian talvez Jason ou Billy, mas no final, havia duas irmãs idênticas. Provavelmente, a verdadeira Ali sabia quando o buraco ia ser preenchido com concreto... Ela provavelmente tinha ouvido seus pais falarem disso quando foram buscá-la no hospital neste fim de semana. Ela tinha conhecido a profundidade do buraco, também, e como seria difícil empurrar a irmã para matá-la. Ali provavelmente pensou que, depois que a tivesse matado, iria voltar para casa e retomar sua vida.

Só que isso não tinha acontecido.

Spencer ainda tinha pesadelos com os últimos momentos em Poconos antes que a casa pegou fogo. Um minuto, Ali e Emily estavam brigando ao lado da porta. No momento seguinte, a casa encheu-se como uma bola de fogo branca... e Ali foi embora. Havia sido queimada em outro lugar? E se elas tivessem tropeçado, sem saber sobre o seu corpo morto ao tentar fugir?

Spencer tinha visto no noticiário a teoria de que Ali ainda estava viva.

— Faz todo o sentido — disse Larry King um homem de cabelos selvagem. — Os pais DiLaurentis desapareceram. Eles, obviamente, encontraram a filha e se esconderam em outro país.

No entanto, Spencer não podia acreditar. Ali tinha morrido na casa, o corpo de Ian, e sua carta assustadora. *Finis. Finito. O fim.*

Spencer voltou-se para Andrew, deixando escapar um suspiro contido.

— Tudo é tão triste ... — Ela fez um gesto para fora da janela para sua rua. Eu gostava de viver aqui. Eu pensei que era perfeito.

Mas agora... está em ruínas. Existem tantas lembranças terríveis aqui.

— Nós vamos ter que fazer boas recordações para substituir as ruínas — garantiu Andrew. Mas Spencer não estava convencida de que realmente poderia fazer isso.

Houve uma batida na janela e Spencer pulou. Melissa olhou para dentro.

— Ei, Spence. Você pode entrar?

Havia uma expressão em seu rosto, que fez Spencer pensar que alguma coisa tinha acontecido, o estômago de Spencer revirou com preocupação. Andrew se inclinou e beijou Spencer na testa.

— Me ligue mais tarde.

Spencer seguiu Melissa pelo gramado, admirando o suéter macio de cashmere vermelho com decote em V e o jeans preto apertado de sua irmã. Ela tinha ajudado Melissa escolher em Otter... Melissa escutou Spencer quando ela disse que ela se vestia como um clone de sua mãe.

Foi uma das poucas coisas boas que saiu desse pesadelo, Spencer e Melissa estavam finalmente se dando bem de verdade. Não havia mais competitividade. Não havia mais comentários desagradáveis.

Sobrevivendo ao incêndio, escapando de sua meia-irmã, colocou tudo em perspectiva.

Até o momento, de qualquer maneira.

A casa cheirava a molho de tomate e alho. Pela primeira vez em dois meses, a casa estava impecável, o chão parecia de cera, e todas as pinturas a óleo estavam penduradas em linha reta e uniforme. Quando Spencer olhou para a sala de jantar, viu que a mesa estava posta.

Perrier cintilava nos copos de água. Uma garrafa de vinho estava arejada em um jarro no carrinho de bar.

— O que está acontecendo? — Spencer murmurou, inquieta. Era muito duvidoso que sua mãe estivesse se divertindo.

— Spence?

O Sr. Hastings apareceu na porta da cozinha, vestindo um terno cinza de trabalho.

Spencer mal o tinha visto desde a noite em que ela expos o assunto.

Incrivelmente, a Sra. Hastings apareceu atrás dele com um sorriso cansado, mas contido em seu rosto.

— O jantar está pronto — anunciou ela, removendo uma luva de forno de sua mão direita.

— B-bem — gaguejou Spencer. Ela entrou na sala, enquanto olhava para eles.

Eles estavam fingindo que nada tinha acontecido? Será que eles realmente varreriam isso para debaixo do tapete? Será que era isso que Spencer queria?

O Sr. Hastings colocou um pequeno gole de vinho para Spencer e para Melissa num copo de tamanho regular. Ele estava ocupado ao redor da mãe de Spencer, carregando taças e colheres e uma cesta de pão de alho sobre a mesa. Spencer e Melissa olharam uma para a outra, inquietas. Ele nunca ajudou com os preparativos para o jantar, normalmente se sentava à mesa como um rei enquanto a Sra. Hastings fazia todo o trabalho.

Todos se sentaram, os pais de Spencer em cada extremidade da mesa, Spencer e Melissa em lados opostos. A sala estava muito tranqüila. O vapor se elevou do prato de massa puttanesca. O cheiro de alho e vinho fazia cócegas no nariz de Spencer. Estavam olhando uns para os outros como se fossem desconhecidos forçados a sentar-se juntos em um avião.

Finalmente, o Sr. Hastings limpou a garganta.

— Vocês querem jogar o Star Power? — Ele disse.

Spencer ficou boquiaberta. Melissa também. A Senhora Hastings deu uma risada cansada.

— É uma brincadeira, meninas.

O Sr. Hastings apoiou as palmas das mãos sobre a mesa.

— Eu queria ter essa conversa a muito tempo. — Ele fez uma pausa para beber o seu vinho. — Eu tenho que dizer que eu nunca quis magoar. Nenhuma de vocês. Mas eu fiz. Isso não vai mudar, e eu não vou pedir que me perdoem. Mas eu quero que vocês saibam que aconteça o que acontecer, eu estarei aqui para todas vocês. As coisas são diferentes agora, e eu sei que nunca vão ser como eram, mas por favor, saibam todos os dias, eu sinto muito pelo que fiz. Eu me senti muito mal quando isso aconteceu. E eu me sinto mal que alguém que estava relacionado com nós fez algo horrível para as duas. Eu nunca teria me perdoado se algo tivesse acontecido. — Ele soltou um pequeno suspiro.

Spencer sacudiu o garfo em cima da mesa, sem saber o que dizer. Sempre ficava nervosa e desconfortável quando seu pai se emocionava... E essa era a primeira vez que ele tinha mesmo sugerido ser o verdadeiro pai de Ali.

Ela queria dizer a seu pai que estava bem... que ela o perdoava, e era melhor esquecer.

Mas tinha certeza que seria uma mentira.

— Então, o que vai acontecer? - Melissa perguntou baixinho, amassando o guardanapo de pano ao lado de seu prato.

A Sra. Hastings tomou um pequeno gole de água com gás.

— Nós estamos trabalhando nessas coisas, tentando entender o que aconteceu.

— Voltarão a ficar juntos? — perguntou Spencer .

— Neste momento, não — disse a Sra. Hastings. — Seu pai está alugando uma casa perto da cidade. Mas vamos ver como vai ser.

— Nós não vamos nos ver todo dia — disse o Sr. Hastings, enrolando as mangas da camisa. — Mas tentaremos nos encontrar para jantar aqui pelo menos uma vez por semana. Para falar com vocês e passar o tempo. Então... aqui nós estamos. — Ele olhou para outro lado da mesa, pegou um pedaço de pão de alho e mordeu com um estalo alto.

E assim eles ficaram, sem mencionar as realizações do Star Power, sem vangloriar-se uns dos outros, sem fazer pequenos insultos maldosos disfarçados de elogios. No final, Spencer percebeu o que estava acontecendo. Eles estavam sendo... normais. Isto era provavelmente o que a maioria das famílias faziam no jantar todos os dias.

Spencer enrolou um pedaço de massa em seu garfo e deu uma grande e descuidada mordida. Ok, talvez essa não fosse a família que ela sempre sonhou. Talvez seus pais não voltassem a ficar juntos e no final seu pai ficaria em sua casa de aluguel ou compraria uma casa.

Mas se poderiam falar sobre as coisas, se eles estavam realmente interessados um no outro, então era uma mudança para melhor.

Quando a Sra. Hastings trouxe copos de Ben & Jerry e quatro colheres, Melissa bateu nos pés de Spencer por baixo da mesa.

— Quer ir comigo para minha casa na Filadélfia neste fim de semana? — Sussurrou. — Toneladas de clubes legais e restaurantes abertos.

— Sério? — Perguntou Spencer. Melissa nunca a tinha convidado para ir na sua casa antes.

— Sim — Melissa assentiu com a cabeça. — Há um quarto para você. Até mesmo deixo você reorganizar minha biblioteca. — Ela piscou. — Talvez você possa organizar os livros por cor e tamanho, em vez de ordem alfabética.

— Temos um acordo — disse Spencer, rindo.

Duas manchas rosa apareceram no rosto de Melissa, quase como se ela estivesse feliz. A sensação de calor na barriga de Spencer cresceu e cresceu. Há apenas algumas semanas, tinha duas irmãs.

Agora, tinha apenas uma. Mas talvez Melissa era a única irmã que nunca tinha realmente necessitado. Melissa poderia, talvez, até mesmo ser a irmã que Spencer sempre quis...

e Spencer poderia ser a irmã de Melissa, também. Talvez tudo o que tinham que fazer era dar outra oportunidade.

35

EMILY FIELDS COLOCA TUDO

PARA DESCANSAR

Em vez de dirigir direto para casa do hospital, Emily fez a curva para a Goshen Road. Era uma pista montanhosa e pitoresca que contou com uma série de explorações leiteiras, um muro de pedra em ruínas da Guerra Revolucionária, e uma mansão tão grande e em expansão que teve três garagens distintas e seu próprio heliponto.

Eventualmente, ela veio até o portão de ferro do cemitério de São Basílio. O crepúsculo assentou-se rapidamente, mas a porta ainda estava aberta, e havia um par de carros estacionados no lote. Emily parou ao lado de um Jeep Liberty e desligou o motor. Ela se sentou por um momento, respirando apressadamente. Então ela pegou no porta-luvas e tirou um saco de plástico que tinha escondido lá.

Seus sapatos afundaram na grama suave e molhada e ela passou pelas sepulturas, muitas delas carregando flores frescas e bandeiras norte-americanas. Emily atingiu a lápide que ela estava procurando, encravado entre duas árvores bonitas de pinus. Alison Lauren

DiLaurentis, a sepultura disse. Era surpreendente que ela ainda estava aqui, sendo que a família de Ali tinha deixado Rosewood para sempre.

E não era realmente Ali que tinha sido enterrada aqui, mas Courtney.

Emily traçou o A na lápide com seu polegar. Ela se orgulhava de saber de Ali tão intimamente, melhor do que qualquer um dos outros. E ainda assim ela não sabia que a menina que ela estava beijando não era a Ali que ela havia conhecido todos os anos antes. Ela tinha sido demasiada cega pelo amor. Ainda hoje, uma grande parte dela ainda não podia acreditar no que tinha acontecido. Ela não podia compreender que a menina que tinha voltado para eles não era a Ali ela tinha conhecido e que a Ali que ela conheceu não era a Ali real.

Emily se ajoelhou ao lado da sepultura de Ali e mergulhou a mão no saco de plástico. A patente bolsa de couro rangeu contra os dedos. Ela encheu-o com fotos, muitas notas de Ali ao lado, como podia e fechou o zíper mal. Suspirando, ela traçou um dedo sobre o E. Ali tinha apresentado a Emily após aula de francês na sexta série.

— Pour vous, de moi —, disse ela.

— Qual é a ocasião? — Emily perguntou.

— Não há . — Ali deu um tapinha em Emily. — Só que eu espero que Emily Fields seja minha melhor amiga para sempre.

Emily praticamente podia ouvir a voz de Ali agora, assobiando ao vento. Ela começou a cavar a terra junto ao túmulo. Sujeira embaixo de suas unhas e nas palmas das mãos, mas ela enterrou pelo menos um pé antes de parar. Respirando fundo, ela deixou cair a bolsa dentro.

Felizmente, a bolsa poderia ficar enterrada neste momento. Este era o lugar onde a bolsa deve ficar com as notas e fotos também. Foi a Cápsula de Emily por pouco tempo, algo que simbolizasse a sua amizade com ela Ali para sempre. A placa de Emily no boletim

parecia tão simples sem todas as fotos, mas ela tinha que preenchê-lo com novas memórias. Esperemos que, aquelas que incluíram Aria, Spencer, e Hanna.

— Adeus, Ali. — Emily disse suavemente. Folhas farfalhavam. Um carro passou na rua abaixo, os faróis ricocheteando nos troncos das árvores. Quando ela estava prestes a sair, ela ouviu outro barulho. Ela parou. Parecia uma risadinha.

Emily procurou pelas árvores, mas não havia ninguém lá. Ela olhou para os outros túmulos, mas ninguém se moveu entre as lápides. Ela ainda olhou para o céu, como se procurasse uma cabeça loira entre as nuvens escuras. Ela pensou sobre o site que ela tropeçou no outro dia, uma coleção de Twitters anônimas de pessoas que tinham jurado que tinha visto Alison DiLaurentis. Eu só a vi em pé J. Crew em Phoenix, AZ, um dos postos disse. Eu definitivamente vi Ali na Starbucks em Boulder, twittou outro. Havia pelo menos 50 deles, e novos são adicionados todos os dias.

— Quem está aí? — Emily sussurrou.

Cinco longos segundos se passaram, mas ninguém respondeu.

Emily soltou um suspiro trêmulo. Recolha a sua força, ela começou a descer a colina para o carro. Servido seu direito para pendurar ao redor do cemitério à noite, todos os tipos de sons inócuos e sombras pareciam assustadores no escuro. Provavelmente foi apenas o vento.

Ou... era?

AQUELES QUE ESQUECEM O PASSADO

Imagine que é seu último ano e você está sentada na sala de aula, menos do que excitada para começar outro dia na escola. Seu bronzemente com spray parece brilhante e saudável, e você está usando seu novo capuz Juicy (oh sim, Juicy está voltando), e sua

mente está em sua paixão, o menino que leva os tacos de Golf para seu pai no clube de campo. Você está pintando as unhas de Jade Chanel, esperando que o professor comece, quando de repente essa nova garota entra na sala. Ela é linda, muito mais bonita do que você é, e há algo sobre ela que faz você querer olhar e olhar fixamente. Você acha que, hmm, talvez ela goste de esmalte de unha verde da Chanel também. E você aposta que se o menino dos tacos de Golf tivesse uma escolha, ele a escolheria ao invés de você.

Enquanto ela olha para cima e para baixo nos corredores, seu olhar para em você e fica lá. É como se ela pudesse ver dentro de você, no fundo de seus desejos e necessidades, os segredos que ninguém conhece. Você treme, sentindo-se invadido, mas por razões que eu não consigo explicar, você também quer dizer a ela seus segredos. Você quer conquistá-la. Você quer que ela goste mais de você.

— Classe, — diz o professor tocando no braço da menina nova.
— Esta é Laura St.

DeLions.

Ou Sara Dillon Tunisi

Ou Lanie Lisia Dunstor

Ou Daniella Struision

Seu cérebro parou de funcionar por um momento. Há algo familiar em seus nomes, não é? Como uma espécie de versão codificada de sua música favorita ou um anagrama de uma frase comum. A menina parece familiar, também, você já viu aquele sorriso brilhante, eu-sei-algo-que-você-não, antes. Você pensa em uma imagem em uma caixa de leite que você viu há muito tempo. Você pensa que essa menina está nos noticiários. Poderia ser... ?

Não, você decide. Isso é loucura. Você acena para ela e ela acena de volta. De repente, você tem uma sensação de que ela irá te escolher como sua nova melhor amiga. Você tem a sensação de que toda a sua vida irá mudar.

E assim, ela muda.

AGRADECIMENTOS

É com o coração pesado que eu escrevo os agradecimentos para o último livro da série de *Pretty Little Liars*. Escrever esses livros tem sido uma emocionante aventura do começo a fim, e eu continuo me beliscando que isso tem sido minha vida pelos últimos quatro anos.

Há muitos de vocês que ajudaram a tornar esses livros no que são hoje, e eu não tenho como agradecer vocês suficientemente. Primeiro, Lanie Davis, meu editor do dia-a-dia, é sempre cheio de inteligência, idéias perspicazes. Lanie aguça cada livro — cada capítulo e as vezes, cada sentença! — é até enxuto. Sara Shandler, Les Morgenstein e Josh Bank são totalmente investidos nas personagens, suas histórias, e a série por completo. Kristin Marang cria excelentes zumbidos para a série online — sempre uma coisa tão complicada! Farrin Jacobs e Kari Sutherland dando apoio contínuo e fantásticas sugestões editoriais. E Andy McNicol e Anais Borja de William Morris torcendo para a série chegar ao fim... e me enviando livros extras quando eu acidentalmente deixei minha cópia em uma livraria ou dá-lo a um leitor fanático.

Muito amor para meus pais, Shep e Mindy, no presente, obcecados com *Wii Fit*. Vamos tiro ao arco! Abraços para minha irmã, Alison, quem não gosta de Alison (ou Courtney) nesses livros. Felizmente não morremos no oceano naquele dia! Beijos para meu marido, Joel, quem estava no telefone comigo no dia que descobri que *Pretty Little Liars* seria uma série quatro anos atrás. Bem-vindo a Josephine, que tem uma pinha cauda, e adeus a Zelda, que soa como barca quando ela remou para a baía. Sentiremos muito, muito sua falta.

Também quero agradecer cada e todos os fãs da série. Aqueles de vocês que passam os livros pela escola, aqueles de vocês que fazem vídeos para o Youtube com idéias para o elenco de PLL,

aqueles de vocês que vão no Facebook e Twitter ou compartilham o que acham no Goodreads, onde quer que estejam, quem quer que sejam, todos vocês tem um lugar especial em meu coração. E finalmente, uma mensagem para meu professor de Inglês de Downingtown Senior High School: por fim Mary French, Alice Campbell, e Karen Bald Mapes. Vocês me ensinaram a temer a sentença, vocês abriram meus olhos para o drama absurdo, romances, e paródias ruins Hemingway, e por último, mas não menos importante, vocês me encorajaram — veemente, as vezes — para escrever. Você fez uma enorme diferença, e eu agradeço muito.

Sobre a autora...

Sara Shepard

Sara Shepard já sonhou em ser estrela de novela, designer da LEGO, cineasta, geneticista e editora de moda, mas quando cresceu virou escritora mesmo. Ela se formou na Universidade de Nova York e é mestra em escrita criativa pela Brooklyn College.

Atualmente vive em Tucson, com o marido e três cães indisciplinados. A série *Pretty Little Liars*, inspirada em sua infância e adolescência passa em uma das cidades mais abastadas da Filadélfia, foi vendida para vários países e também adaptada para a televisão. *Wanted* é o oitavo volume.

Confira um trecho do próximo volume dessa fascinante saga...

Twisted

ALGUMAS AMIZADES NUNCA MORREM

Você já conheceu alguém com nove vidas? Como aquele —ser do espaço|| que quebrou sete ossos em seu corpo no verão passado, mas de alguma forma levou sua equipe em gols nesta temporada de lacrosse.

Ou aquela duas caras que se sentava ao seu lado em geometria, que ela colou nas provas e ferrava os amigos pelas costas , a vadia-mor. E que vivia desfilando pra lá e pra cá. Mrow.

Os relacionamentos podem ter nove vidas, também. Como o namorado que você lutou e fez por merecer por dois anos seguidos? Ou o BFF conivente que você perdoou novamente e novamente? Ela nunca esteve totalmente morta para você, não é? Mas talvez seria melhor se estivesse.

Quatro meninas bonitas de Rosewood encontram-se diante de uma velha "amiga da onça" que achavam ter sido queimada, literalmente. Mas eles já deveriam saber que nada em Rosewood está realmente terminado.

De fato, algumas antigas e perdidas melhores amizades continuam apenas para conseguir o que realmente importa .

Vingança.

— O último que estiver fora do penhasco compra o jantar! — disse Spencer Hastings dando nós duplos nas cordas de seu biquíni Ralph Lauren correndo até a borda das rochas que tinha a vista para o mar turquesa mais bonita que já tinha visto. Isso foi dizer muito, considerando que a família Hastings tinha ido à praticamente todas as ilhas do Caribe, até mesmo as pequenas que exigiram um avião particular para chegar.

— Logo atrás de você! — Aria Montgomery disse, enquanto chutava para o alto suas Havaianas flip-flops, fazendo um coque em seu longo e sinuoso cabelo azul-preto . Ela não se preocupou em

tirar as pulseiras dos braços ou os brincos de penas que balançavam em suas orelhas.

— Fora do meu caminho! — Hanna Marin passou as mãos sobre o estreito quadril e ela ainda esperava que continuassem estreitos após a placa maciça de um tipo de mariscos fritos que tinha comido e do peixe Bem Vindo à Jamaica que viu fritando naquela tarde.

Emily Fields se levantou deixando a camisa em uma pedra grande e plana. Quando ela chegou à beira e olhou para baixo, uma onda de tontura bateu nela. Ela parou e cobriu a boca até que o sentimento passasse. As meninas pularam de um precipício e caíram na água quente e tropical, exatamente ao mesmo tempo.

Elas surgiram, rindo - todas ganharam e perderam! E olhando para o Cliffs , o resort jamaicano alto acima de suas cabeças. O prédio de estuque rosa, que abrigava as salas, estúdio de ioga, dança, clube e spa, elevou-se até as nuvens, e havia várias pessoas ociosas em suas varandas sombreadas ou comendo algo no convés.

As palmeiras balançavam e as aves nativas cantavam. Um som bem fraco de uma versão tambor de aço de "Redemption Song" de Bob Marley flutuava pelo ar.

— Paraíso — Spencer sussurrou. As outras murmuraram em acordo.

Este foi o refúgio ideal, o oposto completo de Rosewood, na Pensilvânia, onde as quatro meninas viviam.

Claro, o subúrbio de Filadélfia era como um cartão postal, resplandecente, com espessura, matas exuberantes, mansões expansivas, trilhas a cavalo, idílicos e pitorescos celeiros velhos em ruínas do século XVII, mas depois do que tinha acontecido poucos meses antes, as meninas precisavam de uma mudança de cenário. Elas precisavam esquecer de que Alison DiLaurentis, a garota que costumava admirar e adorar e toda a gente queria ser , havia tentado matá-las.

Esquecer era impossível, no entanto. Apesar de dois meses terem se passado desde o que aconteceu, as memórias continuavam assombrado elas, visões vagando como fantasmas.

Gosto de como Alison pegou suas mãos e disse a cada uma delas que ela não era sua irmã gêmea, Courtney, como seus pais haviam alegado, mas sua melhor amiga que voltara do túmulo.

Ou como Ali convidou-as para casa de sua família em Poconos, dizendo que seria o reencontro perfeito. Como, logo depois que eles chegaram, Ali levou-as a um quarto no andar de cima e pediu que a deixassem hipnotizar-las exatamente como tinha feito na noite em que desapareceu na sétima série. Em seguida, ela bateu a porta, trancou pelo lado de fora, e deslizou uma nota embaixo dizendo-lhes exatamente quem ela era. . . e quem ela não era.

Seu nome era Ali, tudo bem. Mas acabou que elas não tinham sido amigas da Ali real. A menina que escreveu essa nota na casa de Poconos não era a mesma garota que tinha arrancado Spencer, Aria, Emily, Hanna da obscuridade em Rosewood Day no início da sexta série.

Tampouco era a menina com quem tinha trocado roupas, fofocas, tinham competido, e —veneraram|| por um ano e meio.

Isso tinha sido Courtney o tempo todo, posando como Ali, entrando em sua vida logo depois que a sexta série começou. Esta Ali, a Ali real, era uma estranha. Uma menina que as odiava com cada grama de seu ser. A verdadeira —Al|| que tinha matado Ian Thomas, que queimara as madeiras atrás da casa de Spencer, que tinha assassinado Jenna Cavanaugh por saber demais, e também a pessoa que matou sua irmã gêmea Courtney na fatídica noite da festa do pijama das meninas na sétima série. E ela planejava que as meninas seriam as próximas.

Assim que as meninas leram a última frase da carta horrível, seus narizes começaram a contrair com o cheiro de fumaça, a Ali real tinha encharcado a casa em gás e acendido um fósforo. Elas escaparam a tempo, mas Ali não tinha sido tão feliz. Quando a

cabine explodiu, Ali ainda estava dentro. Ou não era ela? Havia muitos rumores de que ela não conseguiu sair viva. A história toda foi a público agora, incluindo o interruptor duplo, e mesmo que ela fosse uma assassina de sangue frio, algumas pessoas ainda estavam fascinados com a verdadeira Ali como sempre ocorria.

Pessoas afirmaram ter visto Ali em Denver, ou Minneapolis, ou Palm Springs. As meninas tentaram não pensar nisso. Elas tiveram que seguir em frente. Elas não tinham nada a temer.

Duas figuras apareceram no topo do penhasco. Um deles foi Noel Kahn, namorado de Aria, o outro era Mike Montgomery, seu irmão e namorado de Hanna.

As meninas remaram para as etapas esculpidas na rocha.

Noel entregou a Aria uma toalha grande bem fofa que tinha as falésias de Negril na Jamaica costurada na parte inferior na linha vermelha.

— Você fica tão sexy nesse biquíni — disse Noel.

— Sim, certo — Aria abaixou a cabeça e olhou para os seus membros pálidos.

Certamente não tão quente quanto as deusas louras que ficavam passando óleo o dia todo em seus braços longos e pernas que já eram bronzeados . Se ela tivesse pego Noel verificando-os, ou era apenas paranóia ciumenta para obter o melhor dela?

— Estou falando sério — Noel belsizou a bunda de Aria . — Eu fiquei segurando sua skinny-dipping nesta viagem. E quando fomos à Islândia, e ficamos nus nas piscinas geotérmicas — completou Noel. Aria corou.

Noel deu uma cotovelada nela.

— Você está empolgado com a Islândia, não é?

— Claro. — Noel havia surpreendido Aria com ingressos para ela, ele mesmo, Hanna, e Mike para irem à Islândia neste verão com todas as despesas pagas pela sua família.

Aria certamente não poderia dizer que havia ficado três anos numa ilha bucólica na Islândia depois que Ali desapareceu. Mas ela sentiu uma estranha resistência sobre a viagem, um pressentimento estranho que ela não deveria ir. O porque, ela não tinha certeza.

Depois que as meninas caíram em suas cangas, vestidos de praia e no caso de Emily em uma enorme camiseta Urban Outfitters com as palavras Merci Beaucoup impressos na frente, Noel e Mike as levaram a uma mesa no restaurante panorâmico tropical.

Toneladas de outros adolescentes também de férias de primavera estavam no bar, paquerando e tomando algumas doses. Um nó de meninas em mini-vestidos e saltos altos, tiras riram em um canto. Rapazes altos e bronzeados em calções pólo confortáveis calçando tênis da puma brindavam com suas garrafas de cerveja enquanto conversavam sobre esportes. O ar tinha um pulso elétrico, que brilhava com uma promessa de conexões ilícitas, memórias bêbadas, e nadadas altas horas da noite na piscina do resort de água salgada.

O ar também vibrava com outra coisa, algo que as quatro meninas perceberam instantaneamente. Excitação, certamente. . . mas também uma pitada de perigo. Parecia uma daquelas noites que tudo poderia ir de maravilhosamente bem. . . para terrivelmente errada.

Noel perguntou:

— Bebidas? O que vamos pedir?

— Red Stripe (a clássica cerveja da Jamaica) — Hanna respondeu. Spencer e Aria acenaram com a cabeça em concordância

— Emily? — Noel virou para ela.

— Somente uma cerveja de gengibre — disse Emily.

Spencer tocou em seu braço e disse

— Você está bem?

Emily não era uma grande festeira, mas era estranho que ela não estivesse aproveitando pelo menos um pouco das férias.

Emily apertou a mão sobre a boca. Em seguida, levantou-se desajeitadamente da mesa e correu em direção ao banheiro pequeno no canto.

— Eu só tenho que. . . — Emily não conseguiu completar.

Todo mundo viu como ela costurou em torno das crianças na pista de dança e se enfiou às pressas pela porta rosa do banheiro. Mike fez uma careta e disse: — Isso é a vingança de Montezuma, o Imperador Asteca.

— Eu não sei... — Aria disse. Eles tinham tido o cuidado de não beber água da torneira aqui. Mas Emily não tinha sido ela mesma desde o fogo. Ela tinha sido apaixonada por Ali. A menina que ela pensava ser sua melhor amiga e que tinha voltado para quebrar seu coração e tentar matá-la tudo isso deve ter sido duplamente devastador.

O telefone celular de Hanna zumbiu, quebrando o silêncio. Ela puxou-o para fora de sua bolsa de praia feita de palha e gemeu.

— Bem, é oficial. Meu pai está correndo para o Senado. Este idiota em sua equipe de campanha já está pedindo para se encontrar comigo quando eu voltar.

— Sério? — Aria pôs o braço em volta dos ombros da Hanna.

— Hanna, isso é incrível!

— Se ele ganhar, você vai ser uma Primeira Filha! — disse Spencer. — Você vai estar nas revistas da sociedade!

Mike arrastou sua cadeira para mais perto de Hanna.

— Posso ser seu agente do Serviço Secreto pessoal?

Hanna pegou um punhado de chips de banana de uma bacia em cima da mesa e empurrou-as em sua boca.

— Eu não vou ser a primeira filha. Kate vai — murmurou enraivada.

A enteada de seu pai e sua nova esposa eram agora sua verdadeira família agora. Hanna e sua mãe foram rejeitadas.

Aria bateu na mão de Hanna e as pulseiras do braço dela se agitaram em seu pulso.

— Você é melhor do que ela é, e você sabe disso.

Hanna revirou os olhos com desprezo. Ela era grata a Aria por tentar animá-la. Essa foi à única coisa boa que tinha saído da desastrosa Ali: As quatro eram melhores amigas novamente, com vínculo ainda mais forte do que na sétima série. Elas prometeram permanecer amigas para sempre.

Nada jamais iria ficar entre elas novamente.

Noel voltou com as bebidas, e todo mundo brindou e disse: — Sim, mon! — Em seus acentos jamaicanos falsos. Emily voltou cambaleando do banheiro, ainda enjoada, mas sorriu com alegria quando tomou um gole da cerveja de gengibre.

Depois do jantar, Noel e Mike andaram até uma tabela de hockey no canto e começaram a trocar passes. O DJ aumentou o volume da música, e a voz de Alicia Keys começou a explodir no aparelho de som. Várias pessoas se contorciam na pista de dança. Um rapaz com cabelo castanho ondulado e um excelente físico chamou a atenção de Spencer e acenou para ela se juntar a ele.

Aria cutucou Spencer.

— Vá em frente Spence!

Spencer virou corando. E tentou disfarçar.

— Ele parece o remédio perfeito para você esquecer o Andrew — Hanna insistiu.

Andrew Campbell, o namorado de Spencer, tinha terminado com ela há um mês, aparentemente o calvário de Spencer com Ali e A fora —uma barra muito intensa" para ele segurar. ||Coitadinho||

Spencer olhou para o cara na pista de dança novamente. Na verdade, ele era bonito em seus longos shorts cáqui e sapatos de

barco. Então ela viu a insígnia em sua pólo. EQUIPE DE

PRINCETON. Princeton era a faculdade que ela queria cursar. Hanna se iluminou, percebendo a insígnia também.

— Spence! É um sinal! Vocês podem acabar sendo companheiros de dormitório!

Spencer desviou o olhar.

— Não é como se fosse certo de que conseguirei a vaga — Spencer completou.

As meninas trocaram um olhar surpreso.

— Claro que você vai — Emily disse calmamente.

Spencer pegou a cerveja e tomou um gole generoso, ignorando os olhares curiosos. A verdade era que se descuidara nos últimos meses com seus trabalhos escolares, após a sua suposta BFF tentar matá-las? A última vez que verificou algo com o seu orientador sobre sua posição na classe, havia escorregado ao vigésimo sétimo lugar.

Ninguém ficou tão baixa que nunca entrou em uma das universidades da Ivy (Brown, Columbia, Cornell, Darmouth, Cambrigde, Pensilvânia, Princeton e Yale).

— Eu prefiro ficar com vocês meninas — disse Spencer. Ela não queria pensar sobre a faculdade nas férias.

Aria, Emily, e Hanna encolheram os ombros, então, ergueram os copos mais uma vez.

— A nós — disse Aria.

— A nossa amizade — Hanna concordou.

Cada uma das meninas deixou suas mentes vagarem para um lugar zen, e pela primeira vez em dias, elas não pensaram automaticamente em seu passado horrível. Nem as mensagens de A voltaram a se formar em suas mentes. Rosewood parecia um sistema solar diferente.

O DJ colocou para tocar uma música antiga da Madonna, Spencer se levantou dizendo: — Vamos dançar galera.

Os outros começaram a saltar para cima também, mas Emily agarrou o braço de Spencer com força, puxando-a de volta para baixo dizendo: — Não se mova.

— O quê? — Spencer olhou para ela. — Por quê?

Olhos de Emily eram discos, o seu olhar fixo em algo pela escada em espiral.

— Olhem.

As meninas se viraram e olharam. Uma garota magra, loura em um vestido amarelo brilhante apareceu no corredor. Ela tinha olhos azuis impressionantes, lábios alinhados e rosas, uma cicatriz sobre sua sobrancelha direita. Mesmo de onde elas estavam sentadas poderiam distinguir mais cicatrizes em seu corpo: pele enrugada em seus braços, lacerações em seu pescoço, a carne seca em suas pernas nuas. Mas, apesar das cicatrizes, ela irradiava beleza e confiança.

— O que é isso? — Aria murmurou.

— Você a conhece? — perguntou Spencer.

— Não consigo ver — Emily sussurrou, sua voz estava trêmula .
— Isso não parece óbvio?

— O que supostamente estaríamos vendo? — Aria disse suavemente, preocupada.

— Aquela garota — Emily virou-se para elas, seu rosto estava pálido e seus lábios sem sangue. — É... Ali.

DEZ MESES DEPOIS...

[http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?
cmm=34725232](http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34725232)